



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NEUSA HELENA ROCHA BARBOSA

**Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo**

BRASÍLIA  
2014

NEUSA HELENA ROCHA BARBOSA

**Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação ambiental e educação do campo – EAEC

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Margarida Lessa Catalão

BRASÍLIA  
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1015142.

B238n Barbosa, Neusa Helena Rocha.  
Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo / Neusa Helena Rocha Barbosa. -- 2014.  
199 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Vera Margarida Lessa Catalão.

1. Ecologia humana. 2. Educação ambiental.  
3. Sustentabilidade. I. Catalão, Vera Margarida Lessa.  
II. Título.

CDU 37:502.31

NEUSA HELENA ROCHA BARBOSA

## **Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração educação ambiental e educação do campo – EAEC, pela banca examinadora composta pelos membros:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Margarida Lessa Catalão (Presidente)  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. José Vicente de Freitas (Membro externo)  
Universidade Federal do Rio Grande

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Chalub Martins (suplente)  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade de Brasília

## **DEDICATÓRIA**

À Barbara, Gabriela e Pedro por me darem a oportunidade de gerá-los e desfrutar de suas convivências com amor e respeito.

Ao Pedro Ivo, homem que escolhi para dividir a vida como parceiro de jornada.

Às nossas águas internas e externas que circulam no planeta e nos mantêm vivos.

A todos aqueles, homens e mulheres que, dispostos aprender com a diversidade, possuem um olhar transdisciplinar, inclusivo e aberto ao encantamento.

A todos que buscam a harmonia entre os valores femininos e masculinos e dedicam a sua vida à causa socioambiental por entenderem que somos unos com a natureza.

## AMOR E GRATIDÃO

Aos meus pais e nossos ancestrais que me propiciaram a existência e contribuíram com a minha formação como ser.

Ao Pedro Ivo, companheiro de vida, que me inspira a levar uma vida mais amorosa, leve e fluida, como a água.

Às minhas filhas e filho que me fazem um ser melhor a cada dia.

À mestra, querida orientadora, Vera Catalão, que com a sua sabedoria e amor pelas águas me inspirou e me conduziu nesse caminho.

Ao amigo, José Vicente de Freitas pelo apoio e incentivo ao retorno à academia e a parceria no fortalecimento da Educação Ambiental em nosso país.

Às professoras Leila Chalub, Tereza Cristina Cerqueira e Cláudia Pato por me instigarem ao exercício acadêmico da pesquisa e me proporcionarem aprendizagens por meio do exercício de suas profissões.

Às amigas, Tereza Moreira, que leu pacientemente o texto e fez sugestões, Ananda Zinni pela correção ao texto e incentivo a seguir em frente, a Maria Thereza Teixeira pela sua amizade, carinho e olhar detalhista.

A Yara Magalhães e Mirella Faur pelo amor que transmitem, solicitude e disponibilidade para repassar os conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas.

Às Amigas Elisa Sette e Liliana Salvo, pessoas queridas e inspiradoras que foram presença em vários momentos desse percurso.

A amiga Rita Silvana pela inspiração, incentivo e apoio nessa jornada acadêmica.

Ao grupo de estudos sobre o livro de Theodor Schwenk - O caos Sensível, por me descortinarem o mundo das águas e me fazerem percebê-la em todos os lugares e formas de vida.

Às mulheres e homens que estiveram nas vivências das oficinas propostas para a elaboração desse trabalho de pesquisa, dando-me a oportunidade de aprender sobre a relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água.

Às águas que circulam dentro e fora de mim, de todos os seres e da mãe Terra.

## **Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo**

### **RESUMO**

A pesquisa *Navegando nas Águas da Ecologia Humana e do Feminino Profundo* objetivou desvelar a singularidade da relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água. Buscou explicitar como a subjugação do feminino profundo se reflete na crise ambiental e na exploração predatória da água; elucidar o papel da dimensão simbólica da água para mediar, refletir e sustentar uma relação de pertencimento com a natureza e para o resgate do feminino, e experienciar estratégias ecopedagógicas que possibilitem a emergência da relação entre as temáticas. Tivemos como referencial Maturana, Morin, Nicolescu, Capra, Boff, Eslei, entre outros autores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, etnográfica com abordagem metodológica transdisciplinar. Utilizou a escuta sensível, a análise dos conteúdos e a descrição densa como procedimento analítico. As estratégias e atividades utilizadas na pesquisa – oficinas vivenciais e entrevistas – colaboraram para evidenciar a singular relação entre os temas e confirmar o que já intuíamos: o feminino é a capacidade de criar, incluir, agregar, cuidar, tecer, planejar e sonhar junto. Além disso ampliou a noção de que o patriarcado está intimamente ligado ao antropocentrismo que identificou a mulher com a natureza considerando ambas inferiores ao homem, e passíveis de exploração. Reforçou ainda que a cooperação, a amorosidade, o cuidado e a solidariedade podem ser a chave para que o resgate do feminino do profundo possa acontecer restaurando a relação – humanidade e natureza. As considerações finais apontaram a necessária conquista da sustentabilidade através do cuidado para com a água e do resgate do feminino profundo em homens e mulheres.

**Palavras chaves:** Ecologia Humana, ecopedagogia, sustentabilidade, feminino Profundo e Água.

## **Navigating on the Waters of the Human Ecology and the Deep Feminine**

### ***ABSTRACT***

The research "Navigating on the Waters of the Human Ecology and the Deep Feminine" aimed to unveil the singularity of the relationship between human ecology, the deep feminine and the water. Sought to explain how the subjugation of the deep feminine is reflected on the environmental crisis and on the predatory exploration of water; elucidate the role of the symbolic dimension of water to mediate, reflect and sustain a "relationship of belonging" with the nature and to the rescue of the feminine, and experience the ecopedagogical strategies that allow the emergence of the relationship between these themes. We had as reference Maturana, Morin, Nicolescu, Capra, Boff, Eslei, among other authors. This is a qualitative research, ethnographic, with a transdisciplinary methodology. Used the sensitive listening, the analysis of the content and the dense description as analytical procedure. The strategies and procedures used in the study – experiential workshops and interviews – collaborated to evidence the unique relationship between the themes and confirm what has intuited: the female is the ability to create, include, take care, weave, plan and dream together. Also expanded the notion that patriarchy is closely related to anthropocentrism which identified the woman with nature considering both inferior to man, and exploitable. It also strengthened that cooperation, lovingness, care and solidarity can be the key to the redemption of the deep feminine can happen restoring the relationship - humanity and nature. the final conclusions indicate the necessary achievement of sustainability through the care with water and the rescue of the deep feminine in men and women.

**Keywords:** Human Ecology, ecopedagogy, sustainability, deep feminine and water.



## **Navegando en las Aguas de la Ecología Humana y del Femenino Profundo**

### ***RESUMEN***

La investigación Navegando en las Aguas de la Ecología Humana y del Femenino Profundo objetivó desvelar la singularidad de la relación entre la ecología humana, el femenino profundo y el agua. Buscó explicitar como la subyugación del femenino profundo se refleje en la crisis ambiental y en la explotación predatoria de la agua; elucidar el papel de la dimensión simbólica de la agua para mediar, reflejar y sostener una relación de pertenencia con la naturaleza y para el rescate del femenino, y experimentar estrategias eco pedagógicas que posibilitan la emergencia de la relación entre las temáticas. Tuvimos como referencial Maturana, Morin, Nicolescu, Capra, Boff, Eslei, entre otros autores. Trata de una investigación cualitativa, etnográfica con abordaje metodológico transdisciplinaria. Utilizó la escucha sensible, el análisis de los contenidos y la descripción densa con procedimiento analítico. Las estrategias y procedimientos utilizados en la investigación – talleres vivenciales y entrevistas – colaboran para evidenciar la singular relación entre los temas y confirmar lo que ya intuíamos: El femenino es la capacidad de crear, agregar, cuidar, tejer, planificar, y soñar juntos. Además, amplió la noción de que el patriarcado está estrechamente vinculada con el antropocentrismo que identificó a la mujer con la naturaleza considerando ambas inferiores al hombre, y sujetos de explotación. Fortaleced aun que la cooperación, la amorosidad, la solidaridad pueden ser la clave para que la redención del femenino profundo pueda suceder, la restauración de la relación- humanidad y naturaleza. Las consideraciones finales apuntarán la necesaria conquista de sostenibilidad a través del rescate del agua y del femenino profundo en hombres y mujeres.

**Palabras claves:** Ecología Humana, Eco Pedagogía, Sustentabilidad, Femenino Profundo y Agua.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho do Rio da Vida.....	114
Figura 2 - Desenho do Rio da Vida.....	114
Figura 3 - Desenho de Margarida.....	119
Figura 4 - Representação de Camila.....	119
Figura 5 - Representação de Renata.....	121
Figura 6 - Representação de Clara.....	122
Figura 7 - Representação de Amália.....	122
Figura 8 - Representação de Joana.....	123
Figura 9 - Produção em dupla.....	142
Figura 10 - Produção em quarteto.....	142
Figura 11 - Produção do texto.....	143
Figura 12 - Produção da imagem.....	143
Figura 13 - Desenho coletivo.....	151
Figura 14 - Desenho do Rio da Vida - 2ª oficina.....	153
Figura 15 - Desenho Rio da Vida - 2ª oficina.....	153
Figura 16 - Desenho de Antônio.....	155
Figura 17 - Desenho de Cintia.....	157
Figura 18 - Desenho de Bernardo.....	158
Figura 19 - Construção do texto.....	160
Figura 20 - Construção do texto.....	160
Figura 21 - Desenho síntese.....	170

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação entre o tempo cósmico e o terrestre .....	28
Quadro 2: Relação entre acontecimentos e tempo cósmico .....	29
Quadro 3: Plano da primeira oficina .....	106
Quadro 4: Plano da segunda oficina .....	108

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
OBJETIVO GERAL .....	18
Objetivos específicos.....	19
CAPÍTULO 1 - MERGULHANDO NAS ÁGUAS DO FEMININO PROFUNDO .....	20
1 O FEMININO REFLETIDO NO ESPELHO D'ÁGUA .....	20
1.1 FEMININO PROFUNDO .....	22
1.2 O PODER DE DOMINAÇÃO E O PODER DE PARCERIA .....	24
1.3 “TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO...” .....	26
1.4 CONSCIÊNCIA DA CRISE OU CRISE DE CONSCIÊNCIA? .....	34
1.5 A TERRA É FUNDAMENTALMENTE ÁGUA.....	39
1.6 A IDENTIFICAÇÃO DAS MULHERES COM A NATUREZA.....	42
CAPÍTULO 2 - ÁGUA - O DESTINO ESSENCIAL .....	47
2 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA ÁGUA .....	47
2.1 A ÁGUA EM ALGUMAS TRADIÇÕES ESPIRITUAIS E NA LINGUAGEM MÍTICA .....	48
2.2 AS QUALIDADES DA ÁGUA.....	53
2.3 A ÁGUA COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO PARA O RESGATE DO FEMININO.....	58
CAPÍTULO 3 - A BONITEZA DO ENCONTRO .....	63
3.1 UM DIÁLOGO SOBRE ECOLOGIA.....	63
3.2 TUDO ESTÁ INTERLIGADO.....	66
3.3 ECOPELAGOGIA: EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE .....	70
3.4 A BIOLOGIA DO AMOR E SUA INTER-RELAÇÃO COM A SUSTENTABILIDADE DA VIDA.....	77
3.4.1 A biologia do amor no processo educativo.....	81
3.5 A ÁGUA COMO MATRIZ ECOPELAGÓGICA.....	85

3.6 CONTRIBUIÇÃO DO FEMININO PARA A ECOPELAGOGIA VOLTADA PARA A SUSTENTABILIDADE DA ÁGUA .....	88
CAPÍTULO 4 - O CAMINHO DAS ÁGUAS.....	93
4 METODOLOGIA DA PESQUISA .....	93
Com essa postura busquei reconhecer os pilares da transdisciplinaridade e realizar a pesquisa seguindo o caminho apontado pelos autores acima citados.....	98
4.1 COMO A PESQUISA FOI REALIZADA?.....	98
4.2 DETALHAMENTO DAS OFICINAS.....	105
4.3 NO FLUXO DAS ÁGUAS, CONFERINDO A ROTA: RELATO DAS OFICINAS.....	109
4.3.1 Primeiro momento: Rio da Vida.....	109
4.3.2 Segundo momento: Um mergulho nas águas do feminino profundo por meio de um conto ...	110
4.3.3 Terceiro momento: O encontro das águas .....	111
CAPÍTULO 5 - EM BUSCA DE ÁGUAS PROFUNDAS .....	113
5 ANALISANDO A QUALIDADE DAS ÁGUAS PARA MATAR A SEDE DE CONHECER.....	113
5.1 PRIMEIRA OFICINA .....	114
5.1.1 Desenho do Rio da Vida e história .....	114
5.1.1.1 <i>Sobre o Feminino</i> .....	114
5.1.1.2 <i>Sobre as águas</i> .....	118
5.1.1.3 <i>Sobre a ecologia humana</i> .....	126
5.1.2 A História .....	130
5.1.3 Texto coletivo.....	134
5.1.3.1 <i>Análise do texto</i> .....	144
5.1.3.2 <i>Qual o olhar sobre a Água?</i> .....	146
5.1.3.3 <i>Qual o olhar sobre a ecologia humana?</i> .....	148
5.1.3.4 <i>A arte fala por si só</i> .....	150

5.2 SEGUNDA OFICINA .....	152
5.2.1 Desenho do Rio da Vida.....	153
5.2.1.1 <i>Diálogos sobre o Rio da Vida</i> .....	154
5.2.2 A construção coletiva do texto .....	160
5.2.2.1 <i>O produto final</i> .....	163
5.3 ENTREVISTAS .....	172
5.3.1 Feminino e Mulher .....	173
5.3.2 Água .....	175
5.3.3 Educação e Cuidado .....	176
5.3.4 Mulher e Espiritualidade .....	178
5.4. RECAPITULAÇÃO INTERPRETATIVA DO TRAJETO VIVIDO .....	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	190
APÊNDICE 1 .....	197
APÊNDICE 2 .....	198
APÊNDICE 3 .....	199

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre a relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água e os seus desdobramentos para uma educação ambiental voltada para uma ecopedagogia da água.

O interesse pelo tema veio com a minha vivência como mulher, educadora e ambientalista e com o meu desejo de colaborar com a sustentabilidade da vida por meio da ecologia humana e do resgate do feminino profundo. Para isso, busco a ajuda do simbolismo da água, pois não me é fácil analisar e evocar o feminino pela linguagem puramente racional.

Como cidadã, engajei-me no movimento feminista nos anos 80 juntamente com a luta pela redemocratização do país. As bandeiras de não violência contra as mulheres, por direitos e igualdade de gêneros me fez usar as mesmas “armas” masculinas. Nos anos 90, engajei-me na causa socioambiental e fiz parte do movimento ambientalista. Porém, a forma de fazer política e a insatisfação com as organizações me levou a buscar um novo rumo e outros referenciais.

Foi nos idos dos anos 2000 que me deparei com a ideia de resgate do feminino profundo e com a organização de grupos de mulheres que trabalhavam nessa perspectiva. Desde então, tenho lido autores que trabalham com essa temática e frequentado círculos de mulheres para diálogos e vivências sobre o tema.

Na área da educação, trabalhei como alfabetizadora, supervisora escolar e como educadora ambiental ligada às políticas públicas nesse campo. Na minha atuação profissional, sempre tive preocupação com o desenvolvimento humano, a ecologia profunda e a educação ambiental.

Desta forma, as questões de pesquisa são também questões relevantes na minha trajetória de vida e, por isso mesmo, busco o sentido, a pertinência e a importância da temática para a transformação dos valores necessários a uma nova forma de pensar, de ser e estar no mundo, principalmente porque nos últimos anos, especialmente a partir da metade do século XX, o tema da ecologia e a preocupação com a sustentabilidade entram em cena como uma das graves

questões que a humanidade tem que enfrentar. E eu, no papel de pesquisadora, pretendo ampliar o olhar para essa temática.

Nesse trabalho, partirei de pressupostos teóricos de que a crise ambiental que presenciamos hoje tem como base de sustentação uma visão antropocêntrica e patriarcal, cuja relação entre humanos e natureza reflete a subjugação e a opressão histórica do feminino em homens e mulheres. E essa mesma visão se reflete na subjugação e devastação da natureza, em especial na exploração predatória da água.

O olhar sobre a relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água ganha importância tendo em vista a dimensão da atual crise ambiental planetária, que tem em seu cerne a relação entre humanos e natureza profundamente marcada por uma lógica exploratória e insustentável que molda o atual modelo de desenvolvimento. Nesse modelo, a utilização predatória da água assume grandes proporções quando esta não é reconhecida como um direito de todos (e também como portadora de direitos, mesmo que difusos) e, por isso, gera conflitos socioambientais e territoriais.

Suponho que o resgate do feminino profundo em homens e mulheres pode ser a chave para a sustentabilidade da vida em toda a sua sociobiodiversidade. Essa pode ser uma das maiores tarefas que temos como seres humanos: a manutenção da vida numa sociedade complexa, globalizada e articulada em redes, onde tudo está interconectado. Por isso, entendo que o tema possui relevância social, pois aponta para a necessária mudança de valores e posturas que se dará no plano cultural, onde o simbólico é incluído como elemento fundamental para a mobilização e transformação do *imprinting*<sup>1</sup> cultural que, segundo Morin (2000), marca o espírito de homens e mulheres nos modos de ser e de agir, refletindo na sociedade.

A dimensão simbólica será usada para discutir a questão do feminino e da água. O feminino aqui representado como um valor profundo, um princípio amoroso e colaborativo que

---

<sup>1</sup>- O *imprinting* é o termo proposto por Konrad Lorenz para dar conta da maneira indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém-nascido (como ocorre com o filhote de passarinho que, ao sair do ovo, segue o primeiro ser vivo que passe por ele, como se fosse a sua mãe), (...). O *imprinting* cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro selo da cultura familiar, da escolar em seguida, depois prossegue na universidade, na vida profissional. (MORIN, 2000, p.28)



reforça a capacidade de criar, incluir, acolher e cuidar, presente em homens e mulheres. E a água, como um elemento fundamental para a vida, capaz de circular e se movimentar entre a natureza e a cultura.

A questão ambiental é aqui percebida como a concepção que temos de ambiente social, cultural e de natureza. Pauta-se, portanto, por um enfoque socioambiental, que traz a complexidade na forma de entender as relações entre humanos e natureza.

Ao mesmo tempo em que as ideias sobre o ecofeminismo ganham repercussão por redefinir a luta feminista e repensar a sua ação no campo da sustentabilidade da vida, o resgate do feminino profundo ganha corpo através de estudos que trazem preocupações com a ecologia humana, a integridade do ser humano, da Terra e dos valores femininos de cooperação, cuidado e solidariedade.

Por outro lado, o olhar sobre a água ganha importância e nova significação na atual crise ambiental planetária. A água é um forte tema gerador e nele permeia a ética do cuidado em relação à diversidade da vida.

A relação do feminino profundo com a água e com a ecologia humana é um conteúdo fundamental e relevante para uma prática ecopedagógica coerente com a sustentabilidade da vida. Essa visão articuladora e relacional se coaduna com o pensamento complexo de Morin (2011), transdisciplinar de Nicolescu (1999) e com a biologia do amor de Maturana (1990).

Parto de uma questão central: Qual a relação singular entre ecologia humana, o feminino profundo e a água? Esta pergunta se desdobra em três questões que me instigaram à realização da pesquisa: De que forma a subjugação do feminino profundo se reflete na crise ambiental e na exploração predatória da água? Como a simbologia da água pode colaborar com a mediação, a reflexão e o sentimento de pertencimento à natureza, bem como colaborar com o resgate do feminino profundo? Que contribuições o resgate do feminino profundo pode trazer para uma ecopedagogia voltada para a sustentabilidade da água?

Para responder a tais questões, o trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresento argumentos que visam explicar como o feminino profundo e a exploração

predatória da água se refletem na crise ambiental, apontando os principais conceitos, abordagens e concepções adotadas pelos autores pesquisados.

No segundo, busco elucidar o papel e a dimensão simbólica da água para dar conta de mediar, sustentar e refletir a relação necessária de pertencimento dos humanos com a natureza, bem como para o resgate do feminino. Busco refletir sobre como a água, com seu simbolismo e características, nos ajudará nessa tarefa.

O terceiro capítulo trará observações sobre as contribuições que o resgate do feminino profundo poderá trazer para uma ecopedagogia ligada à sustentabilidade da água. O foco estará voltado para os princípios da ecopedagogia, pois esta atua na esfera da sensibilidade, na relação dos humanos com o cotidiano da vida, com o objetivo maior de ampliar a consciência planetária.

Na quarta parte do trabalho, descreverei a abordagem metodológica e os procedimentos de pesquisa que foram adotados para que os conteúdos pudessem emergir. Já no capítulo quinto, realizarei a análise interpretativa dos dados a partir de três categorias prévias - ecologia humana, feminino e água - além de outras correlatas que surgiram durante a realização do trabalho.

Por fim, seguirão as considerações finais sobre a pesquisa, apontando as lacunas como novas possibilidades de estudos. Afinal, os conhecimentos adquiridos geram novas questões em uma dinâmica espiralada e recursiva.

Estabelecer pontes entre as temáticas, compreender o que têm em comum, fazer interconexões, entender e desvelar a singularidade da relação da tríplice aliança ecologia humana – feminino profundo – água são, pois, desafios a serem empreendidos. Com isso apresento os objetivos a que me propus alcançar.

#### OBJETIVO GERAL

- Desvelar a singularidade da relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água.

### Objetivos específicos

- Explicitar como a subjugação do feminino profundo se reflete na crise ambiental e na exploração predatória da água.
- Elucidar o papel da dimensão simbólica da água para mediar, refletir e sustentar uma relação de pertencimento com a natureza e para o resgate do feminino.
- Identificar estratégias pedagógicas que favoreçam a emergência de uma relação subjetiva de amor e gratidão para a sustentabilidade da água.

## **CAPÍTULO 1 - MERGULHANDO NAS ÁGUAS DO FEMININO PROFUNDO**

*A força criadora escorre pelo terreno da nossa psique à procura de depressões naturais, os arroyos, os canais que existem em nós. Nós nos tornamos seus afluentes e sua bacia. Somos as suas piscinas naturais, suas represas, córregos e santuários. A força criadora selvagem escorre para todos os leitos de que dispomos, aqueles que nascemos bem como aqueles que escavamos com as nossas próprias mãos.*  
Clarissa Pinkola Estés

### **1 O FEMININO REFLETIDO NO ESPELHO D'ÁGUA**

Este capítulo busca responder como a subjugação do feminino profundo se reflete na crise ambiental e na exploração predatória da água. Para isso, parto do pressuposto de que o feminino e a água refletem a mesma lógica de subjugação e exploração.

Não é fácil responder a essa questão sem que outras surjam como água em turbilhão, que me deixa apreensiva por sua força e potência, e duvidosa de minha capacidade para enfrentá-lo. Morin, porém, traz o alívio necessário ao propor o exercício da dúvida, da incerteza, inclusive da incerteza sobre a dúvida, e apresenta a dimensão da flexibilidade e de um pensamento que relativiza e questiona o que está posto e acabado. Ele insiste em uma busca necessária:

Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as interdependências e as complexidades. (MORIN, 1977, p. 19).

Esta é a intenção: buscar um pensamento complexo que nos remeta a flexibilidade capaz de fazer emergir um conhecimento que se estabelece nas relações. Pretendo elucidar a relação singular entre os temas e, portanto, se faz necessário entender os seus significados. Para isso, eles serão vistos como unidades que, ao se relacionarem, fazem emergir algo novo ou algo que está submerso.

A teoria da complexidade está pautada pela relação e amplia o olhar para o que acontece nesse operar entre as unidades que compõem o todo. Morin (1977, p.13), na introdução ao método I, diz estar "cada vez mais convencido de que a ciência antropológica tem de articular-se

com a ciência da natureza, e de que essa articulação requer uma reorganização da própria estrutura do saber". Com isso, o autor busca rearticular conhecimentos que foram separados pela ciência moderna, para repensar o conceito de ser humano como um conceito triunitário entre indivíduo, sociedade e espécie, indicando não haver separação entre eles:

As três instâncias indivíduo, sociedade e espécie formam uma tríade inseparável. O indivíduo humano, mesmo na sua autonomia, é 100% biológico e 100% cultural. Apresenta-se como um ponto de um holograma que contém o todo (da espécie, da sociedade) mesmo sendo irredutivelmente singular. (MORIN, 2011, p. 19).

Para Morin, nós somos ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais e também espirituais. Por isso, somos seres da complexidade, afinal em nós se articulam a identidade e a diferença de todos esses aspectos. Tudo está em inter-relação e interconexão, de tal sorte que nada pode ser pensado isoladamente. Contudo, nos alerta o autor, temos que ter cuidado para não entrarmos num círculo vicioso, em que a concepção de conhecimento ou é fragmentada ou é totalizante e, com isso, simplificadora. Ele nos diz:

A escolha não se situa entre o saber particular preciso, limitado, e a ideia geral abstrata. Situa-se entre o luto e a investigação dum método capaz de articular aquilo que está separado e de unir aquilo que está dissociado. (MORIN, 1977, p. 19).

Na tentativa de não cair nessa visão simplificadora e dicotomizada, apresentarei o que se entende por feminino profundo e seu reflexo na concepção de natureza. Depois buscarei argumentos para demonstrar que a crise socioambiental que vivenciamos hoje é fruto de um paradigma dominante que gerou sérias consequências para a manutenção da sociobiodiversidade. Esse pensamento é o mesmo que subjuga o feminino e a natureza, em especial a água, por suas características comuns. Por fim, tento me aproximar da resposta à questão cujos temas estão imbricados. Digo aproximar, reconhecendo a complexidade do desafio que me proponho responder.

## 1.1 FEMININO PROFUNDO

Há algum tempo, testemunhamos a discussão sobre o resgate do feminino profundo. Inicia-se com o despertar das mulheres sobre a psicologia e a espiritualidade feminina por meio dos arquétipos das deusas, ampliando-se para um questionamento sobre a sociedade patriarcal e suas formas de dominação. Essas ideias partem de pressupostos da ecologia profunda, dos valores e dos relacionamentos interpessoais, bem como das relações dos humanos com as outras formas de vida.

Tal concepção do feminino diz respeito a homens e mulheres por se tratar de um valor que se articula com a energia feminina presente em cada pessoa. Esse princípio é tido como uma força espiritual, uma imagem primordial, um arquétipo, que aqui é entendido como o denominou Carl Jung (2008) – uma tendência instintiva:

... O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer o seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias. (...). A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época, em qualquer lugar do mundo - mesmo onde não seja possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes das migrações. (JUNG, 2008, p. 83).

O feminino profundo é entendido por alguns autores - Bolen (1990); Koss (2000); Neumann (2000); Estés (1992); Woolger (1989); Von Fraz (2008); Zweg (1994) - como um poder transcendente, uma dinâmica energética complexa e profunda que se encontra nas linguagens simbólicas, sejam elas das deusas, dos contos de fadas ou dos mitos. Nasce dentro das pessoas como princípios interiores e articula forças fundamentais para se questionar a própria forma de ser e conviver. Nesse sentido, é possível dizer, como Jung, que o símbolo pode ser uma ideia, uma emoção, uma imagem, um acontecimento ou qualquer outro objeto que, além do seu significado literal, nos permite entrar em outro nível de realidade, pois acessa um significado oculto ou inconsciente.

Clarissa P. Éstes (1997) define o princípio feminino como o arquétipo da Mulher Selvagem com o objetivo de resgatar a alma feminina ou a origem do feminino. Apesar de

escrever para as mulheres, o conteúdo de seu trabalho é muito amplo, pois usa as histórias como instrumento simbólico para se reerguer um arquétipo que ela considera submerso. A autora nos explica o porquê do uso do termo Mulher Selvagem:

... o termo selvagem neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. (...).

O arquétipo da Mulher Selvagem pode ser expresso em outros termos igualmente apropriados. Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que está por trás dela. (...). Na psicanálise e a partir de perspectivas diversas, ela seria chamada de *id*, de *self*, de natureza medial. Na biologia, ela seria chamada de natureza típica ou fundamental. (ESTÉS, 1997, p. 21-22).

Para Boff (2000a), o princípio feminino tem o caráter curador e liberta homens e mulheres de um paradigma dominante cujo centro está ligado a um tipo de poder que é machista e reducionista e está no cerne da crise que presenciamos na atualidade. O autor aponta a necessidade do resgate do princípio feminino para que haja maior inteireza e integridade no humano. Ele nos diz:

O homem que evoca em si e integra sua dimensão *anima* incorpora, junto ao seu vigor, a ternura; junto ao trabalho, a gratuidade; junto à razão, a emoção; junto ao *logos*, o *pathos* e o *eros*. Ele emerge mais humano, relacional, liberto das malhas que o desumanizam e desumanizam a mulher e a natureza. Agora, diferentes e juntos, podem construir o humano de forma dialética, tensa, dinâmica, aberta a novas e surpreendentes sínteses. (op.cit., p. 108).

Essa síntese é o que Riane Eisler chama de poder de parceria, um poder integrador que se contrapõe ao poder de dominação de uma polaridade sobre a outra.

## 1.2 O PODER DE DOMINAÇÃO E O PODER DE PARCERIA

Em seus estudos sobre a sociedade, a socióloga Riane Eisler (2007) leva em conta toda a história humana, bem como toda a humanidade feminina e masculina. A autora criou uma teoria chamada de Transformação Cultural, que identifica o poder de cooperação, parceria e colaboração com o cálice, símbolo do feminino; e a espada, símbolo do masculino, como o poder da guerra, da destruição e da dominação. Para ela, existem dois modelos básicos de sociedade: o dominador e o de parceria:

... O primeiro que chamo de modelo *dominador* é aquele comumente denominado patriarcado ou matriarcado: a metade da humanidade *classificada* como superior à outra metade. O segundo, no qual as relações sociais são baseadas num princípio de *conexão* ao invés de escalonamento, pode ser bem mais descrito como modelo de *parceria*. Nesse modelo, a diversidade (a começar pela diferença fundamental de nossa espécie: masculino e feminino) não equivale à inferioridade nem à superioridade. (EISLER, 2007, p. 30. Grifos da autora).

Essa teoria propõe que, na nossa evolução cultural, tivemos um momento inicial que apontava para uma organização social de parceria, mas depois houve uma mudança de orientação para o modelo de dominação. O modelo de parceria e convivência foi chamado por Eisler e por outros teóricos, como Gimbutas<sup>2</sup> e Maturana (2004), de matrístico, pois o termo matriarcal continuaria a demonstrar supremacia de um gênero sobre outro:

A palavra matrística conota uma situação cultural na qual a mulher tem uma presença mística que implica a coerência sistêmica acolhedora e libertadora do maternal fora do autoritário e do hierárquico. A palavra matrística, portanto, é contrária à palavra matriarcal, que significa o mesmo que a palavra patriarcal, numa cultura na qual as mulheres têm o papel dominante. Em outras palavras, a palavra matrística é usada para referir-se a uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrada numa cooperação não hierárquica, precisamente porque a figura feminina representa a consciência não hierárquica do mundo natural a que pertencemos os seres humanos, numa relação de participação e confiança, não controle nem autoridade, na

---

<sup>2</sup>- Arqueóloga que descobriu, em 1974, sítios arqueológicos com esculturas neolíticas da Europa que demonstravam que as figuras e símbolos femininos tinham centralidade naquele período histórico.



qual a vida cotidiana é vivida numa coerência não hierárquica com todos os seres vivos”. (MATURANA, 2004, p. 25).

Nessa cultura inicial, pré-patriarcal, as qualidades femininas orientavam para uma visão de mundo sistêmica, acolhedora, na qual ambos os gêneros, apesar dos conflitos, eram considerados fortes.

Os autores nos explicam que, numa sociedade onde predomina o poder do patriarcado, os homens que não estão em conformidade com essa concepção são considerados afeminados, fracos e desprovidos de valores. Ao mesmo tempo, as mulheres são oprimidas, discriminadas e desvalorizadas. Esse problema não está no masculino na condição de gênero, de sexo, mas na supervalorização do poder, da hierarquia, da força, enfim, da espada.

Augusto de Franco (2001), no texto *Sociedades de Dominação e Sociedades de Parceria*, faz referência a Eisler e Gimbutas para questionar a violência como inata ao ser humano e afirma que a ciência não nos obriga a pensar que essa é uma verdade para todos os tipos de ordem social:

... existia um outro tipo de sociedade. Uma sociedade na qual os seres humanos viviam em regime social de parceria, em relativa harmonia entre si e com a natureza. Para uma parte de tais pesquisadores foi a cultura patriarcal de algumas hordas seminômades de guerreiros (indo-europeus) que destruiu uma cultura uniforme e pacífica que se estendia por toda a Europa antiga, durante vinte mil anos, do paleolítico ao neolítico. (Gimbutas, 1977; 1980; 1981; 1991 e Eisler, 1987 apud FRANCO, 2001).

Ao escrever sobre o tema, o biólogo Humberto Maturana afirma que a agressão não é a emoção fundamental que define o humano, mas o amor, a coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. Reforça sua convicção de que não é a luta o modelo básico de relação humana, mas a colaboração. Para ele, a luta e a competição têm início com o patriarcado:

Falamos de competição e luta criando um viver em competição e luta, e não só entre nós, mas também com o meio natural que nos possibilita. Assim, dizem que nós, os humanos, devemos lutar e vencer as forças naturais para sobreviver, como se isso tenha sido e seja a forma normal do viver. Mas não é assim. A história da humanidade na guerra, na dominação que subjuga, e na apropriação que exclui e nega o outro, se origina com o patriarcado. Na Europa, que é nossa fonte cultural, antes do patriarcado se vivia na

harmonia com a natureza, no gozo da congruência com o mundo natural, na maravilha de sua beleza — não na luta com ela. (MATURANA, 2009, p. 34).

Para Cláudio Naranjo, médico, psiquiatra e educador chileno, a cura dos males do mundo envolve ir além do patriarcado e resgatar o princípio matrístico da vida. Segundo ele, "foi a condição patriarcal da sociedade quem determinou que as tendências agressivas e competitivas do homem se expressassem, mais do que a ternura e a cooperação, associadas à maternidade e ao feminino" (NARANJO, 2006, p.106).

Segundo o autor (op. cit., p.79), o poder do feminino não se expressou como um domínio das mulheres, mas do poder dos grupos, da primazia das relações, do espírito comunitário e do cuidado. E assim, quando o domínio masculino se instaurou, há cerca de cinco mil anos, o predomínio dos valores guerreiros e da competição prevaleceram sobre os valores amorosos e da cooperação. Assim, para Naranjo, está claro que o mal-estar da sociedade contemporânea relaciona-se com esse desequilíbrio.

Ainda segundo o autor, o domínio masculino é a referência que temos, pois vivemos sob ele há cinco mil anos.

### 1.3 “TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO...”

*Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo...*

Caetano Veloso

A temporalidade pode ser abordada de diversas formas se a observamos com o olhar transdisciplinar que reconhece diversos níveis de realidade. Esse olhar, que está para além dos conteúdos disciplinares, possibilita o alargamento de nossa visão sobre o objeto de pesquisa e nos dá a condição necessária para o reconhecimento do que nos diz a teoria – a realidade não possui uma única dimensão, mas diversos níveis. Esse é um dos três pilares da transdisciplinaridade, que

provém da física quando esta reconhece pelo menos dois níveis de realidade, o macrofísico e o microfísico.

Para Nicolescu (1999, p.28), "a realidade é, em primeiro lugar, aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas". O autor afirma que é preciso dar uma dimensão ontológica à noção de realidade:

A realidade não é apenas uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela é também uma dimensão trans-subjetiva, na medida em que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica. (op. cit., p. 29).

Essa concepção abre as portas para um diálogo importante com outras formas de conhecimento que não o científico, acadêmico e reconhece o valor da dimensão cultural e das tradições espirituais construídas pela humanidade ao longo do tempo.

O autor afirma que não é possível compreender os outros níveis de realidade a partir de um único nível e, por isso, há um princípio da relatividade que surge da coexistência aberta entre os diversos níveis de realidade. Vejamos o que ele escreve sobre esse princípio de relatividade:

Um nível de realidade só é aquilo que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Esse Princípio da Relatividade dá origem a uma nova maneira de olhar a religião, a política, a arte, a educação, a vida social. E quando a nossa visão de mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a realidade não é apenas multidimensional, é também multirreferencial. (NICOLESCU, 1999, p. 61).

Dessa forma, pode-se falar de um tempo que comporta diversos níveis, das emoções, da alma, da natureza, assim como do tempo do relógio, dos calendários e cronogramas. De um tempo dominado por Cronos, que "engole os seus filhos" e de um tempo Kairós, que reconhece a linguagem dos ciclos, do momento certo e das oportunidades que vêm do momento presente.

Para Pineau (2004, p.13), "o tempo é a medida do movimento. Não apenas sua contabilização, sua quantificação, sua medida, mas também sua afinação, seu ritmo, seu tom, sua qualidade, seu sentido". O autor alerta para o que ele denomina de *mal social profundo*, chamado por ele de '*esquizocronia*' determinada pela *lei da hora*.

Através de uma divisão universal e mecânica em quantidades uniformes e equivalentes, ela corta temporalidades vivas (os biorritmos), físicas, metafísicas, cósmicas e pessoais. O relógio é para o homem o que a coleira é para o cão: o instrumento de domesticação. E as experiências vividas do tempo são em grande parte experiências de impotência. A luta contra o Cronos e contra o cronos – sua concretização moderna – parece ser, na verdade, uma luta sem esperança. (PINEAU, 2004, p. 14).

Não pretendo fazer uma profunda reflexão sobre o tempo e suas diversas perspectivas, mas observá-lo numa dinâmica entre o passado, o presente e o futuro para entender como se deu a passagem de um modelo de sociedade para outro e como essa tida '*esquisocronia*' pode nos alienar e nos levar à coisificação das relações entre humanos e natureza.

Sabe-se que o ser humano caminha na Terra há muito mais que 100 mil anos. Se pensarmos que os Sumérios viveram há quatro mil anos a.C. e que podemos acrescentar mais dois mil anos como margem de folga, não podemos deixar de nos questionar: o que fizemos com os aproximadamente 92 mil anos restantes? Como podemos desprezar essa quantidade de tempo? Qual o tempo de vida do planeta e como a humanidade o viveu?

Dessa forma, apresentarei um resumo feito por Hathaway e Boff (2012) sobre o tempo da Terra numa perspectiva cósmica com o intuito de ampliar o discernimento sobre a crise que enfrentamos. Os autores fazem a seguinte equivalência para imaginarmos a evolução de nossas ações sobre o planeta:

Quadro 1: Relação entre o tempo cósmico e o terrestre

<b>Tempo Cósmico</b>	<b>Tempo Terrestre</b>
1 mês	12,5 milhões de anos
1 dia	411.000 anos
1 hora	17.000 anos
1 minuto	285 anos
1 segundo	4,74 anos

Desse ponto de vista, teremos a seguinte cronologia:

Quadro 2: Relação entre acontecimentos e tempo cósmico

Acontecimentos	Tempo cósmico
Nascimento da Terra	Ano 70
Nascimento dos oceanos e aparecimento de bactéria unicelulares	Ano 73
Reprodução sexual e morte dos organismos singulares	Ano 93
Aparecimento dos primeiros organismos multicelulares	Ano 95
Aparecimento de sistemas nervosos e dos primeiros organismos vertebrados.	Ano 97
Mamíferos, dinossauros e plantas floridas	Meio do Ano de 98
Asteróides caem sobre a Terra e destroem muitas espécies, inclusive os dinossauros	5 meses- depois a vida refloresce de forma exuberante
Nascimento dos humanos e a sua forma bípede	12 dias
Surgimento do <i>Homo habilis</i>	6 dias
Conquista do fogo pelo <i>Homo erectus</i>	1 dia
Surgimento do <i>Homo sapiens</i>	Doze horas (150 mil anos terrestres)
Impacto do desenvolvimento humano (revolução agrícola, revolução industrial, colonização)	2 minutos
Destruição ecológica: (metade das florestas do planeta, efeito estufa, início do aquecimento global, buraco na camada de ozônio, 65% de perda de terras cultiváveis, processo de desertificação de 15% das terras do planeta, entrada de produtos químicos e tóxicos no ar e na água, produção de dejetos nucleares, extinção de espécies animais e vegetais, etc.)	12 segundos
Estimativas de desaparecimento de 50% de todas as espécies se a tendência continuar.	7 segundos (próximos 35 anos)

Nesse pouco tempo de existência da espécie humana, vivemos várias fases em nossa evolução. Na era Paleolítica, vivíamos em tribos e infere-se que a cooperação era fundamental para a manutenção da vida. Não está se falando de gentileza, mas de cooperação como um mecanismo de sobrevivência da espécie humana, como nos diz Maturana:

A humanidade começou, há mais ou menos três milhões de anos, com a conservação – geração após geração – de um modo de viver em conversações que envolviam a colaboração dos sexos na vida cotidiana, (...). Nossa biologia atual é o presente dessa história. (...) Desse modo, a maior parte do humano deve ter transcorrido na colaboração dos sexos, não na divisão do trabalho que vivemos hoje em nossa cultura patriarcal (...) que nega a colaboração. (MATURANA, 2004. p. 18-19).

Como nesse período éramos nômades, supõe-se que o poder era exercido de forma rotatória, transitória pelo líder mais habilidoso. Entende-se, com isso, que a posse atrapalhava a sobrevivência. Essa ideia de que o homem das cavernas era violento, opressor de mulheres, dominador, pode ser considerado um mito, pois havia poucos humanos no planeta e, por isso, o apoio de uns aos outros se tornava fundamental para a sobrevivência.

Os achados arqueológicos revelam que as pinturas rupestres tinham um padrão, um estilo que durou 25 mil anos e eram feitas nas profundezas das cavernas, que serviam como lugar de encontros e celebrações. Da mesma forma que as pinturas, foram encontradas também estatuetas femininas na Europa pré-histórica. Segundo Eisler (2007), elas podem significar representação de deidades femininas e de como eram identificadas com o poder de gerar, sustentar e retirar a vida. Com isso, pressupõe-se que havia um culto à Grande Deusa Mãe, pelo fato de a vida emergir do corpo de uma mulher, bem como o reconhecimento de que humanos e meio ambiente eram unos e, portanto, havia uma sacralidade e respeito à natureza.

A autora ressalta que na cosmovisão dos povos dessa época, a religião e a vida estavam totalmente imbricadas. Alguns autores, segundo Eisler (op. cit.), tendem a reforçar que se a sociedade não foi patriarcal, foi matriarcal, tendo sempre um gênero dominando o outro, como uma norma de conduta humana. Porém, a autora reforça que as evidências comprovam que essa tese não possui consistência. O fato de, nessas sociedades, a mulher exercer um papel central não significa que os homens eram subservientes. Tanto homens como mulheres, na condição de filhos da Deusa Mãe, exerciam o poder em parceria e compartilhamento. Portanto, a organização social não pode ser denominada de matriarcal.

Supõe-se que, há aproximadamente cinco mil anos, apareceu o poder central, a estratificação social e a separação do ser humano e natureza. E, há cerca de sete mil anos, iniciou-se um padrão desintegrador das velhas culturas neolíticas. Para Eisler (op. cit.), existem

evidências de invasões, destruições e catástrofes naturais que provocaram uma destruição em grande escala, tanto no plano físico como no plano cultural das sociedades que adoravam a Deusa. Isso se deu, segundo a autora, no quinto milênio antes de Cristo e somente dois mil anos depois surgiram as civilizações do Egito e da Suméria.

Tais invasões, segundo a autora, foram promovidas pelos chamados povos indo-europeus, que trouxeram consigo os seus deuses e seus preceitos morais fundados na autoridade, na hierarquia, no masculino e no patriarcado. As relações que antes eram de cooperação passaram a ser de competição e o poder compartilhado passou a ser centralizado.

Maturana (2004), pensa que a história da humanidade segue a trajetória do emocionar e que as ideias, símbolos e valores são elementos que orientam a nossa vida. Por isso, diz que é preciso olhar para a história através do emocionar humano. Para ele, o emocionar e a linguagem estão entrelaçados e sustenta que a cultura é uma rede de conversações. Dessa forma, afirma que as mudanças culturais ocorrem quando se modificam as conversações. Ele ressalta que:

A maneira de conviver, conservada geração após geração, desde a constituição de uma cultura como linhagem – ou como um sistema de linhagens nas quais é mantido um certo modo de convivência –, é fundamentalmente definida pela configuração do emocionar. Este, por sua vez, determina a rede de conversações que é vivida como o domínio específico de coordenações de ações e emoções, que constitui essa cultura como modo de convivência. (op. cit., p. 14).

O autor afirma que, por meio da apropriação, da subjugação e da dominação, constituiu-se a cultura que fundamentou o patriarcado, criando o espaço psíquico que tornou possível a destruição da colaboração e da vida matrística, instituindo a servidão e a escravidão na nova cultura patriarcal. E qual é esse modo de viver? Qual a diferença entre o modelo matrístico e o patriarcal? Para o autor, a cultura patriarcal valoriza a guerra, a competição, a luta, o crescimento, a apropriação dos recursos naturais, a racionalidade, o pensamento linear, o controle e a dominação. Nessa cultura, vivemos controlando e utilizando o mundo natural como recurso a ser explorado. Tentamos exercer o controle sobre a natureza, as outras pessoas e até sobre nós mesmos. Fala-se sempre que precisamos controlar nossas ações e emoções, por exemplo.

Na cultura matrística, argumenta o autor, o viver está centrado na sensualidade do cotidiano e as atividades levam em consideração o respeito mútuo, inclusão, colaboração, compreensão, cuidado e o reconhecimento de que a emoção básica que fundamenta o social é o amor.

Como vivemos em uma sociedade patriarcal, androcêntrica, cujo poder exercido é o poder de dominação, abordarei os princípios femininos e masculinos levando em consideração alguns aspectos relacionados também à questão de gênero que reforçam os valores e as relações humanas.

Muraro (2000) escreve um trabalho intitulado *Textos da Fogueira* para tratar da relação de poder do masculino sobre o feminino. Para ela, esse poder nasce pela manipulação do sagrado, que justifica a violência dita como legitimada por Deus. Nessa lógica, a sexualidade é considerada pecado, o que torna, por isso mesmo, a mulher perigosa.

A autora tenta desmistificar a “cara satânica” da sexualidade para justificar o poder de dominação de um gênero sobre outro. Afirma também que a caça às bruxas teve um pano de fundo econômico, pois com a ida dos homens para as cruzadas, que duraram quatro séculos, as mulheres tornaram-se donas de terra e assumiram o poder cultural. A caça às bruxas começa com o retorno das cruzadas. Na inquisição, “85% das pessoas queimadas foram mulheres. É um número monumental. Havia cidades que tinham 800 mulheres e, num dia só perderam 789, como a cidade de Trier, na Baviera, por exemplo”. (MURARO, 2000, p.39).

Nessa mesma obra, ela cita o livro da inquisição chamado *O Martelo das Feiticeiras*, escrito em 1484 por dois frades dominicanos. Logo nas primeiras frases, em resumo, o inquisidor diz:

O homem tem três instâncias, a primeira é o espírito governado por Deus; a segunda é a vontade, que é governada por um anjo; a terceira é o corpo governado por uma estrela (no sentido astrológico). E Satanás que é um espírito imundo, só pode chegar no homem pelo corpo, e principalmente pelos órgãos sexuais, porque os órgãos sexuais são o local da mulher. A mulher é cúmplice de Satanás, porque ela cometeu o pecado original. (MURARO, 2000, p. 39).



A autora ressalta que as teses centrais desse manual, *Malleus Maleficarum*, estavam na perseguição às mulheres por serem ligadas essencialmente à sexualidade e que as feiticeiras se encontravam entre as mulheres *orgásticas e ambiciosas*. Por sentirem prazer, eram consideradas cúmplices do demônio e, por isso, eram culpadas de tudo: chuvas de granizo, inundações, pestes sobre os homens, outros animais e sobre as plantações, sobre a infertilidade das mulheres, sobre o aborto, enfim sobre tudo.

E por qual motivo essa “loucura” vingou? Qual a lógica? Para Muraro (2000), foi a repressão à mulher que fortaleceu o patriarcado e possibilitou as condições para que surgisse, nessa época, a noção de pátria, não como mãe, mas como pai e, para o advento de um tipo de mulher:

... As mulheres já não trabalhavam mais fora, elas voltavam em massa para casa. Nasce então a figura da dona de casa, da mulher santa, da mãezinha dedicada. (...). Começa a formar-se no século XVIII a família nuclear como é constituída hoje. Ela se solidifica, pois, com o fim da caça às bruxas. E principalmente aparece a mulher inorgástica e histérica (que somos nós!) que Freud estudou no fim do século XIX. E nasce também como consequência disso tudo o amor dissociado do corpo. .... (op. cit., p. 41).

Com isso, nos diz Muraro, se abre a possibilidade para a industrialização do mundo, para o progresso, a comunicação de massas, e o poder passa das oligarquias rurais para a burguesia industrial. Criam-se as condições para chegarmos à sociedade de consumo como conhecemos hoje.

Com a revolução industrial, surge também a destruição da natureza, que hoje chega a níveis alarmantes, colocando em jogo as condições de vida na Terra. Paradoxalmente, ressurgem também um feminino que teve que lutar para ser reconhecido e ocupar espaço nessa sociedade. As mulheres orgásticas e independentes começam a retornar no século XX com o feminismo.

Nessa breve história, sob o olhar das relações de gênero, temos o tempo como um elemento que nos coloca em contato com reflexões sobre o nosso modo de estar no mundo, que nos levou a presenciar um momento de profunda crise nas relações entre os humanos e desses com a natureza.

Muraro (2000) observa que 90% de todas as invenções da espécie humana foram feitas no último século. E, assim como o avanço científico dobra exponencialmente, suas consequências também dobram em um padrão de desenvolvimento insustentável, num tempo acelerado que gera a tida sociedade “esquizocrônica”.

Nada disso é novidade. Há mais de vinte anos, os cientistas nos alertam sobre os limites do crescimento, mas ainda é impactante olharmos para a aceleração e a velocidade com que os seres humanos se desenvolvem e se organizam. No entanto, esse desenvolvimento é desigual e a maioria não usufrui dos "benefícios" desse modelo.

Enquanto escrevo essas linhas me lembro de uma música que me faz refletir sobre o tempo que está passando e o quanto precisamos agir com sabedoria para alcançarmos um novo modelo de desenvolvimento, uma nova forma de ser e estar e perceber o mundo e, de como precisamos enfrentar o desafio de uma nova evolução proposta pela ecologia humana. Será que temos tempo a perder? Será que temos que ter paciência? O poeta nos diz que a vida é tão rara:

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para...

(...)

O mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência...

Será que é tempo que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara  
Tão rara..

(Lenine)

#### 1.4 CONSCIÊNCIA DA CRISE OU CRISE DE CONSCIÊNCIA?

A crise ambiental vem junto com a crise de paradigmas, pois, segundo os autores nos quais me referencio, foi um tipo de visão, de ciência que gerou a capacidade de subjugação da natureza tal como a conhecemos hoje. Contudo me pergunto: O que uma crise tem a ver com a outra?

Há uma enorme complexidade e diversidade daquilo que se constitui como crise ambiental. Parece não haver campo do fazer humano que não possua interface com essa problemática que é muito ampla e abarca desde a extinção de espécies animais, vegetais e dos ecossistemas, passando pela explosão demográfica, pela corrida armamentista, pela urbanização acelerada, pela exploração e contaminação de água, do ar e dos alimentos, pelo efeito estufa, pelas mudanças climáticas, pela devastação da natureza, até as questões políticas e econômicas, como a produção de alimentos, as monoculturas com uso de agrotóxicos, entre outras.

Contudo, não pretendo abordar todas essas questões. Quero apenas apresentar argumentos que apontem para uma visão que revele a identidade comum entre a lógica da desvalorização da natureza e da desvalorização do feminino e que se manifesta por meio de uma crise de paradigmas.

O que se entende por paradigma? Zylbersztajn (1997), ao escrever sobre *Revoluções Científicas e Ciência Normal na Sala de Aula*, explicou que a palavra paradigma foi utilizada pelo físico Thomas Kuhn quando publicou, em 1962, o seu estudo sobre *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Nessa obra, Zylbersztajn considerou como "correta" uma forma de fazer ciência a partir de determinados conceitos e leis que recebem o reconhecimento por uma comunidade científica específica, por possuir uma prática científica embasada em uma metodologia experimental e não apenas teórica:

...a palavra paradigma foi empregada para designar todo o conjunto de compromissos de pesquisas de uma comunidade científica, ou seja, praticantes de uma dada especialidade. Os componentes principais de um paradigma, no seu sentido geral de matriz disciplinar, são: "generalizações simbólicas" (e.g.,  $F = ma$ ,  $V = RI$ ); "modelos particulares", tanto heurísticos quanto ontológicos, que fornecem à comunidade as metáforas e analogias aceitáveis (e.g., modelos corpuscular e ondulatório para a luz); "valores compartilhados" (e.g., as teorias devem ser precisas em suas predições, devem ser simples, devem ser férteis); e "exemplares". Este último elemento refere-se ao sentido restrito conferido originalmente à palavra paradigma, e ao qual Kuhn atribuiu a maior importância. (ZYLBERZTAJN, 1997 apud COUTINHO, 2007, p. 40).

Contudo, Morin (2000) nos alerta sobre as cegueiras paradigmáticas: "o nível paradigmático é o do princípio de seleção das ideias que estão integradas no discurso ou na

teoria, ou postas de lado e rejeitadas". Para ele, é essa visão que privilegia uma determinada lógica em detrimento de outra:

...o paradigma efetua a seleção e a determinação da conceptualização e das operações lógicas. Designa as categorias fundamentais da inteligibilidade e opera o controle de seu emprego. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles. (MORIN, 2000, p. 25).

Com isso, o autor nos mostra que um paradigma pode ser tanto elucidativo, revelador, como esconder e ocultar as diversas visões de mundo. Morin (op. cit., p. 27) afirma que "é no seu seio que se esconde o problema-chave do jogo da verdade e do erro".

Já Boff define paradigma como um modelo para explicar a realidade e agir baseado nesse modo de ver o mundo:

... paradigma como uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com o resto à nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante. (BOFF, 1995, p. 27).

Para o autor, a crise não é apenas ambiental, mas de um modelo de civilização que tem no progresso e no crescimento ilimitado a sua lógica de prosperidade. Uma lógica que nasce com a ciência moderna (Galileu, Descarte, Bacon, Newton e outros), intervindo na natureza para subjugar-la e escravizá-la, no sentido da sua exploração para o uso humano, sem se importar com a convivência entre todos os seres que dela fazem parte.

Segundo Boff (1995, p. 25) o problema é que "o ser humano está sobre as coisas para fazer delas condições e instrumentos da felicidade e do progresso humano. Ele não se entende junto com elas, numa pertença mútua, como membros de um todo maior". Diante disso, destaca que há uma suprema ironia:

A vontade de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de uma Terra degradada. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. O sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de 2/3 da humanidade, a volúpia de utilização optimal dos recursos da Terra levou à exaustão dos sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental. (op. cit., p. 25).

Para o autor, essa situação se deu pela forma de racionalização fechada em um modelo mecanicista advindo do paradigma clássico da ciência moderna. Isso tem gerado os famosos dualismos que colocam a lógica da divisão do mundo entre matéria e espírito; natureza e cultura; razão e emoção; feminino e masculino, entre outros. Tal dualismo se reflete também na oposição predominante entre os conceitos de natureza e de cultura. Dessa forma, a cultura é tida como algo superior, que controla e domina a natureza.

Gonçalves (2000), ao refletir sobre os (des)caminhos do meio ambiente, ressalta a mesma ideia da separação entre sujeito e objeto, natureza e cultura como resultante da forma de pensar da Era Moderna:

... a natureza, em nossa sociedade, transformou-se em um objeto a ser dominado pelo ser humano e passou a ser propriedade privada de alguns poucos. A visão tradicional diz que a natureza é objeto e o homem é o sujeito, separando o humano da natureza. A matriz filosófica desse pensamento dicotomizado se encontra na Grécia e Roma clássica e é dominante no mundo ocidental. A oposição homem e natureza constitui uma forma de pensar da época moderna e contemporânea. (GONÇALVES, 2000, p. 28).

O autor nos conduz a perceber a relação entre o pensamento moderno e a afirmação do cristianismo, na Idade Média, por meio da assimilação do pensamento de Aristóteles e Platão, que aprofundaram a separação entre matéria e espírito, corpo e alma.

Segundo Gonçalves (2000) e Boff (2000), a oposição homem – natureza, sujeito – objeto, espírito – matéria ganha centralidade e se fundamenta em uma nova epistemologia baseada apenas na racionalização. Os autores atribuem a consolidação desse modo de pensar à influência do pensamento de René Descartes. Afirmam ainda que foi, nessa época, que se firmaram as bases do sistema capitalista moderno.

Gonçalves ressalta dois aspectos da filosofia cartesiana que vão marcar profundamente a modernidade: “primeiro, o pragmatismo utilitarista que vê a natureza como um recurso, um meio para atingir um fim, e segundo o antropocentrismo, que vê o homem como o centro do mundo em oposição à natureza”. (op. cit., p.32).

Nessa época, para o autor, houve uma radicalização do antropocentrismo:

... o ser humano é o senhor e o possuidor de tudo, dominando totalmente a natureza. Reafirma-se o patriarcado, pois foi o homem varão que implantou o projeto de dominação, marginalizando e explorando a mulher, identificando-a com a natureza e submetendo-a a seu julgo. Todo esse pensamento antropocêntrico, pragmático, utilitarista não pode ser visto desvinculado do mercantilismo e do colonialismo, que dava ao homem a possibilidade de ser o possuidor de todo o mundo. (op. cit., p.33).

Entendem os autores que, com a expansão mercantil e da burguesia, a acumulação de riquezas passa a depender da técnica. Com isso, o paradigma fundado na filosofia cartesiana encontrou um campo fértil para germinar e, assim, o antropocentrismo pode se consagrar. Dessa forma, o século XIX foi o século do triunfo do capitalismo industrial com o pragmatismo, a ciência e a técnica adquirindo importância-chave na vida humana. Como vimos, o ser humano foi separado da natureza, o sujeito do objeto.

Os autores citados ensinam, ainda, que o universo perde a sua sacralidade e pode ser visto como uma máquina com leis determinadas para todos os fenômenos. Entendem que essa lógica linear reduziu a capacidade do ser humano somente ao enfoque científico da causa – efeito. Segundo suas ideias, a visão reducionista de que os sistemas são compostos por átomos indivisíveis e inertes deixou-nos um legado de violência sobre a natureza, sobre os países; dos fortes sobre os fracos, de homens sobre mulheres, de brancos sobre negros, etc. E está ameaçando o equilíbrio físico-químico do planeta, destruindo e gerando má qualidade de vida para a maioria da população e para toda a biosfera.

A consciência da destruição começa a existir nos anos 50 e cresce nos anos 60 e 70, mas fica mais nítida nos anos 80. Entretanto, foi nas últimas duas décadas que o problema veio à tona de forma mais ampla com alguns dados sobre a situação no planeta e sobre como nos encontramos neste início de milênio.

Gadotti (2000), no livro *Pedagogia da Terra*, apresenta alguns dados divulgados pela UNICEF naquele ano:

5,77 bilhões de pessoas habitam a Terra; 1,15 bilhão vivem no hemisfério Norte, nos países industrializados; 4,62 bilhões vivem no hemisfério Sul, nos países pobres e periféricos; 1,6 bilhão de pessoas estão em situação pior do que há 15 anos; 1,44 bilhão de pessoas vivem abaixo do nível de pobreza, quer dizer, 25% da população total; 1 bilhão de pessoas são analfabetas, das quais 600 milhões são mulheres; 1 bilhão de

peças sobrevivem sem água potável; 800 milhões sofrem de desnutrição crônica; 500 milhões de mulheres de todo o mundo vivem na miséria; 200 milhões de crianças menores de 5 anos são desnutridas; 11 milhões de crianças morrem anualmente de desnutrição; as posses de 349 multimilionários de todo o mundo são maiores que a renda atual de 45% da população mundial, ou seja, 349 pessoas recebem mais que 2,59 bilhões de pessoas; em 1998, a receita de 18 países da América Latina foi inferior a que tinham há 10 anos. (GADOTTI, 2000, p.156).

No início da última década do século passado, éramos 5 bilhões de pessoas com o crescimento de 3 a 4% ao ano. Hoje, chegamos a 7 bilhões de seres humanos em uma era planetária com todas as suas complexidades. Todos esses dados devem ter sofrido acréscimos e, portanto, o quadro geral do planeta se agravou. Essa situação se reflete na água de forma contundente, pois é considerada um elemento fundamental à vida. Sem ela não existiria vida na Terra.

## 1.5 A TERRA É FUNDAMENTALMENTE ÁGUA

*Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia  
Foi que eu vi pela primeira vez, as tais fotografias  
Em que apareces inteira, porém lá não estava nua  
E sim coberta de nuvens  
Terra, Terra,  
(...)*

Caetano Veloso

Quando os astronautas, nos anos 60, tiraram a primeira foto da Terra, ela se mostrou como uma grande esfera praticamente toda azul. Essa agora é uma cena comum a todos, mas – naquela época – surpreendeu a muitos e, por isso, foi cantada em versos e trovas pelos poetas.

O azul é a água dos oceanos, que constituem 70% do planeta. Os continentes compõem o restante. Assim, se quase dois terços do planeta são cobertos pelas águas, a Terra é, fundamentalmente, um planeta Água. As imagens do globo terrestre trouxeram à humanidade uma percepção de que os recursos de que dispomos para perpetuar a vida são finitos.

Com relação à espécie humana, cerca de 70% do nosso corpo é composto de água. Sabe-se que 85% do nosso cérebro é feito de água, nosso sangue possui 90% de água e os nossos

músculos, 75%. No fígado, temos 82% e, nos ossos, 22% de água. Todo o nosso corpo precisa da nutrição da água. Talvez, por isso, a água nos pareça tão familiar, tão íntima. Gostamos de sentir a água, de ouvir o quebrar das ondas do mar, de vê-la fluindo entre as pedras nos rios e córregos. Nosso bem-estar no planeta está intrinsecamente relacionado à existência de água e, principalmente, de água pura. Cuidar desse bem é um dever sagrado, como nos diz a Carta da Terra<sup>3</sup>:

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, é viva como uma comunidade de vida incomparável. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todos os povos. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado. (Carta da Terra).

Existe consenso de que a crise ambiental exige novas posturas em relação à água. No Brasil, a Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei nº 9.433, de 08 de janeiro de 1997) considera a água como um bem de domínio público, dotado de valor econômico e a reconhece como um recurso natural limitado. Também orienta que a gestão desse bem deve ser descentralizada, com responsabilidade compartilhada entre o poder público, os usuários e as comunidades.

Essa concepção tem, a meu ver, um problema: se a água é dotada de valor econômico, ela transita de bem comum a bem privado e se transforma em mercadoria, vendida e comprada. A sua captação, extração e utilização no agronegócio faz da água um negócio rentável e perigoso para toda a população. Assim, ela não poderia ser mais um bem comum.

Meus avós diziam que "no dia em que a água fosse vendida teríamos chegado aos fins dos tempos". Será? O fato é que seguimos poluindo nossas fontes, que cada vez estão mais escassas. Dessa forma, a água tem se tornado um bem raro e estratégico para a segurança de qualquer país.

---

<sup>3</sup>- Documento resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto da Carta da Terra começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e foi finalizada como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000, a Comissão da Carta da Terra, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos. ([www.cartadaterrabrasil.org](http://www.cartadaterrabrasil.org)).



Especialistas afirmam que a água poderá ser o vetor de confrontos entre nações motivadas pela escassez desse recurso vital. Portanto, a gestão das águas tornou-se uma questão central no mundo contemporâneo. Diagnósticos<sup>4</sup> nos mostram que 1,5 bilhão de pessoas não têm acesso à água potável e 2,4 bilhões vivem em locais sem saneamento básico e que doenças causadas pela falta de água ou de saneamento causam a morte de 30 mil pessoas por dia.

Morin (2013) nos alerta para o perigo que corremos por desperdiçarmos e poluirmos a água, degradando a sua qualidade, reduzindo e poluindo os lençóis freáticos. Segundo o autor, a poluição ocorre de maneira diversa pela ação humana e pode ser de natureza física (térmica e radioativa); química; (pesticidas, agrotóxicos metais pesados, como zinco, mercúrio, ou arsênico), medicamentosa, por hidrocarbonetos, por policlorobifenilos e outros elementos de graves efeitos tóxicos que se acumulam nas células gordurosas dos seres vivos, causando mortes e doenças para todos os seres vivos.

O autor ressalta as graves consequências da exploração predatória e da poluição da água em um futuro próximo:

De acordo com um relatório da OCDE, um grande número de seres humanos vive nas zonas submetidas a estresse hídrico. Em 2030, na ausência de medidas eficazes para preservar os recursos de água potável, 3,9 bilhões de pessoas poderão ser atingidas por esse estresse hídrico, entre os quais 80% do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Essa escassez será agravada pelo aumento da população, que gerará crescente necessidade de água potável e de água destinada à agricultura. (MORIN, 2013, p.121).

Em 2012, a água foi reconhecida como Direito Humano pelas Nações Unidas e, mesmo que tal recomendação não obrigue as nações a garantir esse direito, abre-se um precedente legal para que este possa ser reivindicado pelas populações sem acesso à água potável. A água deve ser considerada um bem público e todos deveriam ter acesso a ela a partir de uma política pública eficiente visando salvaguardá-la e protegê-la da especulação privada.

---

<sup>4</sup> Os dados aqui apresentados foram retirados do livro: A Via para o Futuro da Humanidade, de Edgar Morin, publicado em 2013.

## 1.6 A IDENTIFICAÇÃO DAS MULHERES COM A NATUREZA

O físico e ambientalista austríaco Fritjof Capra propõe uma nova abordagem para se entender a ciência e a ecologia. Em seus estudos, Capra nos mostra que as mulheres foram identificadas com a natureza e, por isso, sofreram as mesmas consequências:

A exploração da natureza tem andado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza ao longo dos tempos. Desde as mais remotas épocas, a natureza – e especialmente a terra – tem sido vista como nutriente e benévola mãe, mas também como uma fêmea selvagem e incontrolável. (...) Sob o patriarcado a imagem benigna da natureza converteu-se numa imagem de passividade, ao passo que a visão da natureza como selvagem e perigosa deu origem à ideia de que ela tinha que ser dominada pelo homem. Ao mesmo tempo, as mulheres foram retratadas como passivas e subservientes ao homem. Com o surgimento da ciência newtoniana, finalmente, a natureza tornou-se um sistema mecânico que podia ser manipulado e explorado, o que coincidiu com a manipulação das mulheres e, assim, a antiga associação das mulheres e da natureza interliga a história das mulheres e a do meio ambiente e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia que está se manifestando hoje em um grau crescente. (CAPRA, 1982, p. 58).

As ideias do autor se coadunam com o pensamento do ecofeminismo, que busca orientar os movimentos ambientalistas e feministas a interconectarem a dominação da natureza com a dominação das mulheres sob dois pontos de vista: o econômico e o político. Siprand (2000) nos explica de que forma essas convergências são feitas:

Do ponto de vista econômico, existe uma convergência entre a forma como o pensamento ocidental hegemônico vê as mulheres e a Natureza, ou seja, a dominação das mulheres e a exploração da Natureza são dois lados da mesma moeda da utilização de “recursos naturais” sem custos, a serviço da acumulação do capital.

Para o ecofeminismo, o pensamento ocidental identifica do ponto de vista político, a mulher com a Natureza e o homem com a cultura (no pensamento ocidental) superior à Natureza; a cultura é uma forma de “dominar” a Natureza; daí decorre a visão (do ecofeminismo) de que as mulheres teriam especial interesse em acabar com a dominação da natureza, porque a sociedade sem a exploração da natureza seria uma condição para a libertação da mulher. (SIPRAND, 2000, p. 63).

Em sistemas econômicos, sociais e políticos centrados no desenvolvimentismo, há uma exploração predatória da natureza. Nesses sistemas, a exploração das mulheres e da natureza se

intensifica, uma vez que na sociedade patriarcal, ambas são subjulgadas e exploradas pelo poder de dominação. Assim, a opressão das mulheres e, conseqüentemente, do feminino encontra fundamento e identidade na mesma lógica que domina e subjuga não apenas a natureza, mas os mais fracos e oprimidos.

E por que isso acontece? Os autores citados afirmam que a oposição entre natureza e cultura e a ênfase no pensamento puramente racional possibilitou o afastamento do mundo natural que tinha uma forte ligação metafórica com a maternidade, para além da reprodução da espécie. A desqualificação de uma espiritualidade ligada à Deusa Mãe fez surgir uma nova forma de pensar, sentir e de se organizar culturalmente. Maturana diria “uma nova forma de languagear e de se emocionar”. Na base dessa nova forma de ser, agir e sentir está a separação entre cultura e natureza, que perdura até os dias atuais.

A cultura separada da natureza parte apenas da mente racional e se dissocia de suas origens orgânicas. Nessa separação, segundo Koss (2000), a natureza perde o seu significado sagrado. Assim como a natureza perde a sacralidade, também a mulher perde o seu poder que associava procriação com fertilidade da terra e passa a ser vista como mera reprodutora a serviço da cultura:

Em vista da sua capacidade de procriar, a mulher sempre esteve muito próxima dos mistérios da vida e da morte. Na tentativa de fazer frente à ameaça que estes mistérios representavam, a filosofia e a ciência masculina elaboraram todo o tipo de justificativa e explicação para a subordinação das mulheres que, historicamente, foram posicionadas na linha divisória entre o mundo natural e o mundo cultural. Para Aristóteles, a mulher é um desvio do padrão humano, este tendo como modelo o homem, feito à imagem do deus masculino.

Quando negamos a realidade da morte e criamos "uma categoria masculina de experiência que, supostamente está acima da passagem do tempo e, portanto, é invulnerável", afirma Sussan Griffin, nós nos fragmentamos profundamente. Para ela, esta fragmentação se expressa em sua forma mais profunda através das categorias masculino e feminino, quando atribuímos ao masculino a província da alma e do espírito, isto é, tudo aquilo que transcende nossa concepção de natureza, sendo incluída na categoria feminino. (Koss, 2000, p. 90).

Para o ecofeminismo, é preciso recuperar uma visão de natureza como organismo vivo e, com isso, mudar a forma de ver, de ser e de se colocar no mundo. Conforme nos diz Vandana Shiva,

A recuperação do princípio feminino se baseia na amplitude. Consiste em recuperar na Natureza, a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber. No que se refere à natureza, supõe vê-la como um organismo vivo. Com relação à mulher, supõe considerá-la ativa e produtiva. E no que diz respeito ao homem, a recuperação do princípio feminino implica situar de novo a ação e a atividade em função de criar sociedades que promovam a vida e não a reduzam ou a ameacem. (SHIVA,1991, apud SIPRAND, 2000, p. 67).

Capra (1982), concordando com o pensamento ecofeminista, afirma que foi a visão fragmentada, mecanicista e cartesiana do mundo que fez surgir um sistema de valores unilateral, sensualista e de orientação masculina, isto é, *yang*. Para o autor, essa visão de mundo proporcionou um profundo desequilíbrio e numerosas doenças sociais e biológicas que passaram a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. Ele nos diz que não apenas o crescimento tecnológico traz esses riscos, mas essa forma de vida faz parte de um sistema econômico, social, político e cultural que se rege por uma lógica desenvolvimentista e visa ao aumento da produtividade e do lucro em detrimento da qualidade de vida dos seres vivos.

O autor afirma que o crescimento tecnológico está desintegrando e perturbando os processos biológicos que sustentam o meio ambiente e, portanto, colocam em jogo a nossa própria existência:

Além dos riscos para a saúde que podemos ver, ouvir e cheirar, existem outras ameaças ao nosso bem-estar que podem ser muito mais perigosas, porque nos afetarão numa escala muito maior, no espaço e no tempo. A tecnologia humana está desintegrando e perturbando seriamente os processos biológicos que sustentam nosso meio ambiente natural e que são a própria base de nossa existência. Uma das mais sérias ameaças, quase totalmente ignorada até recentemente, é o envenenamento da água e do ar por resíduos químicos tóxicos. (op. cit., p. 227).

Um dos traços característicos da cultura patriarcal, segundo Capra, é o excesso de competição e destruição devido ao excesso de dominação e controle do poder, que é fruto de uma obsessão pelo crescimento ilimitado e que não leva em conta que os recursos naturais são finitos.

Esses excessos geraram um estilo de vida patológico e insalubre. Para superar essa condição, o autor propõe que observemos a teoria sistêmica que traz a visão de que a Terra é um organismo vivo. Para Capra, essa visão sistêmica é também essencialmente espiritual, visto que corresponde a uma evolução no nível de consciência, de percepção da complexa teia da vida:

A Terra é, pois, um sistema vivo, ela funciona não apenas como um organismo vivo, mas na realidade, parece ser um organismo Gaia, um ser planetário vivo. Suas propriedades e atividades não podem ser previstas com base nas somas das partes; cada um dos seus tecidos está ligado aos demais, todos eles interdependentes; suas muitas vias de comunicação são altamente complexas e não lineares; sua forma evoluiu durante bilhões de anos e continua evoluindo. Essas observações foram feitas num contexto científico, porém transcendem largamente o âmbito das ciências. À semelhança de muitos aspectos do novo paradigma, elas refletem uma profunda consciência ecológica, que é em última instância espiritual. (op. cit., p. 278-279).

Essa visão se identifica com a teoria da transdisciplinaridade quando aponta para uma zona de não resistência, para a lógica do terceiro incluído, que, segundo Nicolescu (1999), inclui o contraditório e reconhece que onde está desunido, está de fato unido:

A lógica do terceiro incluído é não contraditória, no sentido de que o axioma da não contradição é perfeitamente respeitado, com a condição de que as noções de "verdadeiro e falso" sejam alargadas, de tal modo que as regras de implicação lógica digam respeito a não mais a dois termos (A e não A), mas a três termos (A, não A e T) coexistindo ao mesmo tempo. (NICOLESCU, 1999, p. 28).

Para o autor é preciso celebrar a união entre masculinidade e feminilidade para que novos laços sociais possam ser feitos e pontes estabelecidas entre as diferenças. A transdisciplinaridade pode ajudar nesse trajeto:

A face do mundo é ternária: masculinidade e feminilidade, e a zona de resistência máxima entre os níveis de Realidade e os níveis de percepção, onde os casamentos entre a masculinidade e a feminilidade podem ser celebrados.

Todo projeto de civilização precisa passar por um processo de feminilização social. Como é apenas a mulher, e não o homem, que dá a luz a criança, é a feminilização do mundo que pode dar a luz a laços sociais que hoje estão tão ausentes da comunicação entre os seres humanos. (op. cit., p. 144).

Com esse entendimento, é possível evocar a emergência de uma concepção pautada no resgate do feminino, que é inclusivo, amoroso e tem na ética do cuidado para com a vida um de seus aspectos.

Nesse sentido, com o olhar transdisciplinar, buscarei ver a água como um elemento transversal, o fluido capaz de transitar entre a natureza e a cultura, e observarei se a sua exploração reflete o mesmo paradigma que subjuga e explora o feminino em homens e mulheres.

## CAPÍTULO 2 - ÁGUA - O DESTINO ESSENCIAL

*A vida verdadeira é como a água:  
Em silêncio se adapta ao nível inferior, que os homens desprezam.  
Não se opõe a nada, serve a tudo. Não exige nada, porque sua origem é da Fonte Imortal.*  
Tao Te Ching, Poema 8

### 2 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA ÁGUA

O texto de Tao Te Ching traz a água como vida verdadeira, como Fonte Imortal, não dissociando a vida da água. O texto diz que sua origem é imortal e que não faz oposição a nada, pois está a serviço da vida.

A água, para ser vista como imortal, deve ser pensada a partir de sua dimensão simbólica. Segundo Jung (2008), uma palavra, uma imagem é tida como simbólica quando projeta algo para além do seu significado direto e que pode estar fora da racionalidade. No entendimento do autor, o simbolismo ainda faz parte do mundo das suposições e por isso pode ter controvérsias. Ele nos diz:

Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado e nem podemos ter esperança de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2008, p.19).

Este capítulo tem por finalidade elucidar a dimensão da água que media, reflete e sustenta a relação de pertencimento com a natureza e, com isso, colabora para o resgate do feminino profundo. Nesse sentido, para que haja uma aproximação do objetivo proposto, buscarei inspiração nas tradições espirituais e na mitologia.

## 2.1 A ÁGUA EM ALGUMAS TRADIÇÕES ESPIRITUAIS E NA LINGUAGEM MÍTICA

A linguagem mítica ajuda o ser humano a fazer uma mediação com a natureza e, se levarmos em conta o texto de *Tao Te Ching*, que define a água como imortal, podemos considerá-la a alma da própria natureza. Sem ela o espírito vital não existiria. Talvez por ter essa concepção, nossos antepassados a tinham como objeto de grande reverência. Os povos antigos acreditavam que ela era habitada por divindades.

Marcelo Barros, teólogo e monge beneditino, trata a água em uma perspectiva ecumênica e visita várias tradições espirituais buscando traços comuns. O primeiro deles é que a água é definida como matriz pelo reconhecimento de que nascemos dela. Como fonte de criação, a água é tida como um canal no qual o espírito chega à Terra.

O teólogo faz um diálogo inter-religioso e espiritual observando como cada tradição apresenta o significado da água na sua espiritualidade. Ele observou que para além da sua materialidade a água simboliza a vida:

Símbolos são universais, cósmicos e antropológicos. A primeira imagem do espírito de Deus na bíblia é a ventania divina (*ruah*) soprando sobre as águas primordiais do cosmo. Em lugares como a Amazônia, até hoje, Deus é visto como o "Espírito das Águas". A água movimentada, isto é, com espírito, *ruah* sopra, ventania, é água-viva e santa. Toda fonte é sagrada, é fonte de Oxum, nas religiões afro-brasileiras, é como o templo no qual se fazem e se renovam as alianças da vida, alianças de casamento e a própria aliança com Deus. Nas antigas religiões pagãs, as fontes eram lugar das ninfas. No cristianismo popular, perto das fontes aparece a Virgem Maria, que, até hoje, tem a sua fonte como milagrosa .... (BARROS, 2002, p. 83).

O autor demonstra que, em quase todas as culturas, a água é fonte de vida quando se movimenta e fonte de morte quando estagnada. É usada no batismo cristão como símbolo da morte e do renascimento de Cristo. No antigo Egito, estava ligada à reanimação que liberta da rigidez da morte, sendo usada como sagração dos reis e faraós. Em religiões orientais, é usada em ritos de renascimento espiritual com os banhos de purificação.

Para Barros, a água, como fundamento do universo, faz parte da própria psicologia humana:



O próprio inconsciente humano é representado pelas fontes ocultas no seio da terra. Por isso, na própria mitologia de todos os povos. A água é o lugar da aventura e do risco de enfrentar o desconhecido e penetrar no mais profundo de sua identidade. (op. cit., p. 84).

Na concepção hinduísta, segundo Koss, as águas são femininas e fluem para garantir a vida:

A fluidez, como característica primária da energia *Maya*, é o elemento preservador da vida, que se manifesta sob a forma de chuva, seiva, leite e sangue. Mergulhar na água é penetrar no mistério da deusa *Maya*, a iniciação no supremo segredo da vida: a identidade dos opostos.

...Por controlar as águas que circulam pelo universo e mantêm vivas as criaturas, a lua é tida como fonte de vida. O orvalho e a chuva se transformam na seiva vegetal e está no leite da vaca sagrada, que se transforma em sangue: amrta, água seiva, leite e sangue são diferentes formas do mesmo elixir da vida. O canto 7.49 do Rig Veda tem como refrão: "que as águas, que são deusas, me ajudem no aqui e no agora". (KOSS, 2000, p. 39-40).

Magalhães (2008), ao escrever sobre a simbologia da água no imaginário grego, afirma que os mitos narram como surge a vida e todos os seres:

Os mitos gregos nos relatam que, antes de serem criados a terra, o mar e o céu, havia apenas o Caos, mistura de terra, mar e ar. Não existia nada sólido, líquido ou transparente. Deus e a Natureza resolveram então dar formas definidas a essa substância informe, transformando o fogo em firmamento e situando o ar acima da terra. A água foi colocada, por sua vez, sob a crosta terrestre, de modo a fazê-la "flutuar". (MAGALHÃES, 2008, p. 2).

A autora ressalta o reconhecimento do povo grego ao princípio fertilizador das águas e menciona como pensavam a criação, o nascimento dos Deuses e Titãs que representavam as forças da natureza:

Da união do Ar com a Mãe Terra nasceram o Oceano, Métis e outros Titãs e, da união do Mar com os Rios, nasceram as Nereidas. O princípio fertilizador era a água, responsável pela fertilização da terra e pelo surgimento da vida, sob os desígnios de Eros. Os rios e as fontes eram tidos como divindades pelo povo grego, que a eles ofereciam as honrarias dedicadas aos deuses olímpicos. (op. cit., p. 2-3).

Magalhães nos apresenta, ainda, algumas versões da cosmologia grega, observando como a água é primordial na origem dos deuses. Ela fertiliza, gera e alimenta os filhos gerados:

Oceanos e Tétis formavam um casal ancestral de titãs que governavam os elementos líquidos, origem da cosmogonia. Oceanos e Tétis eram ambos água, com a diferença de que o primeiro era um rio caudaloso, de curso tortuoso, enquanto Tétis era uma porção de água do próprio Oceano. Os dois tiveram uma numerosa prole, dentre os quais os rios, as ninfas oceânicas, Urano, Gaia, as Oceânidas e Nereu, este último, deus dos mares. Oceanos e Tétis moravam nos confins do universo, onde se localizava a fonte dos oceanos. Dessa fonte saía o líquido com o qual Oceanos alimentava seus filhos e que, por extensão, penetraram no interior das terras, fertilizando-as também. (op. cit., p. 3).

Pelo que a autora observou em seus estudos, a água, por ser citada em todos os relatos mitológicos, é presença fundamental no imaginário grego:

No mundo mitológico, todos os mares corriam para o Oceano, que, através de canais subterrâneos, alimentava os seus filhos, fontes e rios. Criaturas habitavam seu interior, como Nereu, as Oceânidas e as Nereidas, que às vezes apareciam nas ondas turbulentas. (op. cit., p. 3).

Simonini, estudioso de Mitologia Grega, nos fala da água como uma divindade - Hidros (água) - que aparece para salvar Gaia de Piros (fogo) e, com isso, é reconhecida pelos deuses e passa a fazer parte do Olímpio. O Deus mais reverenciado como o senhor das águas, no entanto, era Poseidon. Porém, ele tinha poderes limitados sobre ela, pois, antes da sua existência, a Água já existia como elemento primordial.

Como vimos, a água está muito presente na mitologia grega, representando a continuidade, a fertilidade e a proteção materna. Alguns mitos podem revelar essas características como o nascimento de Perseu e de Afrodite.

No mito de Perseu, o herói grego que decapita a Medusa – uma monstruosidade feminina de cabelos de serpentes e garras de dragão que transforma em pedra todos aqueles que a olharem diretamente nos seus olhos – temos um exemplo da presença fértil da água. Em uma das versões da história, Danae, sua mãe, é fecundada por Zeus, que tomou a forma de uma chuva de ouro. Essa passagem parece se referir à chuva como fonte de fertilidade. Como Danae estava presa em

uma câmara subterrânea para que não tivesse contato com o sexo masculino, o rei de Argos, seu pai, a encerra em uma arca, com a criança recém-nascida e os lança no mar. Os dois não morrem. Perseu, em seu trajeto inicial está no mar, o local para onde fluem todas as águas. As divindades do mar os protegem e a água os envolve, mas não os mata, ao contrário, os leva a Séfiro, onde se desenrolará toda a saga de Perseu na proteção de sua mãe. Nesse mito, temos um exemplo da água que acolhe maternalmente.

As águas marinhas também se encontram na história que narra o nascimento de Afrodite, a deusa do amor. Ela surge das ondas após a castração do deus Urano por seu filho Cronos, que joga os genitais do pai no mar. Da união do esperma com as ondas, forma-se uma espuma da qual nasce a deusa Afrodite. Afrodite está, portanto, entre as águas do mar e o céu. O seu nascimento revela a relação entre o céu e a terra, Gaia e Urano. Ela pode ser considerada uma Deusa úmida:

O nascimento de Afrodite a partir da castração de Urano, o pai-céu, e da espuma do mar, revela sua conexão com o oceano do corpo, a sexualidade com seus ritmos e marés, o orvalho que umedece as uniões amorosas e, ao mesmo tempo, sua ligação com o espírito celestial. (BOECHAT, 1995, p. 192).

Pela simbologia mitológica, podemos dizer que o amor nasce das águas ou a água é a mãe do amor ou, ainda, as águas da mãe Terra geram o amor. Amor e água têm, portanto, uma ligação primordial, profunda e vital que nasce da fusão entre o Céu e a Terra.

Essa experiência mística que a humanidade tinha com a água foi sendo perdida com a chegada de uma visão tecnicista e com o aumento do conhecimento científico, o que fez diminuir a nossa própria humanização e ligação com o cosmos. Já não estamos envolvidos intrinsecamente com a natureza e essa, por sua vez, foi perdendo os seus significados simbólicos.

Os elementos da natureza já não são mais considerados a morada dos deuses e, por isso, perderam a sacralidade. Assim, os rios e mares foram desprovidos de espíritos e a água passou a ser vista apenas como um elemento químico inanimado utilizado para o usufruto da humanidade. Com isso, o conhecimento espiritual foi sendo desprezado e a água foi subjugada e vista como recurso hídrico com um valor material capaz de gerar energia, ser meio de transporte e fonte de lucro.

Contudo, podemos dizer que os povos das florestas que convivem com os grandes rios ainda mantêm o olhar místico para as águas. No Brasil, assim como em outros países que possuem grandes extensões de florestas e grandes rios, os mitos e as lendas ainda povoam o imaginário dessas pessoas que estão em sintonia com os mistérios da natureza.

Como exemplo, posso citar fragmentos de uma conferência feita por Kaká Werá, representante indígena de origem *Tapuia*, do grupo dos *Txucarramães*, sobre as águas. Na ocasião, Kaká partilhava uma memória ancestral com a finalidade de servir de inspiração e motivação para gerar o que ele chama de sustentabilidade da vida. Essa memória vem da cultura Tupi através de uma das suas ramificações, o povo *kamayurá*, que vive no Xingu:

Muito antigamente, quando ainda não havia seres humanos, só havia os nossos primeiros avós: o povo árvore, o povo pássaro, os animais e também os nossos antepassados das estrelas.

Nas estrelas havia uma deusa chamada Yamaritsuma que, ao olhar para a Mãe Terra do seu lugar, se apaixonou por um pequeno filete prateado que resplandecia num pontinho de um lugar sagrado. Ela caiu e se integrou a esse filezinho se tornando a própria vida, a alma desse filezinho.

A deusa foi chamada pelos kamayurás de Morená e é conhecida hoje como a matriz de três grandes rios, Ronuro, Xingu e Coliseu que se desdobram em tantos outros.

Naquela época, Morená era de tal forma maravilhosa que atraiu a atenção do próprio criador que desceu do seu coração, o sol, e se transformou no primeiro homem que os kamayurás chamam de Mavutsinin.

Mavutsinin se apaixonou por Morená. Ele mergulhou suas mãos dentro da água, que era o coração da deusa, e retirou uma concha palpitante. Ele soprou a concha transformando-a na primeira mulher. Eles se casaram e geraram os primeiros filhos, as primeiras tribos, que se desdobraram e assim nasceu a humanidade. (WERÁ, 2012).

Segundo Werá, nessa cosmovisão, somos filhos e filhas de Morená, a primeira água de onde surgiram inúmeras nascentes, a do Xingu e tantas outras que, por ventura, geram outras tantas, como a do Araguaia, do São Francisco e assim por diante.

Ao relatar esse fragmento da cosmovisão, a intenção do representante indígena era nos mostrar que, para a cultura *kamayurá*, a água é a mãe de todas as vidas e, sendo nós, parte das vidas, recebemos uma herança dessa mãe. Herança genética e espiritual que tece e forma até hoje o nosso modo de ser.

Werá nos diz que, de acordo com essa visão ancestral, uma parte da herança da Grande Água – a deusa mãe – é a habilidade de sentir, de se emocionar, de ter afeto, se apaixonar e, como herança maior, a própria vida. A vida herdada da mãe de todas as vidas impulsiona algumas qualidades matriciais presentes em cada célula humana como a saúde, a abundância e a harmonia. Essa herança é tida como inesgotável e surge dessa época, do ponto inicial, da paixão entre *Mavutsinin* e *Morená*.

Kaká Werá nos lembra que a água não só sacia a sede temporal, mas vivifica a própria vida e essa memória não pode ser perdida. Por isso, afirma que, de tempos em tempos, é preciso ficar de frente com as nossas origens e reverenciá-las para que a nossa alma não se embruteça. É por essa razão, nos diz Werá, que os kamayurás celebram a gratidão às águas com danças, festas e brincadeiras junto à água como uma forma de não adormecer a memória e de lembrar o seu verdadeiro significado: a mãe amorosa e sensível de todas as coisas e todas as vidas.

Dessa forma, é preciso atentar para o fato de que a água não é um recurso, um negócio, um produto, mas sim a fonte divina. Nosso elo com essa fonte não se findará e, se tivermos respeito, amor e gratidão, ela nos devolverá juventude, saúde e harmonia.

## 2.2 AS QUALIDADES DA ÁGUA

*Deus disse: Vou ajeitar a você um dom: Vou pertencer você para uma árvore. E pertenceu-me.  
Escuto o perfume dos rios. Sei que a voz das águas tem sotaque azul.  
Sei botar cílio nos silêncios. Para encontrar o azul eu uso pássaros.  
Só não desejo cair em sensatez...  
Manoel de Barros*

Como elemento fundamental para a vida, a água possui características que lhe propiciam a capacidade de circular e se movimentar entre a natureza e a cultura. Não é por acaso que o poeta escuta o perfume do rio e percebe que a água tem sotaque azul.

Theodor Schwenk é um biólogo alemão que escreveu sobre a água, no livro intitulado *Caos Sensível*<sup>5</sup>. Ele observa que estamos correndo risco de vida ao perdermos o contato espiritual com esse elemento:

A humanidade perdeu não apenas o contato espiritual com a natureza da água, mas está agora correndo perigo de perder a sua própria substância física. As incontáveis fontes de água que estão secando em todo o mundo é um sintoma desse padrão de desenvolvimento, e os grandes esforços que estão sendo feitos por todos os lados para remediar o prejuízo feito mostra a seriedade da situação. (SCHWENK, 1982, p. 8).

Nesse livro, o autor pretendeu contribuir com o reconhecimento da natureza e das qualidades da água para que, através da observação desse elemento, seja possível compreender melhor a vida e seus movimentos:

Estamos preocupados não com as composições químicas, mas com o *movimento* dos elementos que fluem, as formas que surgem através do movimento; o autor não faz diferença entre a água tal como aparece na natureza e os líquidos internos dos organismos vivos. Os movimentos estudados são comuns a todos os líquidos. Tornar-se-á claro durante o decorrer do livro que certas formas arquetípicas de movimento podem ser encontradas em todas as coisas que fluem, independente da sua composição química. (op. cit., p. 9).

E qual é, para o autor, a forma arquetípica da água? É a forma esférica. E mesmo representando-a em outras formas, ela luta para retornar a forma inicial, natural, que a faz circular.

A esfera é uma totalidade, também a água sempre tentará formar um todo orgânico, juntando o que está dividido, reunindo pela circulação. Não é possível falar do começo ou do final de um sistema circulatório, tudo está internamente conectado e reciprocamente relacionado. Água é essencialmente o elemento de sistemas circulatórios. Quando um circuito vivo é interrompido, uma totalidade é quebrada e estabelece-se a corrente linear de causa e efeito que rege o mundo inorgânico. (SCHWENK, 1982, p.11).

---

<sup>5</sup> - Livre tradução de Vera Catalão da versão francesa (1982) da original em alemão de 1962.

E mais:

O mesmo princípio se torna manifesta em todas as dimensões da água corrente: de um pequeno gotejar em uma caneleta, com suas curvas pequenas e rítmicas, nos rios onde as curvas crescem mais largas, até as curvas das correntes oceânicas que envolvem a terra, nós vemos um princípio arquetípico da água corrente se esforçando para se realizar, independente do meio que a circunda. (op. cit., p. 17).

Faur (2011, p.49) destaca o poder mágico que o círculo possui e reconhece que "o círculo é um símbolo antigo e universal que representa a unidade e a totalidade: Tem uma forma perfeita e infinita, sem começo nem fim, que caracteriza a continuidade".

O mundo natural, na compreensão de Faur (2011), tem um padrão sagrado que se manifesta em toda natureza através da forma circular. Ela define o círculo como:

... um dos padrões energéticos fundamentais do mundo natural, observado nos ciclos solares, lunares, na Roda do Ano, na mandala da vida e das encarnações, no movimento giratório dos centros de força do ser humano (cujo nome em sânscrito – *chakra* – significa "roda"), na eterna e permanente passagem do tempo. Nada é estático, tudo se movimenta e muda, a espiral contínua da transformação se reflete na vida cíclica do Todo, onde tudo renasce, se desenvolve, alcança a plenitude e diminui até desaparecer, para depois renascer. (op. cit., p. 49).

A autora continua o seu pensamento afirmando que o círculo é a forma integradora das energias cósmicas:

O movimento dos corpos celestes; a dança das estações; as mudanças de luz e sombra, de pressão e umidade, de calor e frio, de expansão e retração se refletem na vida cósmica e humana, no macro e no micro. Por ser o círculo a forma pela qual as energias universais se integram, ele se tornou o símbolo mais antigo e fundamental da humanidade. (op. cit., p. 50).

A água segue, portanto, esse padrão considerado sagrado. Ela é circular, fluida e maleável, apresentando uma plasticidade muito grande, podendo assumir diversas formas e penetrar em todos os espaços. Sem que possa ser retida, ela se infiltra, contorna, e segue o seu rumo de forma sinuosa.

Catalão (2006), aponta as diversas qualidades que a água possui, entre elas a sua adaptabilidade:

Entre as muitas qualidades da água destaca-se a capacidade de infiltrar-se em todos os orifícios, revestir todas as superfícies e preencher todos os espaços côncavos. Se como entendem as tradições, o ser e o vazio engendram-se, a água é portadora do ser, pois preenche os espaços vazios e serve a todos com paciência e persistência, arredonda as pedras e dá contorno aos vales. (...).

Não tendo forma, assume todas as formas, curva-se aos relevos, jorra do leito profundo da terra e salta cascata reluzente e sonora nos braços do abismo. Quando o solo é permeável, infiltra-se para mais tarde ressurgir em olho d'água, *geyser* ou fonte. (...). (op. cit., p. 83).

Na percepção de Catalão, é a capacidade de fluidez que faz da água o elemento capaz de transformar duras rochas em areias, modelar as pedras, toda a superfície do planeta e todas as formas de vida. Para a autora, é o movimento resultante do encontro da água com o ar que permite esse poder de fluidez e transformação que nutre o imaginário e a faz transitar entre a natureza e a cultura:

As torrentes das montanhas, o frescor dos regatos, a vivacidade das cachoeiras e as águas primaveris de Bachelard são imagens associadas ao movimento. As águas correntes nutriram e nutrem o imaginário humano simbolizando purificação e regeneração, enquanto as águas paradas representam a morte. (op. cit., p. 85).

Bachelard (1989) estuda as imagens substanciais da água através da imaginação material dos sonhos refletidos nas poesias e a considera um destino. Em suas palavras,

... a água é um tipo de destino, não mais apenas um vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. (...) o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente um elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. (op. cit., p. 6-7).

Para o autor, a água possui voz, tem uma linguagem metafórica que é própria da realidade poética. Ele diz que os regatos e rios sonorizam as paisagens que são mudas e, com o seu ruído,



ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar. Bachelard entende que há uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana, considerada, por ele, como possuidora de liquidez. Desse modo, afirma o autor, "a água nos parecerá como um ser total: tem corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa". (op. cit., p.17).

A ideia de Bachelard é despertar emoções profundas através de uma psicanálise das imagens da água. Para isso, busca as características das águas em textos poéticos. Quando são claras, correntes, primaveris nos remetem ao nascimento, amor, pureza, à vida. Ao observar textos que falam da água como espelho, o autor nos sugere que a água possui uma visão: "A água desempenha um papel inesperado. O verdadeiro olho da Terra é a água. Nos nossos olhos, é a água que sonha. (...) Na natureza, é novamente a água que vê, é novamente a água que sonha". (op. cit., p.33).

As águas profundas, lentas, paradas, pesadas, são as águas mortas. Assim como ela nos remete à vida, também nos remete à morte. Na poesia de Edgar Poe, Bachelard afirma que é possível descobrir duas variedades de água, a da alegria e a da dor:

Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é sempre o conto humano de uma água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos murmúrios. O devaneio à beira da água, reencontrando os seus mortos, morre também ele, como um universo submerso. (op. cit., p. 49).

Muitas são as imagens da água, não apenas vida e morte. Uma delas é a água como símbolo do feminino.

## 2.3 A ÁGUA COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO PARA O RESGATE DO FEMININO

*Ouve o barulho do rio, meu filho; deixa esse som te embalar.  
As folhas que caem no rio, meu filho, terminam nas águas do mar.  
Quando amanhã, por acaso faltar uma alegria no seu coração,  
lembra dos sons dessas águas de lá, faz desse rio a sua oração...*  
Marisa Monte e Arnaldo Antunes

A poesia acima traz uma imagem de um rio como oração e que embala aqueles que a ouvem. Como vimos, a água pode ser símbolo de alegria ou de tristeza, de vida ou de morte. Pode ser tranquila ou violenta, movimentada ou parada. Mas, desses pares de opostos, podemos fluir para outras reflexões como a que nos apresenta Capra (1982) ao estudar a filosofia oriental. No seu livro, *O Ponto de Mutação*, o autor faz uso de uma estrutura, desenvolvida no *I Ching*, que se baseia na ideia de uma contínua flutuação entre dois polos arquetípicos que sustentam o ritmo de todo o universo. São o *yin* e o *yang*, chamado pelos filósofos chineses de *Tao*.

Capra nos explica que o *Tao* tem uma natureza cíclica incessante entre o fluxo e a mudança. São polos opostos que fazem parte de um único todo e a ordem natural é um equilíbrio dinâmico entre eles. Não existe um bom e o outro não. O que é mal é o desequilíbrio entre ambos.

Nessa visão, o *yin* é associado ao feminino, o *yang* ao masculino e todos nós, homens e mulheres, temos as duas polaridades. Capra usa essa estrutura conceitual para ressaltar valores e atitudes culturais. O autor faz as seguintes associações:

- *Yin*: feminino, contrátil, conservador, receptivo, cooperativo, intuitivo e sintético.
- *Yang*: masculino, expansivo, exigente, agressivo, competitivo, racional e analítico.

A partir dessas associações, Capra (1982) afirma que:

Se atentarmos para essa lista de opostos, é fácil ver que a nossa sociedade tem favorecido sistematicamente o *Yang* em detrimento do *Yin* – o conhecimento racional prevalece sobre a sabedoria intuitiva, a ciência sobre a religião, a competição sobre a cooperação, a exploração de recursos naturais em vez da conservação, e assim por diante. Essa ênfase, sustentada pelo sistema patriarcal e encorajada pelo predomínio da cultura sensualista durante os três últimos séculos, acarretou um profundo desequilíbrio

cultural que está na própria raiz da nossa atual crise – um desequilíbrio em nossos pensamentos e sentimentos, em nossos valores e atitudes e em nossas estruturas sociais e políticas. (op. cit., p. 37).

Esse pensamento predominante, segundo o autor, divide corpo e mente, razão e emoção, matéria e espírito e cria outras polaridades que se refletem no social, em homens e mulheres, negros e brancos, ricos e pobres, etc. Além disso, fundamenta a lógica de exploração da natureza pelos diferentes campos de interesse econômico e político.

Com a água, essa relação de exploração não é diferente da que ocorre com o feminino. Todos os dois aspectos, água e feminino, são ligados à geração da vida. Segundo Estés (1997), no sudoeste dos Estados Unidos, nas regiões hispânicas, existe uma simbologia na qual os grandes volumes de água representam o lugar de origem da vida. Nesse lugar, o rio é visto como a grande mãe:

Ele é considerado a mãe, La Madre Grande, a Grande Mulher, cujas águas não só correm nas valas e leitos do rio, mas que se derramam de dentro do corpo das próprias mulheres quando seus filhos nascem. (op. cit., p. 380).

A autora afirma que o rio simboliza uma das formas de generosidade feminina quando ele está vivo e flui, gerando e alimentando vidas. Assim como o feminino, a água é inclusiva, flexível, um ser de inter-relações por natureza. Por isso, ela é reconhecida como persistente, amorosa, complementar e receptiva.

Eisler (2007) busca uma explicação no argumento de que há evidências da divinização da fêmea, porque a natureza biológica da mulher está ligada ao parto e à sustentação dos filhos pela maternidade. Para a autora, existia uma associação muito forte do princípio feminino com as águas:

A associação do princípio feminino com as águas primevas é também um tema recorrente. Por exemplo, na cerâmica decorada da Europa Antiga, o simbolismo da água – muitas vezes associado ao ovo primevo – é uma figura frequente. Nesse caso a Grande Deusa, por vezes na forma de Deusa pássaro ou serpente, reina sobre a força vivificante da água. (...) Sua imagem é também associada a vasilhames para água, (...) Como a Deusa NUT, ela é a unidade fluida das águas celestiais primordiais. Mais tarde, como a

Deusa cretense Ariadne (a muito sagrada) e a Deusa Grega Afrodite, ela surge do mar. (op. cit., p. 64).

A água, com o seu forte apelo para relações simbólicas com qualidades tidas aqui como femininas, está relacionada a diversos valores. Um exemplo desses valores pode ser visto em um texto lançado pela Secretaria Nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, em comemoração ao ano Internacional da Cooperação pela Água (2013). Trata-se de uma mensagem sobre a *Água e a Paz*, elaborada pela professora Vera Catalão (UNB):

A paz, como a água, é essencial na manutenção da vida na medida que respeita a diversidade de expressões da vida e da natureza complementar de seres diferentes. (...)

A humildade é outra qualidade pacífica da água, ou aquática da paz: a água coloca-se nos níveis mais baixos do relevo – quanto mais baixo coloca seu leito mais receptiva estende seus braços. O rio principal de uma bacia hidrográfica é o que mais baixo se encontra e pode receber e incluir outros. (BRASIL, 2013).

Parafraseando Catalão, diria que o feminino, como a água, é essencialmente manutenção da vida que a humildade e a persistência são qualidades aquáticas do feminino.

Os autores referenciados trazem a ideia de que um rio, em sua corredeira, faz a água circular e se recriar na interação e na troca, desperta paixões, é excitante e faz a vida entrar em ebulição. Em seus remansos, os rios geram tranquilidade e serenidade. No entanto, quando suas águas estão paradas, poluídas, causam exatamente o oposto, geram estagnação, doenças e morte. Se trouxermos essas características para o âmbito pessoal, percebemos que, quando paramos de criar e nos sentimos inúteis, a nossa autoestima é desvalorizada e cai, e nos sentimos estagnadas, sem brilho, sem energia, o que equivale a jogar veneno em um rio.

Envenenar as águas, destruir nascentes, poluir os rios, represá-los e não respeitar os caminhos das águas são consequências de uma visão de mundo que dessacralizou a natureza, separou a cultura do ambiente e gerou uma sociedade patriarcal, machista e antropocêntrica.

Como foi visto anteriormente, Boff (2000) afirma que vivemos uma crise de paradigma. Essa crise afeta o masculino e, conseqüentemente, a visão patriarcal que, para ele, radicalizou o

antropocentrismo: a dominação total da natureza pelo ser humano, que se sente acima das outras formas de vida e apartado da natureza, gerando subordinação e violência:

Pelo fato de ser baseado na violência sobre a natureza, sobre as classes, sobre os países mais fracos, esse paradigma de desenvolvimento terminou, nos dias atuais, ameaçando o equilíbrio físico-químico do planeta Terra, destruindo florestas, contaminando a atmosfera e as águas, envenenando o solo e o subsolo; numa palavra gerando má qualidade de vida para os seres humanos e para toda a biosfera. (op. cit., p 100).

Com isso, Boff ressalta a emergência do novo paradigma, que virá com o resgate do princípio feminino, chamado por ele de religação. Essa é, para o autor, a grande tarefa civilizacional e a mais urgente. Ele chama atenção para o fato de que o princípio masculino/feminino é diferente de gênero, de sexo biológico. E afirma que é necessário ultrapassar a visão excludente e entender a sexualidade num outro nível:

Precisamos ultrapassar essa visão excludente e entender a sexualidade num nível ontológico, não como algo que o ser humano tem, mas como algo que ele é. O masculino não diz respeito somente ao homem, mas também à mulher. O feminino não ganha corpo apenas na mulher, mas também no homem. Esse feminino representa o princípio da vida, de criatividade, de receptividade, de enternecimento, de interioridade e de espiritualidade no homem e na mulher. Portanto, trata-se de um princípio inclusivo e seminal que entra na constituição da realidade humana. (op. cit., p. 105).

O resgate do princípio feminino é, pois, um desafio à cultura machista. Por pensar na economia da vida e na sua sustentabilidade, ele não leva em conta o desenvolvimento somente no plano econômico e social. A cultura patriarcal ainda hoje é extremamente preponderante e, por isso, a dificuldade em superá-la; porém, já se percebe que há sinais de desintegração e de novas conversações que poderão colaborar com a mudança de paradigma preconizada por Boff, que entende a atual crise como civilizatória:

O homem-varão é chamado a revisitar sua *anima* e, junto com o *animus*, construir uma história de integração, de panrelacionalidade e de sinergia. Não se definirá mais pela condição sexual (casado, solteiro, divorciado, heterossexual, homossexual, bissexual etc.), mas pelas características da personalidade, feminina/masculina, solidária, cooperativa, antiautoritária e aberta a novas sínteses. (op. cit., p. 111).

É preciso também, e principalmente, um novo olhar sobre a água para que possamos nos reconectar com a natureza, entendendo que somos seres de água e que, sem ela, nada florescerá. Essa reconexão foi bem explicitada no prefácio da publicação do evento *Voz das Avós no fluir das águas*:

... “compreendemos que ressoa no mundo uma urgência de reconexão com os significados essenciais da vida, para que juntos sejamos capazes de cuidar do planeta Terra e do bem viver da humanidade”. (*Voz das avós no fluir das águas*, p. 05. 2012).

... A água, no fluir de seu ciclo, percorre toda a terra e todos os corpos, desde o início dos tempos, nos conectando a todos que vieram antes de nós. A água integra o território, que é o lugar onde a identidade e a cultura de um povo se constituem e se sustentam. E nesse fluir das águas os rios abrem-se, naturalmente, para outros rios: ocorre o encontro de águas que se integram e criam percursos comuns. (*Ibidem*, p. 05).

... Nós, seres humanos, somos “bebês da água”, porque nossa vida começa na água, na placenta das nossas mães. A água, portanto, está ligada ao feminino e ao sagrado ventre materno. As mulheres são amigas da água, pois a preservam dentro do seu próprio corpo para poder dar à vida. (...) A água é o leite materno da Terra, estando a alegria, o bem-estar e o prazer intrinsecamente ligados a esse elemento. (*Declaração da Água*<sup>6</sup>, *Ibidem*, 2012, p. 64).

O evento *Voz das Avós no fluir das águas* reuniu em Brasília, em outubro de 2011, um grupo de avós internacionais e brasileiras, detentoras de conhecimentos tradicionais, com o propósito de partilhar saberes, celebrar a paz e a sustentabilidade das relações humanas.

Essas "Avós" reconhecem diversas dimensões da água, física, biológica e cultural e simbolicamente a consideram o leite materno da Terra. Elas, com suas sabedorias ancestrais, revelam a inter-relação entre a água e o feminino e a identidade da mulher com a natureza.

Baseado nesse olhar sobre o feminino e a água, optei por uma metodologia capaz de integrar corpo, mente e espírito e que buscasse, através da colaboração e do compartilhamento de saberes, a relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água.

---

<sup>6</sup>- Declaração da Água, 2012. Publicação do Evento a Voz das Avós no Fluir das Águas, Brasília-DF.

## CAPÍTULO 3 - A BONITEZA DO ENCONTRO

*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*  
Paulo Freire

Neste capítulo, será observado como o resgate do feminino profundo pode contribuir para uma ecopedagogia voltada para a sustentabilidade da água. Não será uma tarefa fácil. Contudo, buscarei - na ecopedagogia, na biologia do amor e na experiência das oficinas realizadas - inspiração para tal empreendimento. Para tanto, entrarei no processo de busca da boniteza e da alegria que o feminino poderá trazer para a ecopedagogia.

Partirei da palavra ecologia e de suas várias nuances para então conceituar a ecopedagogia e a educação a partir da biologia do amor. Depois, seguirei refletindo sobre a água como matriz ecopedagógica e sobre como o resgate do feminino poderá contribuir para sua sustentabilidade.

Mais uma vez o feminino, como um valor profundo, será colocado em foco na tentativa de ampliar a percepção sobre uma prática pedagógica voltada para a relação entre humano e natureza, em especial na relação de cuidado para com a água como fonte de vida.

### 3.1 UM DIÁLOGO SOBRE ECOLOGIA

A palavra ecologia é concebida de diversas maneiras e abordagens. Ela não está restrita apenas a um campo de pensamento, a biologia, mas está também no campo social, político e da natureza. A ecologia é, portanto, um campo diverso, heterogêneo e transdisciplinar. Lago e Pádua (1989) afirmam existir pelo menos quatro grandes áreas de pensamento sobre ecologia: natural, social, conservacionista e ecologista.

Resumindo o pensamento dos dois autores, teríamos a primeira área preocupando-se com os sistemas naturais e suas dinâmicas de vida. A segunda, ecologia social, abarcando a relação entre o meio ambiente e a humanidade. A terceira, conservacionista, colocando-se a favor da

conservação e preservação dos ambientes naturais e, por fim, a quarta, o ecologismo, partindo da concepção de que é necessário um projeto político para enfrentar a crise ambiental em seus diversos aspectos, econômicos, sociais, políticos e ambientais.

De uma forma simples, Boff (2012, p.9) define a palavra ecologia partindo do conceito criado por Ernst Haeckel em 1866, segundo o qual "a ecologia é o estudo dos relacionamentos de todos os seres vivos entre si e com o seu entorno". Para o autor, todos os seres formam uma única comunidade de vida que interage e se inter-relaciona na Terra, vista como nossa Casa Comum:

Em Grego, casa se chama oikos, donde deriva a palavra ecologia. Portanto, trata-se de entender que as rochas, os rios, os oceanos, os climas, as plantas, os animais e os seres humanos são interdependentes. Eles formam a comunidade terrenal que é a Casa Comum e um grande sistema dinâmico que se autorregula. (op. cit., p. 9).

No capítulo inicial, abordei a crise ambiental como fruto de uma concepção de mundo e de uma forma de pensar e agir que reforça uma cultura, um modo de ser fundamentado em um paradigma antropocêntrico. Essa crise, segundo os autores citados, se reflete na forma como nós, humanos, estamos vivendo e convivendo na nossa "casa comum" e como os desequilíbrios ecológicos, causados pelas ações antrópicas, podem colocar em risco a vida no planeta.

Os desequilíbrios ambientais presenciados em diversas épocas e situações encontram-se não apenas na natureza externa ao ser humano, mas também no aspecto individual e no coletivo, o que reforça a ideia de que o que está fora está dentro de cada um de nós. Guatarri (1990), ao escrever sobre o assunto, sustenta que há três ecologias, pois percebe uma relação da subjetividade com a sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal ou cósmica - e afirma que só uma ecosofia poderá responder a essa problemática:

As formações políticas e instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política - a que chamo de *ecosofia* - entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (op. cit., p. 8).



Ao discutir a ecologia, Boff (2012) aponta também as suas várias dimensões, ampliando o conceito para além do aspecto ambiental de preservação e conservação da natureza. Ele indica outras dimensões: a social, que estuda a relação da sociedade com a natureza observando as injustiças sociais; a mental, que traz as diversas visões de mundo e dos valores referentes a essa relação e, por fim, a integral, que aborda as relações globais da Terra com o universo como parte de um grande Todo que interage com todas as formas de vida existentes no planeta, incluindo cada um e cada uma de nós.

Para o autor, o enriquecimento da visão de meio ambiente e da própria Terra é condição para ampliarmos o olhar para o planeta. "A ecologia é uma resposta à crise que abateu sobre a biosfera ameaçando a sobrevivência da vida" (op. cit., p. 10). Porém, alerta o autor que não é suficiente desenvolver tecnologias limpas para enfrentar esse grande desafio, mas é preciso também mudar os nossos comportamentos, valores e sentimentos para vivermos de forma diferente, agindo com respeito e consciência da nossa condição terrena:

Não basta apenas desenvolver uma tecnologia limpa. Devemos fazê-lo, mas não é suficiente, (...). Precisamos criar outro tipo de civilização que trabalhe junto com a Terra, que use racionalmente os recursos escassos, que salvide a capacidade de regeneração dos ecossistemas e que nos faça sentir irmãos e irmãs da grande comunidade terrenal, vivendo de forma respeitosa dentro da única Casa Comum. (Boff, p. 14).

Para que essa mudança aconteça, o autor (op. cit., p. 23-25) propôs a superação de seis obstáculos. São eles: a *inconsciência e a ignorância* dos estragos que as ações humanas estão fazendo na natureza; a *visão antropocêntrica*, que coloca o ser humano como o centro de tudo e que toda a natureza deve estar ao seu dispor; o *racionalismo exacerbado*, que retira do humano a sensibilidade e a compaixão; o *individualismo cultural*, que nos aparta da natureza; a *competição e a concorrência*, que gera as diferenças e polaridades entre fortes e fracos e, por fim, o *consumismo*, que não se atenta ao fato de que as necessidades humanas devem levar em conta a capacidade de reposição e sustentabilidade da Terra.

Além da superação dos obstáculos citados, o autor insiste na mudança de comportamento e na vivência de valores que nos ajudem a compreender e respeitar a grandeza do Cosmos, da

qual a Terra é apenas uma pequena parte, cuja evolução ainda está em curso. E que valores são esses? Boff (2012, p. 26-27) destaca cinco: a *sensibilidade e o cuidado* para com a todos os seres da natureza; a *compaixão e o amor* como essenciais à vida; a *responsabilidade* para com a manutenção e o desenvolvimento da vida; a *cooperação e a solidariedade* sobre a competição e a concorrência, e o *cultivo da espiritualidade* para ampliar o sentimento profundo de pertencimento do ser humano à vida.

Para que essa dimensão profunda ocorra, é preciso um pensamento aberto, transdisciplinar e complexo que perceba a interligação entre tudo o que existe.

### 3.2 TUDO ESTÁ INTERLIGADO

Morin (2000, p. 50), ao discutir a condição humana, parte do princípio de que não é possível fazê-la sem situá-la no universo, posicioná-la no mundo e afirma que "somos ao mesmo tempo seres cósmicos e terrestres, por isso dependemos vitalmente da biosfera e, como seres vivos, devemos reconhecer nossa identidade terrena, física e biológica". Para o autor, fazemos parte da vida e, portanto, estamos incluídos no conjunto de sistemas vivos (ecossistemas e biosfera), sendo, assim, seres da complexidade. Ele define o complexo como: "aquilo que está entrelaçado em conjunto, constitui um tecido estreitamente unido embora os fios que o constituam sejam extremamente diversos. A complexidade da vida é a diversidade organizada". (MORIN, 1980.p. 335).

Tudo está interligado, unido. Contudo, para Morin, essa união comporta a diversidade e a própria desunião, a unidade na diversidade:

A vida é uma unidade radical – presente em cada ser, da ameba ao elefante – e global – biosfera envolvendo todos os seres vivos – e é, ao mesmo tempo, não só diversidade/pluralidade, mas também desunidade, desunião, cisão, dispersão, oposição, antagonismo. É unidade lógica, ontológica, temporal, e é ao mesmo tempo polilógica, poliontológica, politemporalidade. O problema do pensamento complexo consiste, pois, em pensar a unidade/desunidade da vida sem reabsorver, reduzir, enfraquecer um dos dois termos. (op. cit., p. 338).

Capra (1996), em seus estudos, demonstra que nós, seres humanos, somos inexoravelmente ligados à teia da vida por inúmeras conexões que garantem a sobrevivência e a sustentabilidade da humanidade e do planeta. Para ele, o ambiente natural é formado por sistemas que se auto-organizam e se auto-regulam para garantir a sua existência. Com isso, define a teoria dos sistemas observando suas relações e identidades:

Todos os sistemas vivos devem sua identidade às interações e interdependência de suas partes. A teoria dos Sistemas nos diz que todos os sistemas vivos têm em comum entre si um conjunto de propriedades e princípios de organização. Estes princípios são os princípios da ecologia. (op. cit., p.6).

Para o autor, a palavra interdependência é chave para o entendimento das relações ecológicas, o que significa uma nova forma de pensar e olhar o mundo:

Precisamos de uma nova forma de olhar o mundo e de uma nova forma de pensar - pensar em termos de relações, encadeamentos, contexto. Precisamos dar uma reviravolta em nossa percepção: de um mundo visto como uma máquina para um mundo visto como um organismo vivo. Nós podemos chamar isto de pensamento ecológico ou pensamento sistêmico. (op. cit., p. 9).

Como vimos no item anterior, a ecologia é um campo muito vasto que pode ser entendida transdisciplinarmente. Em uma perspectiva filosófica, pode ser considerada como ecologia profunda. Essa visão foi concebida originalmente pelo filósofo Naess (1912-2009). Ele entendia que todas as espécies vivas têm um valor intrínseco e criticou o ambientalismo por ter uma visão centrada no ser humano, como se fôssemos a medida de todas as coisas, o centro do universo. Para essa linha de pensamento ecológico, a humanidade é parte do ambiente, da natureza e tudo está interligado.

Nesse ponto de vista, a responsabilidade pela crise ecológica provém da visão antropocêntrica, que separa os humanos do resto das comunidades de vida da Terra, colocando-as à disposição como "recursos" para serem utilizados, mesmo que prejudique ou elimine outras espécies. Por isso, a ecologia profunda se vincula a uma visão ecocêntrica que seria a chave da igualdade biocêntrica e, conseqüentemente, da autorrealização.

Speranza (2006), ao escrever sobre a ecologia profunda a partir da filosofia de Arne Naess, afirma que o antropocentrismo e o ecocentrismo são vertentes que se contrapõem:

*El antropocentrismo sostiene que la especie humana es el centro y la finalidad última de la creación o – en forma más matizada- está por encima del resto de los otros seres. La perspectiva ecocéntrica concibe al hombre como un integrante más de la naturaleza y cuestiona la desmesurada violencia que éste ejerce sobre otros seres en nombre de una presunta superioridad autodeclarada. (op. cit., p. 24).*

A ecologia profunda considera a natureza dotada de um valor intrínseco e, por assim pensar, propõe uma nova ética na relação entre os seres humanos e o planeta, entendendo que somos parte da ecosfera e totalmente dependentes dela.

Arne Naess e George Sessions, em um manifesto lançado em 1973, agruparam os principais motivos para se adotar os princípios da ecologia profunda. Para se compreender melhor as bases e argumentos dos autores, cumpre citá-los na íntegra como fez Speranza (op. cit., p. 30):

- 1. El bienestar y el florecimiento de la vida humana y no humana en la Tierra son valores en sí mismos (sinónimos: valores intrínsecos, valores inherentes). El valor de las formas de vida no humanas es independiente de la utilidad que éstas pueden tener para los propósitos humanos.*
- 2. La riqueza y la diversidad de las formas de vida tienen un valor en sí mismas y contribuyen al florecimiento de la vida humana y no humana en la Tierra.*
- 3. Los seres humanos no tienen ningún derecho a reducir esta riqueza y esta diversidad, salvo que sea para satisfacer las necesidades vitales.*
- 4. La actual intervención humana en el mundo no humano es excesiva y esta situación empeora rápidamente.*
- 5. El florecimiento de la vida y la cultura humana es compatible con la reducción sustancial de la población humana. El florecimiento de la vida no humana requiere una reducción de esa índole.*
- 6. Los cambios significativos para mejorar las condiciones de vida requieren cambios de políticas. Éstas afectan las estructuras económicas, tecnológicas e ideológicas.*
- 7. El cambio ideológico consiste principalmente en valorar la calidad de la vida (vivir en situaciones de valor intrínseco), más que adherir a un alto estándar de vida. Tendrá que producirse una toma de conciencia profunda de la diferencia entre grande (big) y grandioso (great).*
- 8. Quienes suscriben a los puntos enunciados tienen la obligación directa o indirecta de tratar de implementar los cambios necesarios.*

Os oito pontos dessa plataforma revelam a amplitude dos conteúdos da ecologia profunda que pretende inspirar mudanças radicais na forma de ver, ser e estar no mundo. O manifesto traz uma crítica à forma utilitarista e predatória como os humanos se relacionam com a natureza. Levanta, ainda, uma questão polêmica que é a proposta de redução da intervenção humana no planeta, assim como redução da própria reprodução da população humana, pois, segundo os autores, esse crescimento prejudica a vida de outras espécies.

No último item do manifesto, está explícita a intenção dos autores de constituírem uma militância em torno da causa da ecologia profunda.

Sem querer entrar no mérito de cada um dos itens abordados, aponto que esse movimento não se pretendeu apenas pragmático, mas questionador de uma visão de mundo antropocêntrica.

A ecologia profunda não tem apenas uma prática em prol da conservação e preservação ambiental como a chamada ecologia "superficial", como a luta contra o uso de energias sujas ou poluição das águas, reflorestamento, salvar uma espécie em extinção, mas tem por objetivo questionar um modelo de pensamento antropocêntrico e afirmar os direitos intrínsecos da natureza.

Speranza (2006) destaca as principais diferenças que levaram Naess a fazer a distinção entre a ecologia superficial e a ecologia profunda:

*Las principales diferencias que separan a una de otra pueden ser sintetizadas en tres puntos fundamentales. En primer término, la ecología superficial tiene una visión del "hombre en el ambiente", mientras que la ecología profunda sostiene una concepción relacional que no concibe al hombre separado de su medio, como si se tratara de entidades diferentes, sino que todo mantiene una profunda interacción. (SPERANZA, 2006, p. 32).*

A autora enfatiza que a ecologia profunda não se preocupa apenas com o destino da humanidade, mas com a vida do planeta em sua totalidade e com a intervenção do humano na biosfera. Nesse sentido, ressalta que Naess queria introduzir um campo de conhecimento denominado por ele de ecofilosofia. Esse campo se fundamenta em uma visão de mundo e em valores que orientam as nossas ações, chamada de ecosofia:

*Una ecosofia es, entonces, un sistema elaborado personalmente que, contemplando la realidad geográfica, histórica, cultural y social de cada uno, orienta nuestras decisiones y acciones con el medio ambiente. Una ecosofia nos permite ser conscientes de aquellos principios, valores o visión del mundo que tenemos -y que no siempre sabemos que tenemos – y que nos sirven de base para la toma de nuestras decisiones. (op. cit., p. 37).*

Essa visão ecosófica dialoga com a concepção de Guatarri (1990), ainda que não sejam ideologicamente semelhantes. Para ele, a saída para a crise só poderá ocorrer de forma global e atingir os diversos planos e escalas caso a mudança seja tanto objetiva quanto subjetiva. O autor afirma categoricamente:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (op. cit., p. 9).

É nesse aspecto que abordarei a educação ambiental, como uma proposta ecopedagógica, capaz de contribuir com respostas às grandes questões que a crise ambiental nos coloca como seres humanos que buscam se autor-realizar como espécie nesse planeta.

### 3.3 ECOPEDAGOGIA: EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

*É no jogo das tramas de que a vida faz parte que ela - a vida - ganha sentido.*  
Paulo Freire

Penso que uma das tarefas da educação está em preparar os seres humanos para buscar o sentido da vida, aplicando os conhecimentos e os valores construídos cultural, social e historicamente no enfrentamento das mudanças socioambientais globais que estão colocando em risco a própria trama da vida no Planeta e ajudar na busca da sustentabilidade como forma de superar a crise civilizatória, como nos apontam os teóricos estudados.

Entendo importante definir o conceito de sustentabilidade para deixar claro de que ponto de vista estou partindo. Contudo, não desejo entrar no debate sobre a polissemia da palavra

sustentável e tampouco no conflito entre os termos desenvolvimento sustentável e sociedades sustentáveis. Prefiro ir direto ao conceito que está em consonância com a linha teórica que escolhi para referenciar o trabalho de pesquisa.

Capra (2006) afirma que a palavra sustentável passou a ser vista como uma exortação moral que nos recorda a responsabilidade de deixar para as futuras gerações um mundo com as mesmas condições de quando o herdamos. Mas, apesar de entender a importância dessa definição, argumenta que é preciso uma definição operacional para a construção de sociedades sustentáveis, observando os ecossistemas naturais (plantas, animais, micro-organismos) que, pra ele, são comunidades sustentáveis:

...Uma vez que a característica mais proeminente da biosfera é a sua capacidade inerente de sustentar a vida, uma comunidade sustentável terá que ser planejada de maneira tal que os seus estilos de vida, tecnologias e instituições sociais, respeitem, apoiem e cooperem com a capacidade inerente da natureza de manter a vida. (op. cit., p. 13).

O conceito de sustentabilidade é entendido por Brandão como vinculado a alguns valores que aparecem nas relações entre os humanos e desses com o ambiente:

a sustentabilidade opõem-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma nova maneira igualitária, livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construir os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam e manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver. (BRANDÃO, 2008 apud GADOTTI, 2008, p.14).

Gadotti, assim como Brandão, define a sustentabilidade como o equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente. "Quando falamos em vida sustentável a entendemos como um modo de vida de bem-estar e bem viver para todos, em harmonia (equilíbrio dinâmico) com o meio ambiente: um modo de vida justo, produtivo e sustentável". (op. cit., p. 52).

Na publicação *Aqui onde moro, aqui nós vivemos* do MMA (2005), Brandão reforça a importância do equilíbrio como elemento fundamental para a manutenção da vida e, por isso, devemos ficar atentos e atentas à possibilidade crescente de cenários de destruição por conta da nossa visão de conquista e uso dos "recursos naturais" em nosso único proveito:

..., porque somos seres, *Seres do mundo da Vida*, seres também naturais, todos nós e tudo o que criamos pode vir a desaparecer da face da Terra, na medida em que alteremos o sábio equilíbrio e a harmonia de nossa natureza que nos mantém vivos.

(...)

Imaginávamos uma Terra de recursos naturais infinitos e inteiramente posto à nossa disposição. Mas hoje sabemos que, do ouro à água, tudo pode acabar, pois tudo é infinito quando em equilíbrio, mas pode se extinguir em pouco quando o equilíbrio natural se quebra e a harmonia das relações entre nós, seres humanos, e o *todo do mundo natural* de que somos filhos e parte, se quebra por causa de nossas ideias e ações. (op. cit., p. 35, grifo do autor).

Percebe-se o alinhamento de Brandão, Gadotti e Capra a uma educação voltada para uma vida sustentável e para o resgate do sentimento de pertencimento ao universo. Gadotti (2008) afirma que a educação pode colaborar com o ser humano nas respostas a questões filosóficas fundamentais (quem somos, de onde viemos, para onde vamos) em busca o sentido da vida que, por sua vez, não está separado do sentido do próprio planeta como o nosso lar.

O autor entende que, diante da crise em que vivemos, chegamos a uma encruzilhada e que precisamos nos posicionar e escolher entre dois rumos a seguir: o tecnozóico ou o ecozóico. A educação, segundo o autor, nos ajuda a definir e escolher o caminho e a perceber que eles podem não ser contraditórios, quando entendidos a serviço da sustentabilidade:

Diante da degradação ambiental das nossas vidas no planeta, chegamos a uma verdadeira encruzilhada entre um caminho *tecnozóico*, que coloca toda fé na capacidade da tecnologia de nos tirar da crise sem mudar nosso estilo poluidor e consumista de vida, e um caminho *ecozóico*, fundado numa nova relação saudável com o planeta, reconhecendo que somos parte do mundo natural, vivendo em harmonia com o universo, caracterizado pelas atuais preocupações ecológicas. Fazemos **escolhas!** Nem sempre temos clareza delas. A educação carrega de intencionalidade nossos atos. Precisamos ter consciência das implicações de nossas escolhas. O processo educacional pode contribuir para humanizar o nosso modo de vida. Temos que fazer escolhas. Elas definirão o futuro que queremos.



Todavia, não podemos realmente entender esses dois caminhos como antagônicos. Eles podem ser orientados paralelamente e não se opor um ao outro. (op. cit., p. 62, grifo do autor).

Gadotti reconhece a necessidade de uma ecopedagogia e uma ecoformação. Nesse sentido, construiu uma proposta baseada na Carta da Terra que chamou de Pedagogia da Terra:

...porque sem essa pedagogia para re-educação do homem/mulher, principalmente do homem ocidental, prisioneiro de uma cultura cristã predatória, não poderemos mais falar da Terra como um lar, como uma toca, para o "bicho-homem", como dizia Paulo Freire. Sem uma **educação para uma vida sustentável**, a Terra continuará apenas sendo considerada como espaço de nosso sustento e de nosso domínio técnico-tecnológico, um ser para ser dominado, objeto de nossas pesquisas, ensaios e, algumas vezes, de nossa contemplação. (op. cit., p. 63. Grifos do autor).

O termo ecopedagogia foi cunhado por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado para pensar a relação ensino-aprendizagem, considerando que a formação da pessoa se dá a partir da sensibilidade, do sentido das coisas, na vivência cotidiana da vida que se estabelece na relação dos seres humanos com a natureza e dos humanos entre si:

Precisamos, mais do que perseguir objetivos (econômicos), viver processos que favoreçam a flexibilidade, a abertura, o frescor e o contato sensível, profundo e limpo com os seres e as coisas. (...). Precisamos recuperar e desenvolver a capacidade de sentir, de nos emocionarmos, de vibrar.

Chegaremos a sentir a Terra a partir da nossa própria experiência: sentir o vento em nosso cabelo, saborear as águas da montanha, penetrar na mata virgem e captar as variadas e ricas expressões da biodiversidade. Fazer ressurgir esse encantamento especial que nos leva a descobrir a sacralidade do universo, despertando sentimento de intimidade e profunda gratidão. (GUTIÉRREZ, 2000 apud MAGALHÃES, 2013, p. 309).

Para que essa concepção ganhe densidade, ela deve filiar-se a um projeto utópico de mudança civilizatória e isso implica em uma nova base ética voltada para a vida, conforme recomenda Boff (2000b):

...Dever-se-á fazer um pacto ético, fundado como veremos, não tanto na razão ilustrada, mas no *pathos*, vale dizer, na sensibilidade humanitária e na inteligência emocional expressas pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade geracional e pela compaixão, atitudes essas capazes de comover as pessoas e movê-las para uma nova prática histórica-social-libertadora. Urge uma revolução ética mundial.

...Por *ethos*, entendemos o conjunto de inspirações, dos valores e dos princípios que orientarão as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido da existência (...) Mas, toda nova ética nasce de uma nova ótica. E toda nova ótica irrompe a partir de um mergulho profundo na experiência do Ser, de uma nova percepção do todo ligado, re-ligado em suas partes e conectado com a Fonte originária donde promanam todos os entes. (op. cit., p. 20-21).

É no sentido de buscar uma nova ética, uma nova ótica e uma nova relação que a ecopedagogia deve atuar na formação de pessoas que agem e pensam, a partir da vida cotidiana, preocupadas e comprometidas com o outro, com tudo o que as cercam e com todas as formas de vida.

A relação com o outro é, para Brandão (2005), um momento fecundo de aprendizagem:

Quase tudo o que vivemos em nossas relações com as outras pessoas ou mesmo com o nosso Mundo, como um contato direto com a natureza, pode ser também um momento fecundo de aprendizado. Podemos estar ou não consciente disso, mas cada troca de palavras, de gestos, e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de ensino-aprendizagem. De uma para o outro, aquelas e aqueles que se encontram: conversam, dialogam, deixam passar de si mesmo ao outro algo de suas palavras, algo de suas ideias, algo de seus saberes e algo de suas sensibilidades. (op. cit., p. 69).

Essa visão está em consonância com o pensamento de Gutiérrez e Prado (2008) quando discutem a relação ensino aprendizagem:

A cidadania ambiental e a cultura da sustentabilidade serão necessariamente o resultado do fazer pedagógico que conjugue a aprendizagem a partir da vida cotidiana. Nenhuma educação pode desentender-se do pedagógico entendido como promoção da aprendizagem produtiva. Promover significa facilitar, acompanhar, recuperar, dar espaço, inquietar, problematizar, compreender, entusiasmar, apaixonar, amar... (op. cit., p. 59-60).

Gadotti (2008), assim como Gutiérrez e Prado, indica que "a educação sustentável não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana" (op. cit., p 66). O autor destaca os princípios que orientam a ecopedagogia que, para ele, é um movimento sócio-histórico por uma cidadania ativa:

...o planeta como uma única comunidade, a Terra como mãe, organismo vivo e em evolução; uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado; o que faz sentido para a nossa existência; a ternura para com essa casa, que é o nosso planeta Terra; a justiça socioeconômica: a Terra é um grande pobre, o maior de todos os pobres; uma pedagogia biófila, que promove a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se, entusiasmar-se; o caminhar com sentido da vida cotidiana; uma racionalidade intuitiva e comunicativa, afetiva, não instrumental; reeducar o olhar, o coração, os sentidos; uma cultura da justiça e da sustentabilidade. (op. cit., p.70).

Os três autores entendem que, para o enfrentamento do problema ambiental, é preciso perceber a Terra como um ser inteligente e vivo do qual somos parte e habitantes. Dessa forma, percebem a Terra como nossa casa comum, como nos lembra Boff. Essa percepção repercute em um fazer pedagógico que gera uma aprendizagem significativa, solidária e democrática, pois articula as diversas dimensões da realidade sejam elas políticas, sociais, culturais, econômicas, éticas, estéticas, poéticas e ambientais.

Os autores nos convidam a trilhar um caminho que garanta uma educação para a sustentabilidade a partir de nossos atos cotidianos. Eles destacam a existência de sete chaves para um processo ecopedagógico. Essas chaves são caminhos necessários a uma educação para a cidadania planetária. São elas:

1. *O caminho se faz ao caminhar;*
2. *Caminhar com sentido;*
3. *Caminhar em atitude de aprendizagem;*
4. *Caminhar em diálogo com o entorno;*
5. *O caminhar como processo educativo;*

6. *Caminhar re-criando o mundo;*

7. *Caminhar avaliando o processo.*

Entendo que essas chaves estão interligadas e uma leva a outra, abrindo as portas para um caminho de formação proposto também pela ecologia profunda, integral e humana. Para os autores, esse caminho é um processo educativo que não está pronto e pavimentado, sendo construído no processo cotidiano de uma aprendizagem significativa. Não há formulas, não há receitas e tem que ser experimentado no contexto vivido. É na experiência vivenciada que a vida ganha sentido e se faz corpo dotado de sensibilidade, intuição, desejos e emoções, pois está iluminada pela consciência que se tem ao caminhar.

Não caminhamos sem impulso, sem ação e, portanto, sem atitude. E qual seria uma atitude de aprendizagem? Posso argumentar que seria uma atitude curiosa, de espanto e encantamento diante da vida e também uma atitude corajosa de fazer o desconhecido tornar-se conhecido. Mas isso só é possível no diálogo com o entorno. O diálogo é uma via de mão dupla, o que pressupõe uma relação, uma escuta sensível e um olhar aberto, atento e curioso. Contudo, esse olhar não é desprovido de consciência crítica e, portanto, não aceita como normal as situações de degradação sobre a natureza e sobre as pessoas.

Em diálogo conosco, com os outros e com o ambiente, transformamos e somos transformados pelo entorno que nos envolve. Em um acoplamento estrutural, como diria Maturana e Varela (1995), com autonomia e dependência de forma anelar como sugere Morin (1977, 1980).

A educação é um processo transformador, pois amplia a nossa capacidade de ação e de reflexão e, à medida que agimos, criamos e recriamos o mundo. Dessa forma, saímos da condição de meros expectadores e passamos a ser sujeitos de nossa própria história.

Nesse sentido, podemos fazer inferência a Paulo Freire que afirma que a educação é prática da liberdade, da autonomia. Para o autor (1992, p. 91), "faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se". Assim, somos um eterno vir a ser em construção ética e estética no caminho que se faz ao caminhar.

Ao caminharmos, refletimos, agimos, refletimos novamente e retomamos a ação, o que demonstra um constante processo avaliativo na busca do sentido da vida. Morin (2004) nos ensinou que nossas ações repercutem ecologicamente no meio em que estamos inseridos e, como tudo está interligado, essas repercussões se dão em cadeia e atingem o todo. Por isso, a avaliação deve ser processual.

No campo da ecopedagogia, o cotidiano e as relações sociais de convivência são categorias fundamentais, pois elas são propiciadoras de situações de aprendizagem sobre o ambiente natural e o exercício da vida cidadã. Segundo os autores que comungam com essa linha, é no dia a dia que se aprende os segredos da convivência, da solidariedade, da partilha, da sensibilidade, do acolhimento e da cooperação. Esses valores são tidos como basilares para o respeito e o cuidado com a vida em todas as suas dimensões.

Dessa forma, pode-se dizer que esses são princípios também do feminino profundo que é amoroso, intuitivo, afetivo, inclusivo e promotor da vida, bem como relacioná-los às características simbólicas e sensíveis da água que, com sua sabedoria, seu fluxo e sinuosidade, nos inspira como um ser de relações e acolhimento, que em sua missão e destino, transita entre a cultura e a natureza em suas diversas formas. É possível, ainda, compará-los com os valores de uma educação fundada na biologia do amor, como veremos a seguir.

#### 3.4 A BIOLOGIA DO AMOR E SUA INTER-RELAÇÃO COM A SUSTENTABILIDADE DA VIDA

Neste item, refletirei o valor das relações colaborativas em prol da sustentabilidade da vida, como um requisito importante para suplantar o modelo competitivo ao qual estamos submetidos.

Para isso, me referencio na teoria de Humberto Maturana sobre a biologia do amor, pois ela me ajudará a compreender o papel das emoções na educação. Dessa forma, examinarei alguns conceitos como os de seres vivos, cognição, autopoieses, acoplamento estrutural, emoção, linguagem e amor, pois eles são chaves para esse entendimento.

Maturana buscou uma profunda compreensão do que constitui o viver de todo ser vivo, através da formulação da teoria da Autopoiese. A partir do seu estudo sobre a percepção, criou o campo da compreensão ontológica do fenômeno do conhecer, entendendo-o como um fenômeno biológico.

Nesse sentido, Maturana e Varela (1995) construíram uma teoria da cognição que ficou conhecida como Teoria de Santiago, a qual busca entender o processo de cognição como parte inerente da vida. Para Capra (2002), a Teoria de Santiago é grandiosa por superar a divisão cartesiana entre mente e matéria:

...A mente e a matéria já não parecem pertencer a duas categorias diferentes, mas podem ser concebidas como dois aspectos complementares do fenômeno da vida – processo e estrutura. Em todos os níveis da vida, a começar com a célula mais simples, a mente e a matéria, o processo e a estrutura acham-se inseparavelmente unidos. (op. cit., p.53).

A cognição, na Teoria de Santiago, está associada a todos os fenômenos da vida e ultrapassa a própria consciência que se tem dela. Maturana e Varela veem a cognição como: "uma ação efetiva, uma ação que permita a um ser vivo continuar a sua existência em determinado meio ao produzir aí seu mundo". (1995. p.72), e afirmam que:

(...) o fato de o conhecer ser a ação daquele que conhece está enraizado no modo mesmo de seu ser vivo, em sua organização. Sustentamos que as bases biológicas do conhecer não podem ser entendidas somente pelo exame do sistema nervoso. Parece-nos necessário entender como esses processos estão enraizados no ser vivo como um todo. (op. cit., p.76).

Maturana (2001) é categórico ao afirmar que *viver é conhecer*. Para ele, o conhecer surge da operação entre adaptação e conservação:

O conhecer surge como um operar adequado à circunstância, de modo que essas duas condições – a organização e a adaptação – se conservam. No momento em que o organismo não está mais em congruência com sua circunstância, morre – acaba o conhecimento de sua circunstância. (op. cit., p.36).

Para Maturana e Varela (1995), à medida que sofrem alguma perturbação, os sistemas vivos reagem a ela e, com isso, se modificam para responder à situação. Essas modificações só podem acontecer se a estrutura desse mesmo sistema aceitar tal mudança, o que só ocorre pela existência da cognição. Esse sistema é, portanto, um sistema que aprende.

O ser vivo, segundo Maturana, é um sistema que opera com conservação da organização, como um sistema fechado, como uma rede de produção de componentes que produzem o sistema circular que os produz. Ele os define como "sistemas dinâmicos determinados estruturalmente, e tudo o que acontece neles é determinado a cada instante por sua estrutura". (2001, p. 67).

Nos termos de Maturana e Varela (1995), essas estruturas se constituem como ato de cognição, tornando o ser vivo capaz de se autoproduzir continuamente. Tal processo é denominado pelos autores de autopoiesis. "O termo procede de dois vocábulos gregos auto – por si e poiesis – produção, portanto autopoiesis expressaria a ideia de autoprodução dos seres vivos". (PELLANDA, 2009, p.23).

O conceito de autopoiesis está, assim, relacionado aos conceitos de autonomia, autocriação e congruência. Para Maturana (1991), não há como separá-los e um leva ao outro de forma congruente:

... os organismos vivos estão organizados de tal forma que os resultados de suas relações com o meio no qual vivem produzem novamente os mesmos componentes (...) isso leva ao princípio da autonomia. (op. cit., p. 88).

Outro termo importante para se entender o significado da palavra congruência é o de *acoplamento estrutural*. Para Maturana, nesse conceito está a base da concepção de organização e estruturação da vida:

... um sistema vivo opera sempre em congruência estrutural com o meio, e existe como tal somente na medida em que essa congruência estrutural (adaptação) for conservada. Caso contrário ela se desintegra. (MATURANA, 2001, p. 67).

A condição de existência de todo ser vivo, para o autor, é a interação deste com seu meio ambiente, o que ocorre por meio do *acoplamento estrutural*, ou seja, interações que desencadeiam mudanças estruturais no sistema. Esta complementaridade acontece entre o sistema determinado por sua estrutura e o meio em que está inserido:

(...) ser vivo está vivo somente enquanto conserva sua congruência com o meio, e que o viver se dá somente enquanto organismo e meio se transformam de maneira congruente, sob condições de conservação da organização do ser vivo. (MATURANA, 1998, p. 63).

O resultado disso tudo é que somos constituídos na relação com o nosso meio ambiente e na convivência com toda a comunidade de vida da qual fazemos parte. Nesse sentido, a sustentabilidade do ser está em congruência com a sustentabilidade do ambiente e da vida como um todo.

Maturana ressalta que o viver humano está intrinsecamente relacionado ao seu agir e, portanto, às emoções. Dessa forma, elas fundamentam a ação humana.

Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. (MATURANA, 1998 p.15).

O autor explicita, ainda, que somos humanos no nosso próprio viver e é isso que nos distingue dos demais seres, pois nos tornamos humanos na realização relacional de nossa corporidade. Ele define o ser humano como um ser inteligente, sensível e compreensível e afirma que sua realização ocorre na coerência entre o agir e suas características.

Somos o que somos, para Maturana, porque temos a capacidade de observar, refletir sobre a vida e construir, a partir da cultura e do “*linguagear*”, o mundo que nos cerca:

... a linguagem se origina em uma certa intimidade do viver cotidiano, no qual nossos antepassados (primatas bípedes) conviviam compartilhando alimentos, na sensualidade, em grupos pequenos, na participação dos machos na criação das crianças, no cuidado



com as crias, nas coordenações de ação que isso implica. E ali surge a linguagem como um domínio de coordenações de coordenações consensuais de condutas. (op. cit., p. 46).

De acordo com essa teoria, nos tornamos humanos pela linguagem e esta, só foi possível por meio da convivência. A emoção que possibilitou essa convivência foi o amor. Dessa forma, Maturana define o amor como "o domínio de ações que constitui o outro como legítimo outro na convivência" (1997, p. 46) e afirma que "as interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência, enquanto que as interações recorrentes da agressão interferem e rompem a convivência". (1998, p.22).

#### 3.4.1 A biologia do amor no processo educativo

Maturana (1998) afirma que o amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano. Mais do que isso, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que frequentemente o negamos culturalmente criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções. Para ele, "o central na convivência humana é o amor, e a biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela". (1998, p.32).

O autor acredita em uma educação fundada no respeito ao outro como legítimo outro, isto é, no amor. Ele afirma que estamos estruturalmente acoplados ao meio que nos circunda e nossa sobrevivência depende desse acoplamento, portanto, mudamos o mundo à medida que mudamos a nós mesmos e, com isso, vamos percebendo as perturbações que ocorrem através dos desafios e problemas a que somos submetidos. Assim, aprendemos e evoluímos com criatividade.

A aprendizagem, segundo a teoria de Maturana, é sempre relacional. Não há separação entre corpo, mente e espírito, entre sociedade e cultura, ser humano e natureza. Tudo está interligado.

Para essa teoria, conhecer e aprender são processos autopoieticos e, portanto, envolvem todo o ser humano em sua corporidade. Nesse sentido, as emoções são a base e o fundamento de

todo processo de aprendizagem que, por sua vez, não está separada da vida. Ao refletir sobre a educação na biologia do amor, Maria Cândida de Moraes afirma que:

Cada ser humano carrega dentro de si o mundo em que vive e pretende viver. Se estamos doentes por fora e se a atual situação do mundo em que vivemos revela o estado desordenado da psique humana, isso significa que estamos doentes por dentro, pois a ecologia exterior é um reflexo da ecologia interior. É um reflexo da dinâmica relacional que ocorre dentro e fora de cada um de nós. (MORAES, 2003, p. 38).

Se a vida é autopoietica e a aprendizagem se dá pela própria vida que se autoconstrói na relação com o meio, aprender é um processo dinâmico e ocorre na interação. Como vimos, para Maturana e Varela (1995), toda a estrutura do organismo participa do processo de cognição, portanto, aprendemos de corpo inteiro.

A partir da teoria de Maturana, Moraes (2003, p.104) escreve que a educação deve se realizar na biologia do amor, "na compreensão da sintonia dos multiversos que emergem no seio das circunstâncias criadas nos ambientes escolares" e nos alerta para a necessidade de criarmos ambientes intelectualmente adequados e sadios emocionalmente onde prevaleça a cooperação, a alegria e o prazer de aprender.

Um ambiente amoroso e colaborativo, para a autora, amplia a aprendizagem enquanto a competição restringe a inteligência e o campo de ação relacional de respeito ao outro, pois age na negação desse mesmo outro. Ela insiste em observar o encontro emocional que se dá na relação significativa – significado e na importância das emoções para que o clima, o contexto e a cultura sejam reconhecidos no processo ensino aprendizagem.

Para Maturana e Verden-Zoller (2004, p.135), os seres humanos são filhos do amor e dependem dele por toda a vida, pois na sua corporalidade e na aceitação mútua, quando em convivência, a biologia do amor sempre está em ação.

Essa afirmação revela a necessidade da formação humana, dos educadores, no processo ensino-aprendizagem. Segundo a *Biologia do Amar*<sup>7</sup>, corrige-se e modifica-se o saber e nunca o

---

<sup>7</sup>- Em alguns textos Maturana usa a palavra amar em vez de amor sugerindo a transformação do substantivo em verbo, em ação, em movimento. Desta forma uso-a também para reforçar essa ideia de ação.

ser. Dessa forma, o educador aceita o educando como legítimo outro e, com isso, são geradas a autoconfiança e as qualidades necessárias para que as crianças se tornem adultos íntegros, responsáveis e amorosos.

Segundo os autores da biologia do amor, é na interação das emoções com as ações que surgem a responsabilidade e a liberdade. Portanto, educar deve ser recuperar a harmonia que não destrói, não explora, não abusa e nem domina. Nessa lógica, é importante respeitar a si mesmo, aos outros e à natureza que é base de sustentação da vida. Quando se cria um ambiente de cooperação, de emoções positivas no relacionamento entre educando e educadores, ocorrerá uma melhor aprendizagem, pois a relação foi estabelecida com base na biologia do amar.

A educação, para Maturana (2001), é um processo de transformação que ocorre na convivência, na relação, durante a qual educadores e educandos se transformam juntos, na convivência entre si e com o ambiente, ampliando-se, assim, o desenvolvimento das inteligências, da criatividade e do pensamento.

O ato de educar pode ser definido como o processo no qual os seres humanos, adultos ou crianças, se relacionam com os outros. Essa relação se altera espontaneamente, mais congruente com o ambiente onde convivem. O educar, nos termos de Maturana (2001), ocorre o tempo todo e de maneira mútua, portanto, no cotidiano como sugere Gutiérrez e Prado (2008).

As principais diretrizes sobre a formação humana apresentadas por Maturana e Rezepka (2001) como fundamentais para a prática pedagógica podem ser assim resumidas:

- 1- Facilitar o crescimento do educando para a consciência social e ecológica.
- 2- Aceitar o outro como um ser legítimo em sua totalidade.
- 3- Criar condições para ampliar a capacidade de ação e reflexão no mundo em que se vive.
- 4- Perceber a educação como um processo de transformação na convivência.
- 5- Entender que o curso da vida humana segue o fluxo das emoções, não o da razão.
- 6- Propiciar diálogos e conversações entrelaçando a linguagem com o emocionar.
- 7- Considerar que a cidadania e a responsabilidade resultam do crescer com respeito por si mesmo e com consciência social.

- 8- Reconhecer que somos possuidores de tudo o que necessitamos em termos humanos para o nosso processo de formação.
- 9- Pautar a avaliação pelo fazer e não pelo ser.
- 10- Viver o espaço educacional como um ambiente amoroso no encanto do ver, ouvir, cheirar, tocar e refletir sobre o meio em que está inserido.
- 11- Exercer a prática da cooperação no respeito mútuo.
- 12- Requerer a liberdade reflexiva e a confiança do educando em suas próprias capacidades.
- 13- Entender a capacitação como metacapacidade, ou seja, como capacidade de fazer e refletir sobre o próprio fazer.
- 14- Ser congruente ao contribuir com a capacitação do outro a partir do seu próprio fazer e do respeito por si mesmo, isto é, fazendo o que é ensinado.
- 15- Partir do que o outro traz em si como um dever da formação humana.

Segundo Maturana e Rezepka (2001), é na convivência que ocorre o ato educativo. Não existe uma educação fora do espaço relacional do viver e, portanto, das emoções. Só somos capazes de colaborar com a aprendizagem do outro, porque passamos pelo processo colaborativo anteriormente. De modo que se aprende a se aceitar e a se respeitar, ao sermos aceitos e respeitados em nosso ser, e por isso mesmo aprendemos a aceitar e a respeitar os outros. O adulto que somos foi moldado pelo aprendizado que tivemos na infância e pelas formas como fomos nos constituindo ao longo da nossa vida.

Assim, pode-se concluir que uma educação fundada na biologia do amor reconhece e valoriza não apenas a razão, mas a emoção; não apenas o espírito, mas também o corpo e reconhece principalmente que a educação é integral, de corpo inteiro. Maturana e Rezepka (2001) acreditam que não devemos ensinar valores às nossas crianças, mas vivê-los na convivência cotidiana e no respeito ao outro como legítimo outro. Nesse sentido, a biologia do amor e a ecopedagogia se complementam, pois entendem ser fundamental para o desenvolvimento e

formação do ser humano íntegro, responsável e amoroso a relação consigo mesmo, com o outro, com a Terra, com o Cosmo.

Por fim, pode-se dizer, como Moraes (2003), que quando as emoções são positivas o aprendizado ocorre de forma prazerosa e tudo flui mais facilmente, e que é preciso consolidar a relação entre razão e emoção no cotidiano da vida adotando os valores que estão contidos na biologia do amar e na ecopedagogia.

Nesse caminho que, segundo Gutiérrez e Prado (2008), é feito ao caminhar, devemos vivenciar o contexto e observar os princípios do feminino profundo. Assim, será possível abandonar o discurso da luta, da guerra, da competição, do embate e incorporar os valores aprendidos com as características sensíveis da água, que é inclusiva, flexível, fluida, determinada, paciente e acolhedora.

### 3.5 A ÁGUA COMO MATRIZ ECOPEDEGÓGICA

*Água... flui, prossegue sempre fluindo e vai preenchendo todas as depressões que encontra: não vacila diante de nenhuma passagem perigosa, não retrocede diante de nenhuma queda, e nada a faz perder sua natureza essencial. Ela permanece fiel a si mesma em todas as circunstâncias.*

O I Ching

Na concepção do projeto *Água como Matriz Ecopedagógica* (AME) da Universidade de Brasília, pensar a água como geradora de uma ecopedagogia é pensar em uma pedagogia que se dá no cotidiano da vida e contribui para a construção de uma consciência planetária a partir da água. Com isso, o conhecimento e a aprendizagem surgem mais do sentir, do que do saber formal.

Como apresentado no item anterior, todo conhecimento resulta de mudanças estruturais coerentes que um sistema vivo estabelece com o seu meio ambiente. Tem, portanto, uma dimensão fisiológica, corpórea, que ocorre no cotidiano de nossa história.

O significado das palavras, para Maturana (1999, p. 94), "não está na palavra em si, mas no fluxo de coordenação de comportamento no qual ela participa, como um tempo presente que continuamente muda". E essa mudança, para o autor, tem a ver com as emoções.

Diante do que foi exposto, pretendo articular a ecopedagogia com a biologia do amor ao afirmar que o objetivo maior de uma ecopedagogia voltada para a sustentabilidade da água passa pelo resgate do feminino, que reconhece a emoção como importante fator para a ampliação da consciência sobre a água. Incluindo, ainda, um alargamento do olhar para se atingir uma consciência planetária fundada em uma nova percepção sobre a água como condição *sine qua non* para a existência e a preservação da vida no planeta.

Dessa forma, a água pode ser considerada um núcleo simbólico, uma inspiração para o processo de aprendizagem numa perspectiva transdisciplinar, participativa e comprometida com a realidade. Isso foi o que fez o projeto *Água como Matriz Ecopedagógica* para responder a algumas inquietações sobre a problemática da água.

Segundo Catalão e Rodrigues, esse projeto buscou disseminar novos conhecimentos, atitudes e competências para a construção de uma "consciência cidadã das águas, com as águas e pelas águas" (2006, p. 16), Além disso, afirmam que "as águas que ocupam 2/3 do planeta e respondem também por 2/3 do corpo humano são a matriz imaginária que reúne indivíduo, comunidade e ambiente". (Ibidem, p.19).

As autoras apresentam o motivo pelo qual o programa foi pensado e qual a sua contribuição social:

Em síntese, o programa de formação foi pensado para subsidiar a prática docente e o favorecimento de uma resposta individual e coletiva para um modo de vida sustentável que permita a perenidade da água, do solo, das fontes de energia e da qualidade do ar que respiramos. As questões ambientais e os conhecimentos sistêmicos que elas têm suscitado interpelam pela abertura de novos horizontes para a educação como prática social capaz de transformar hábitos, fazeres, atitudes e possibilitar a emergência de novos valores e novos sentidos para a vida de todos e de cada um. (op. cit., 2006, p. 20).

Catalão (2012) afirma ser interessante perceber o trabalho da água e compará-lo à verdadeira educação:

Para nós, o ponto de partida é que educar nos reconduz à nossa própria fonte. (...) A verdadeira educação é um convite para que as pessoas possam acessar outros conhecimentos, processá-los e apropriar-se deles. Então, é muito interessante ver como a água trabalha: ela não se impõe. Com exercício de paciência, ela se infiltra, percorre os espaços que lhe são oferecidos, que lhe estão abertos de alguma maneira, mesmo nas pequenas brechas. Ela está presente na origem, na matriz de todas as criaturas vivas. (op. cit., p. 116).

Continua a autora:

Essa educação que trabalha com contornos, com acolhimento, com profundo respeito ao trabalho do outro é a base da pedagogia da água, a própria materialidade simbólica do elemento água. Esse movimento transversal, espiralar da bacia hidrográfica inspira, por sua vez, uma bacia pedagógica transdisciplinar que religa nosso corpo humano com o corpo da Terra. A água apresenta-se como elemento articulador dos conhecimentos sistematizados que emergem da prática – conhecimento popular, expressão estática e expressão simbólica. A pedagogia da água só é possível dentro de uma bacia semântica, de encontro de muitos saberes. (op. cit., p. 117).

De fato, a água, por suas características e importância vital, é uma matriz ecopedagógica por excelência. Ela nos ensina que estamos todos em teia e que as nossas ações estão articuladas em um processo ecologizado, onde tudo está interligado. Brandão (2005), a partir de um exemplo de um pequeno riacho, demonstra que a nossa ação, mesmo estando em um espaço delimitado, tem uma repercussão global:

Um pequeno riacho municipal cujas águas lutamos para manter límpidas e saudáveis, só é "municipal" desde um ponto de vista provisoriamente político e administrativo. As suas águas vieram de uma pequenina fonte e dependem das águas de chuva que vieram de um espaço sem limites territoriais. Suas águas irão desaguar em um rio maior que irá fluir dentro e fora de nosso município. Pode ser que as águas que eu ajudei a manter límpidas fluam para fora de nosso Estado e mesmo de nosso País. E numa tarde qualquer, essas águas que um dia passaram "pela minha aldeia" (como no poema de Fernando Pessoa) haverão de chegar a um Oceano. A um mar oceano que não pertence a País algum, mas é de todos, sendo de toda a Terra. (BRASIL, 2005, p.103).

A água que corre e não se limita a um lugar, para Catalão (2006), é dotada de qualidades sensíveis e pode ser identificada com a nossa própria vida na sua relação com o tempo, com as formas, com o ritmo, com o movimento e, por sua capacidade de reter memória e captar os sentimentos. Com ela, podemos aprender o sentido da vida:

...a sensibilidade da água evidencia-se nas suas capacidades de religar, de conduzir, de diferenciar, de seguir trilhas diferentes, de ressurgir, de infiltrar-se, de adaptar-se, tendo como único dever e devir, correr e circular. Que metáfora e que símbolo poderiam ser mais apropriados ao movimento transversal que propomos para a educação hoje? O educador trabalha com o verbo capaz de criar mundos, emergir continentes, adormecer potencialidades. A água que fala, a palavra da água que germina na percepção dos Dogon do Mali poderá umedecer nossa saliva, saciar a nossa sede de justiça e fertilizar uma educação para a solidariedade e o amor. Que sejam as águas fluido e fluxo de conexão entre humanidade e outros seres dessa nossa *Terra mátria* – esteio generoso de toda Vida. (op. cit., p.92).

### 3.6 CONTRIBUIÇÃO DO FEMININO PARA A ECOPELAGOGIA VOLTADA PARA A SUSTENTABILIDADE DA ÁGUA

Diante das palavras de Catalão, pensar nas contribuições do resgate do feminino profundo para uma ecopedagogia voltada para a sustentabilidade da água, parece ser redundante. Contudo, esse é um exercício importante uma vez que pretendo observar a relação singular entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água.

A água, não obstante sua dimensão física e sua importância no campo ambiental, adquiriu uma dimensão interna, subjetiva e espiritual relacionada às águas do feminino profundo, que abrange também o que é intrínseco ao feminino biológico e ao feminino sagrado, ligando-se à concepção da vida, à maternidade, ao ciclo menstrual, às águas uterinas que sustentam a vida embrionária, enfim, à força criativa.

Percebemos o feminino na natureza, principalmente na água, cuja relação de singularidade se pode encontrar nas características e qualidades em comum. E que qualidades são essas? A capacidade de adaptação, de confluência, de fluidez, de paciência, de flexibilidade, de perseverança, de consistência, de confiabilidade, de contornar e superar obstáculos, de manter-se fiel a si mesma. Podemos, ainda, escutá-las nas relações e conversações, nos diálogos e nas construções coletivas nas quais a cooperação exista e seja a força motriz.



Assim como a água, o feminino profundo tem a capacidade de cuidar e acalentar as vidas geradas para que tudo floresça vigorosamente, de apaziguar e induzir à calma e ao sentimento criativo e fértil.

A água, com suas características femininas, tem um potencial educativo e curador. Para uma das mulheres do Conselho das treze avós Nativas, Maria Alice Freire, a água pode ser considerada uma grande mestra:

A água é a grande professora, a grande médica, a grande mãe que ensina essa ciência maior que é a paz. É a água que nos ensina, é nela que está essa verdade, esse mistério. E se formos capazes de reverenciá-la, de nos curvamos perante ela, isso fará diferença. (FREIRE, 2012, p.135).

Em suas reflexões sobre o resgate do princípio feminino, Boff traz várias características que podem ser comparadas às características atribuídas a água:

Esse feminino representa o princípio da vida, de criatividade, de receptividade, de enternecimento, de interioridade e de espiritualidade no homem e na mulher. Portanto trata-se de um princípio inclusivo e seminal que entra na constituição da realidade humana. (BOFF, 2000a, p. 105).

Continua o autor:

...o feminino consiste na capacidade de viver o complexo, de elaborar sínteses, de cultivar o encantamento do universo, de cuidar da vida, de venerar o mistério do mundo, de elaborar um desenvolvimento com a natureza, e não contra ela (...) (op. cit., p.107).

Como vimos, as características do feminino profundo dialogam com as características simbólicas da água. Posso considerá-las como "gêmeas univitelinas" que nascem e crescem com as mesmas características.

Somos compostos de 2/3 de água e, assim como a água, somos seres de relações, de congruências e incongruências, de vida e de morte, de calmarias e correntezas, de luzes e sombras. Dessa forma, o feminino profundo e a água não separam e nem segregam. Feminino e

água aceitam, recebem e acolhem, cuidam, são generosos e fecundos, inclusivos, criativos e geradores de vida.

Com isso, importa-me agora pensar as contribuições do feminino para uma ecopedagogia voltada a para a sustentabilidade da água. Penso que o resgate do feminino poderá contribuir para uma educação de homens e mulheres íntegros, confiáveis, respeitosos, sensíveis, conscientes de suas ações no mundo, e, principalmente, amorosos. Uma educação pautada na convivência e no diálogo.

Brandão , ao refletir sobre o saber, o conhecimento, a ação de uma educação em favor da pessoa, da vida e do mundo, afirma que, se existe um absoluto na educação, seria o diálogo. Ele não o considera um método, um instrumento ou uma estratégia, mas uma finalidade:

Pois o caminho do diálogo é aquele que nos conduz a algo, a algum lugar, porque é o destino de todos os caminhos. "Paz", "amor", "harmonia", são os nomes que a experiência de diálogo fecundo entre nós e entre nós e todos os círculos dos seres da Vida, tomam para significar os seus matizes. Assim, entre nós, educadores, o diálogo é um princípio de valor que não pode ser reduzido a um meio de atuação, pois ele é o próprio sentido do trabalho da educação.

Se o sentido do conhecer é gerar e ampliar feixes pessoais de criação do saber, o valor da educação está no criar eixos e redes de sujeitos abertos ao diálogo. De pessoas convertidas a passarem, cada vez mais, do valor utilidade para o valor comunicação. A comunicação desinteressada com o outro; a partilha cotidiana da experiência de vida; a interdependência assumida entre todos nós. (BRASIL, 2014, p.267).

Ao refletir sobre as palavras de Brandão, dois aspectos me vêm à mente. O primeiro deles é que essa concepção está em congruência com o pensamento de Maturana sobre a importância da linguagem, das conversações para a constituição do humano e das suas relações sociais e culturais. O segundo aspecto é o da importância do diálogo para a gestão das águas em prol de sua sustentabilidade.

Esses aspectos estão intimamente ligados ao feminino que é acolhedor, inclusivo e cuidadoso, mas é também enérgico no sentido da garantia da vida. Por isso, é engajado no social. Ainda que não seja objeto de discussão dessa pesquisa, não perdemos de vista que uma ecologia interna torna-se redutora se não se relaciona com as dimensões concretas do mundo.

Jacobi (2012) preocupa-se com a dimensão educativa que ocorre nas articulações entre Estado e sociedade, e contextualiza a problemática da água associando-a à realidade em uma sociedade de riscos. Ele explica que o conceito de sociedade de risco foi formulado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck e que dialoga com a dimensão da transdisciplinaridade, da complexidade, da globalização, da produção de incertezas e riscos.

Assim, para ele, a educação deve levar em consideração a dimensão da autocrítica, da resolução de problemas e da articulação de saberes:

Estamos lidando com uma dimensão autocrítica, porque, de fato, o que a sociedade produziu, principalmente foram passivos ambientais. Estamos sempre lidando com a dimensão de resolver o problema que nós geramos; a nossa prática tem sido muito mais curativa do que preventiva. (JACOBI, 2012, p. 144).

Essas dimensões inter e transdisciplinar articulam diferentes saberes com a cultura e, esta, com natureza. Segundo ele, isso só é possível por meio do diálogo, da convivência, da resolução de conflitos, da corresponsabilização, da participação e da cooperação:

Nas fases de aprendizagem, temos que considerar a articulação e outras iniciativas, a convergência e a construção coletiva de respostas, os desenhos de soluções. O trabalho da ecopedagogia trata exatamente desse processo, ou seja, de desenhar, começar a entender, buscar as soluções, que podem ser locais ou em maior escala, lidando com conflitos, lidando com a importância da negociação, do diálogo permanente por meio de redes sociotécnicas. (op. cit., p. 149).

Se observarmos cada ponto levantado por Jacobi, veremos que não haverá sustentabilidade da água sem uma consciência social e ecológica. Sem essa consciência, que brota dos valores relacionados ao feminino, não haverá engajamento e articulações sociais por uma gestão da água que a preserve como um bem natural de direitos e como direito de todos.

É preciso respeitar e honrar o feminino para honrar e respeitar a água em sua alteridade, aceitando-a com todas as suas características, como um ser importante e legítimo em sua totalidade. O feminino nos dá a capacidade de sentir, refletir e interagir com a água, imprimindo

uma nova relação com ela, ampliando a percepção sobre a sua existência, gestão e importância para a sociedade humana e todos os sistemas vivos.

O diálogo, o respeito por si mesmo e pelos outros como legítimos outros, a transformação na convivência em coerência com o emocionar-se, a cooperação, a ampliação do olhar inclusivo e respeitoso para a diversidade e a vivência dos sentidos são princípios do feminino que buscam a parceria e a convivência amorosa nas relações.

Tais princípios podem se reverberar nos processos ecopedagógicos voltados para a sustentabilidade da água. Para tanto, os modelos pedagógicos, as metodologias, as estratégias devem estar coerentes com o olhar inclusivo, diverso, transdisciplinar, amoroso, cuidadoso, reflexivo e acolhedor do feminino profundo.

## CAPÍTULO 4 - O CAMINHO DAS ÁGUAS

### 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

*Leva no teu bumbar me leva ... Leva que quero ver meu pai ... Caminho bordado à fé ... Caminho das águas... Me leva que quero ver meu pai...*  
Rodrigo Maranhão

O caminho das águas foi para mim um caminho sem volta. Percebo-me totalmente envolvida com a temática e reverenciando esse elemento para que possa circular com qualidade dentro e fora de mim. Inspirada na letra da canção *Caminho das Águas*, pedi para ser levada ao lugar desejado – o olhar das pessoas envolvidas na pesquisa sobre a relação singular entre as temáticas: ecologia humana, feminino profundo e água.

Compreendi, durante esse processo, que o caminho a ser seguido é o de me deixar levar pelo fluxo das águas sem, contudo, me perder em seus meandros, mas seguir um mapa de navegação refletindo se ele de fato levará ao destino almejado. Não há mais como olhar o mundo sem perceber a água em todas as suas dimensões.

Assim, a pesquisa foi concebida como um ato reflexivo e de interpretação das leituras realizadas na pesquisa bibliográfica, das respostas às questões propostas e ao diálogo estabelecido durante os trabalhos vivenciais. A revisão bibliográfica correspondeu à busca de bases teóricas para a fundamentação do trabalho.

As leituras foram ampliando minha percepção sobre o tema e a compreensão maior do meu "mapa de navegação". Percebi que, à medida que me aprofundava nas temáticas, me deparava com novos conhecimentos, fazendo surgir novas problematizações a respeito do tema do projeto. Com a lente ampliada, pude refletir e produzir textos provisórios que serviram de referência ao trabalho de campo e, instigada pelas reflexões, pude mergulhar no tema da dissertação.

Parti do pressuposto que o conhecimento acontece na relação, sendo complexo e transdisciplinar, e possibilitando a interconexão dos saberes através de uma aprendizagem que

ocorre de forma circular e espiralada, como a água. Foi na interação com os autores e com as pessoas<sup>8</sup> que participaram das oficinas que pude construir e desconstruir alguns conhecimentos. Foi organizando a metodologia da pesquisa e a colocando em prática que me deparei com o que Edgar Morin chama de "anel tetralógico":

O anel tetralógico significa que as interações são inconcebíveis sem desordem, isto é, sem desigualdades, turbulências, agitações, etc., que os encontros provocam.

Significa que a ordem e a organização são inconcebíveis sem interações. Nenhum corpo, nenhum objeto, pode ser concebido fora das interações que o constituíram e das interações nas quais participa necessariamente. (...)

O anel tetralógico significa também (...) que quanto mais ordem e organização se desenvolvem, mais se tornam complexas, mais toleram, utilizam e até necessitam da desordem. Ou seja, por outras palavras, estes termos ordem/organização/desordem e, claro, interações, desenvolvem-se mutuamente. (MORIN, 1977, p. 58).

Edgar Morin (2004) nos ensina que o conhecimento complexo conduz a uma ética da solidariedade e da não coerção e pode colaborar com o autoconhecimento. Ele nos diz que o pensamento complexo:

Comporta a necessidade de autoconhecimento pela integração do observador na sua observação, pelo retorno a si para objetivar-se, compreender-se e corrigir-se, o que constitui, ao mesmo tempo, um princípio de pensamento e uma necessidade ética.

(...) O pensamento complexo conduz também para a ética da responsabilidade (reconhecimento do sujeito relativamente autônomo) e da solidariedade (pensamento que religa). (MORIN 2004, p. 65).

Nesse processo de conhecimento e autoconhecimento, busquei compreender o que pensavam os participantes da pesquisa sobre as relações estabelecidas entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água, e me percebi muito envolvida emocionalmente com o tema. O meu olhar não foi um olhar distante, privilegiado e neutro, contudo, me coloquei na postura de pesquisadora e facilitadora das oficinas, procurando propiciar um ambiente de colaboração para que os participantes fizessem as relações das temáticas e respondessem a pergunta central. Na

---

<sup>8</sup>- Uso o termo "pessoas que participaram do trabalho de pesquisa", ou "participantes da pesquisa", ao invés de sujeitos da pesquisa. Faço isso por adesão a uma linguagem não sexista e mais feminina.

clareza do papel de pesquisadora, evitei qualquer juízo de valor, sem, contudo, estabelecer a separação entre o objeto da pesquisa e meu envolvimento com ele.

Como visto anteriormente, Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), no livro *Árvore do Conhecimento*, expõem que existe uma base biológica para o conhecimento e que o cérebro não é apenas um sistema que processa informações, mas, em sua organização, interage com a realidade, modificando-a à luz das experiências vividas. Com os autores, pude entender que não existe dicotomia entre sujeito e objeto, razão e emoção e que a subjetividade faz parte da investigação metodológica. Essa concepção me trouxe tranquilidade quanto à postura assumida.

Esse olhar me levou também a pensar a metodologia como algo dinâmico que envolveu todo o processo de pesquisa, desde a escolha do tema, das questões levantadas, das leituras e análises feitas, até a redação final do trabalho. Enfim, o próprio caminho da pesquisa foi sendo feito e refeito à medida que ia me constituindo como pesquisadora na relação dialógica entre teorias, autores, participantes, olhares diversos e pensamentos emergentes sobre os temas.

Com isso, defini a minha postura quanto à teoria e ao método, situando-me no campo daqueles que questionam a razão instrumental, o reducionismo e o padrão cientificista que superdimensiona os aspectos quantitativos.

A pesquisa navegou pelas águas da etnografia e foi inspirada na proposta de Macedo (2012) que afirma a implicação e o pertencimento na construção coletiva dos saberes. Esses saberes foram interpretados a partir da observação do tempo e do espaço de sua realização e, por isso, uma de suas características é a de não se pautar em resultados permanentes e absolutos.

A noção de complexidade é um pilar importante na pesquisa visto que se afirma, como nos diz Macedo, na contraposição ao reducionismo quantitativo:

... a etnopesquisa crítica se afirma também por aquilo que ela não é: um fisicalismo metodológico, um quantitativismo nomotético, um objetivismo excludente, um interpretacionismo acientífico ou uma pesquisa distanciada dos âmbitos da ética e da política. (MACEDO, 2000, p. 30).

Ao abordar a ecologia humana, o feminino profundo e a água, preocupei-me com processos que se estabelecem entre humanos e natureza. A construção do conhecimento, para essa linha de pensamento, acontece no coletivo e valoriza a voz das pessoas envolvidas socialmente com a temática. Por essa razão, ela nos serviu de base, pois, nesse caso, a linguagem ganhou uma relevância por ser percebida como estruturante social e culturalmente:

... o significado social e culturalmente construído não se torna resto diurno esquecido na conclusão de uma pesquisa, ele é trazido para o cenário ativo do saber com tudo aquilo que lhe é próprio: contradição, paradoxo, ambiguidades, ambivalências, assincronias, insuficiências, transgressões, traições etc. Aliás, esta atitude de pesquisa tem uma consequência democrática radical para o campo das pesquisas antropológicas e em ciências da educação mais precisamente: trazer para a investigação vozes de segmentos sociais oprimidos e alijados, calados pelos estudos normativos e prescritivos, legitimadores da voz da racionalidade descontextualizada. (op. cit., p. 31).

A pesquisa se baseou em uma visão sistêmica levando em consideração as dimensões objetivas, subjetivas, intra e interpessoais envolvidas no processo. As relações estudadas foram compreendidas principalmente por meio das experiências vividas e relatadas pelas pessoas participantes. À medida que a questão foi sendo respondida, os participantes experienciaram paralelamente o autoconhecimento. Em todo trabalho de diálogo e aproximação do objeto de estudo, houve auto-observação e autodescoberta.

A proposta das oficinas propiciou uma imersão no tema, sendo possível, por meio das experiências prévias das pessoas participantes dos encontros, obter os conceitos que emergiram da construção coletiva. O processo de diálogo e a construção coletiva podem ser considerados os elementos chaves da pesquisa.

Parti do pressuposto de que o feminino profundo é um princípio que foi alijado, oprimido e calado em homens e mulheres, o que contribuiu para a definição de um padrão social e cultural pautado pela lógica patriarcal e antropocêntrica. Debatê-lo e relacioná-lo com a ecologia humana e o simbolismo da água pode trazer à tona uma questão enraizada social e culturalmente.

A metodologia, desta forma, situou-se no campo da pesquisa qualitativa. González Rey (2005) foi um dos autores que me trouxe inspiração com a sua abordagem metodológica em uma perspectiva epistemológica. Nessa epistemologia, o importante é o processo de construção teórica



acerca das informações adquiridas no fazer do pesquisador. Com isso, mais do que o produto obtido, valorizei o processo enquanto possibilidade de reflexão, teorização e análises dos resultados.

Rey afirma que os instrumentos e as técnicas são importantes, mas não podem ter um fim em si mesmo, serem os princípios absolutos de legitimidade e confiabilidade, pois, se assim fosse, cairíamos num tecnicismo capaz de supervalorizar o instrumental em detrimento do conteúdo. O autor defende uma revisão epistemológica para romper com a concepção quantitativa e instrumentalista:

Sem uma revisão epistemológica, corremos o risco, como de fato vem ocorrendo até hoje, de manter uma posição instrumentalista da pesquisa qualitativa ao legitimar o qualitativo por meio dos instrumentos utilizados na pesquisa, e não pelos processos que caracterizam a produção do conhecimento. (REY, 2005, p. 3.).

Entendi que o acesso à realidade é intermediado por nossas lentes teóricas e por nossas experiências. Ao entrar em contato com o pensamento de Rey (2005), fui alertada para a importância de superar uma visão dicotômica que afirma a existência de uma realidade última a ser apreendida pelo sujeito que está fora dela e, portanto, neutro. Com isso, parti do princípio que tenho uma vinculação pessoal com o tema e as questões de pesquisa têm a ver com a minha história de vida.

Com Maturana, aprendi que a objetividade na pesquisa deve ficar "entre parênteses" e reconheci que não há necessidade de disputas por "verdades absolutas", pois todo o conhecimento é realizado por alguém que conhece:

... objetividade sem parênteses e objetividade entre parênteses não são a antinomia objetivo-subjetivo. A objetividade entre parênteses não significa subjetividade, significa apenas "assumo que não posso fazer referência a entidades independentes de mim para construir meu explicar". Isso é o que quer dizer "colocar a objetividade entre parênteses", e tem consequências fundamentais. (MATURANA, 2001.p. 35).

Continua o autor:

Na objetividade entre parênteses há tantas realidades quantos domínios explicativos, todas legítimas. Elas não são formas diferentes da mesma realidade, não são visões distintas da mesma realidade. Não! Há tantas realidades — todas diferentes, mas igualmente legítimas — quantos domínios de coerências operacionais explicativas, quantos modos de reformular a experiência, quantos domínios cognitivos pudermos trazer à mão. (op. cit., 2001, p. 37).

Rey (2005) percebeu a comunicação como um princípio epistemológico que reconsidera o espaço social da pesquisa em sua significação para a qualidade da informação produzida. Por meio da comunicação, as pessoas pesquisadas revelam suas opiniões, desejos, sentimentos e manifestam a sua visão sobre o tema, além de expressá-la com criatividade. Concordando com o autor, utilizei instrumentos e ferramentas coerentes com a concepção de que o empírico é parte inseparável do teórico. Dessa forma, a abordagem realizada foi qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica, a pesquisa etnográfica e transdisciplinar.

A transdisciplinaridade implica em uma postura sensível para as informações provenientes do diálogo estabelecido, pois reconhece os diferentes níveis que compõem o ser humano e como eles repercutem entre si. Por isso, a necessidade de um olhar aberto e integrador, sem perder o respeito, o rigor e a inclusão. Dessa concepção, surge o reconhecimento dos três pilares da transdisciplinaridade: a complexidade, a lógica do terceiro incluído e os níveis de realidade.

Moraes e Valente (2008), afirmam que existe um caminho a ser percorrido na pesquisa a partir da complexidade e nos mostram por onde trafega a pesquisa transdisciplinar:

A pesquisa transdisciplinar trafega pela lógica do terceiro incluído, pela compreensão do que acontece nos níveis de realidade, tendo a complexidade, com seus operadores cognitivos, como base fundacional de toda essa dinâmica. (op. cit., p. 59).

Com essa postura busquei reconhecer os pilares da transdisciplinaridade e realizar a pesquisa seguindo o caminho apontado pelos autores acima citados.

#### 4.1 COMO A PESQUISA FOI REALIZADA?

*“Como um rio, que nasce de outros, saber seguir, junto com outros sendo e noutros se prolongando e construir o encontro com as águas grandes do oceano sem fim. Mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio”.*  
Thiago de Mello

A pesquisa foi realizada a partir da inspiração simbólica do rio que, como diz Thiago de Mello, se constrói no encontro, no movimento. Ela ocorreu de forma processual, em um caminho dialógico de comunicação que me possibilitou conhecer os sentidos atribuídos às relações simbólicas estudadas.

Seguindo as ideias de Morin (2004), entendo a dialógica como lógicas que se alimentam e se complementam, sem perder suas características que podem ser concorrentes ou até antagônicas. Elas não precisam se fundir em uma única síntese, suprimindo as diferenças de qualquer natureza (econômica, política, sociológica, psicológica, afetiva, ou até mitológica), pois podem coexistir sem excluir-se necessariamente, por isso é complexa. Para Morin (2000, p. 38), *complexus* significa “o que foi tecido junto” em um contexto que inclui as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si.

A pesquisa se deu em três etapas complementares. A primeira foi uma oficina vivencial com o público de mulheres voluntárias, que se reuniram em um local próximo a um córrego em uma zona rural no entorno do plano piloto de Brasília. O critério para o convite foi garantir a composição de um grupo de mulheres adultas com idades variadas, conhecidas por seu trabalho e envolvimento com as questões socioambientais, e com disposição e interesse na vivência do trabalho completo, isto é, de todos os momentos planejados. .

Na segunda etapa, a mesma oficina foi repetida, numa versão resumida, com um público específico de educadores que atuam em uma escola pública, situada no Plano Piloto de Brasília. Dessa vez, foi incluída a participação de educadores do sexo masculino. O critério para a escolha do grupo baseou-se na percepção de que seria interessante observar a concepção de um grupo que já atua junto em uma escola que é um centro de referência em educação ambiental. A escola escolhida identifica-se com concepção de educação integral e transdisciplinar e busca contribuir para o desenvolvimento humano a partir de interações criativas com a natureza e com as diversas culturas, visando à sustentabilidade da Vida.

Nas duas vivências, os participantes falaram de suas vidas a partir da composição do desenho de um curso de um rio, projetando-se e relacionando as situações criadas com a sua história de vida e da escuta e análise de uma história relacionada ao tema. Foram também produzidos textos coletivos. Um para cada oficina. Esses textos foram construídos a partir de palavras, pensadas individualmente, que definiam a relação entre as categorias (ecologia humana, feminino e água). Essas palavras se transformaram em parágrafos, depois em pequenos textos produzidos por duplas ou trios e, por fim, formaram os textos coletivos..

Para a terceira etapa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com duas mulheres que possuem experiências de vida significativas e imbricadas com as temáticas em questão. Uma delas possui o foco na educação na perspectiva da Educação Integral e a outra na espiritualidade ligada ao sagrado feminino. Entendeu-se que elas seriam capazes de trazer contribuições mais estruturadas por suas trajetórias e reflexões.

O exercício planejado para as oficinas envolveu a exposição de ideias individuais, aceitação da opinião do outro e construção de consensos. A produção textual buscou seguir uma lógica onde a dialética e a dialógica estiveram presentes em um círculo de diálogos. Além da produção coletiva de texto, uma imagem foi construída para representar, na linguagem artística, o pensamento do grupo. Foram utilizadas músicas, e danças circulares. Assim, a metodologia incluiu os passos da pesquisa transdisciplinar.

Em relação ao uso da criação artística, da música e dança circular no processo da pesquisa, Moraes e Valente (2008) reconhecem:

.... que a criação artística se ergue como ponte entre os diferentes níveis de realidade, a partir de diferentes níveis de representação, como é o caso de música, sons, imagens, filmes, e outros recursos audiovisuais. Para Nicolescu e colaboradores (2002), a criação artística engendraria uma “transpercepção” em nível transdisciplinar. Acreditamos com isso que a arte, em geral, e a música em particular, têm tudo a ver com a proposta de pesquisa transdisciplinar. (MORAES e VALENTE, 2008, p. 62).

A leitura dos autores indicou que as relações subjetivas podiam ser observadas na pesquisa para que a multidimensionalidade dos fenômenos e das pessoas envolvidas fossem enfatizados nas relações intersubjetivas. Apontou ainda que essas relações não devem ser apenas

de natureza crítica e reflexiva, mas também sensíveis, intuitivas e transformadoras, permitir, assim, a abertura, a possibilidade de se reconhecer a presença do terceiro incluído que se anunciaria em outro nível de realidade:

Ao utilizarmos estratégias de pesquisa que colocam a intuição e a sensibilidade em diálogo com a racionalidade científica, como criadora de conceitos e geradoras de ideias que enriquecem os nossos olhares sobre o objeto, nós estaremos trabalhando ou utilizando a lógica ternária. Estaremos, neste caso, reconhecendo a presença do terceiro incluído na pesquisa, de uma terceira via, anteriormente não percebida, que se expressa em outro nível de realidade e exige um outro grau de percepção por parte do sujeito transdisciplinar. (MORAES e VALENTE, 2008, p. 32).

Maturana e Varela (1995) afirmam que a mente está em todo o corpo. Reconhecer essa máxima me ajudou a entender que o conhecimento passa por diferentes dimensões incluindo a intuição, a emoção, a imaginação e todos os sentidos. Dessa forma, o ouvir foi uma postura fundamental para a pesquisa que reconheceu o conceito de escuta sensível criado por Barbier (1997).

Na percepção de Macedo (2000), a escuta sensível é um dispositivo fundamental na pesquisa por atribuir sentidos e significados aos conteúdos vividos.

A “*escuta sensível*”, como dispositivo de pesquisa, é uma conquista catalizadora de vozes recalcadas por uma história científica silenciadora e castradora. A necessidade de ouvir sensivelmente, no ato de pesquisar, é, ao mesmo tempo, um recurso fundamental para os etnopedagogos, considerando suas bases filosóficas e epistemológicas, bem como um dispositivo facilitador para a democratização do saber (MACEDO, 2000, p. 198).

Cerqueira e Sousa (2011) entendem a escuta sensível como "uma troca mútua, entre quem fala e quem escuta, em que ambos os sujeitos do processo se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano". As ideias das autoras orientaram o uso da escuta sensível como uma postura capaz de proporcionar a abertura ao outro para conhecê-lo em sua totalidade humana e social, sem julgamentos prévios:

O ouvinte não deve julgar, medir, comparar. Ele deve sair de si e partir do outro, realizar um movimento de compreensão, sem adesão ou identificação com as opiniões, ou ao que é dito ou ao que é feito. (...) A beleza da aproximação do eu com o outro, de compreensão desse sujeito que nos fala, que fala querendo ser escutado, foi perdida. (...). (CERQUEIRA E SOUSA, 2011, p. 19).

O pensamento das autoras está em consonância com o pensamento de Barbier (1997), que diz que o escutar pressupõe uma abertura ao universo do outro. O autor propõe o esvaziamento de conteúdos que nos tornam cheios para que possa haver a receptividade e o acolhimento. Para ele, a escuta sensível:

Trata-se, então, de sair de si e partir do outro, de suas práticas, de seus discursos, de seus produtos e, no final das contas, de seu próprio universo simbólico e imaginário. Compreender-se-á que essa atitude nova implica “esvaziar” a cabeça, antes de tê-la “bem cheia”. Devemos nos tornar receptivos ao outro e tentar estar “disponíveis” e “impressionáveis” pelas categorias do pensar, do fazer e do sentir que não estão em nossos hábitos (BARBIER, 1997.p.19)<sup>9</sup>.

A estratégia e procedimentos adotados privilegiaram a escuta sensível e a descrição densa. A análise dos conteúdos se deu a partir das categorias prévias: água, feminino e ecologia humana, havendo abertura para outras categorias que surgiram no processo.

As oficinas se constituíram como um círculo de aprendizagem fundamentado no pensamento Freireano no qual o círculo é espaço-tempo de socialização, de problematização e caracteriza-se como *locus* privilegiado de comunicação, discussão, embasado no diálogo firmado a partir da fala e da escuta. A fala fundamentada nas experiências refletidas das pessoas e a escuta orientada pela vontade de apreender com a fala do outro que, ao problematizá-la, problematiza-se, gerando assim a ampliação do olhar sobre o mundo e a aprendizagem coletiva.

Paulo Freire propôs uma práxis que se comprometesse com a emancipação de homens e mulheres através de círculos de aprendizagem que ele chamou de "círculos de cultura", cujo objetivo não era apenas a alfabetização, mas contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade enquanto seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura.

---

<sup>9</sup>- Essa é uma tradução livre, feita por Rogério Cordova de capítulo do livro não publicado- L'approche transversale: L'éconte sensible en sciences humaines, Paris, Antropos, 1997.

Dessa forma, concebeu educação como reflexão sobre a realidade a partir do diálogo de saberes.

O diálogo para ele:

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1969, p. 107).

Seguindo essa linha, as oficinas propiciaram uma experiência de diálogo sobre o pensamento das pessoas envolvidas, de suas experiências, suas linguagens e modo de encarar a vida em uma dinâmica que valorizou as ações construídas coletivamente.

Nessas rodas ou círculos de diálogos, tracei um percurso, optando por um caminho “bordado a fé”, como nos diz a canção, que valorizou o uso da razão e da emoção, do real e do simbólico, integrando corpo, mente e espírito. Dessa abordagem vivencial, surgiram conteúdos imbricados com as questões propostas..

Diante da importância da postura receptiva, do saber ouvir, acolhi todas as expressões orais, os relatos das experiências e os sentimentos que foram ouvidos de forma sensível e registrados através de gravação de áudio e do diário de campo, bem como através de imagens fotográficas com o devido termo de livre consentimento aceito por todos. Todo o trabalho foi registrado cuidadosamente por meio de descrição e registros dos detalhes significativos. Busquei observar não apenas o conteúdo exposto, mas as interações ocorridas.

A análise interpretativa das conversações e textos coletivos tiveram como ponto de partida as mensagens captadas no decorrer das oficinas. Essa postura de análise foi inspirada no sentido exposto por Laura Franco (2008). A autora indicou que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. (FRANCO, 2008, p. 12).

Ainda baseada nas ideias da autora, procurei observar o significado e o sentido dos conteúdos trabalhados. Ela afirma que:

O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação. Já o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas. (FRANCO, 2008, p. 13).

Como já anteriormente dito, o *corpus* de significação da pesquisa foram as falas, a produção textual, os desenhos e as entrevistas realizadas. Já o significado se deu a partir das experiências de vida das pessoas envolvidas. Dessa forma, o resultado obtido foi um recorte que revelou o olhar de um grupo determinado em um tempo e espaço social também determinados e, portanto, não há a pretensão de generalizar as observações feitas, mas apontar uma reflexão a partir do que foi visto e ouvido.

Considero como um dos pontos para a qualificação do resultado da pesquisa o compromisso e envolvimento dos participantes, a escolha adequada das técnicas, a sensibilização, dentro de um planejamento flexível e aberto ao que poderia surgir nos grupos e a fundamentação teórica realizada.

É importante salientar que os grupos tinham perfis diferentes. O primeiro, composto apenas por mulheres, ocorreu no final de semana e, por isso, teve maior tempo de trabalho, mais estímulos corporais, como danças, trilha, momento de refeição juntas, visualização criativa e uma maior abertura para as emoções e revelações de histórias de vida. O grupo foi composto por 13 mulheres que aceitaram o convite de forma voluntária. Dessas treze, quatro mulheres (33,3%) possuíam idade entre 27 e 30 anos. Uma possuía a idade entre 30 e 40 anos (8,3%). Duas (16,6%) estavam na faixa dos quarenta, tinham respectivamente 43 e 48 anos. Cinco (41,6%) delas se encontravam entre 52 a 58 anos e uma delas tinha 60 anos. De todas, sete (53,8%) eram mães, três (25%) avós e apenas uma (8,3%), a mais velha, já era bisavó. Quanto à profissão ou ocupação o grupo foi composto por: uma estudante e terapeuta de florais, uma focalizadora de danças circulares, uma assistente social e consultora ambiental, duas biólogas, três educadoras, uma jardineira agroflorestal e realizadora audiovisual, uma funcionária pública, *doula* e instrutora de *yoga*, uma arte-educadora ambiental, uma terapeuta e educadora e uma dona de casa.

O segundo grupo, marcado por vínculos profissionais, foi formado por cinco mulheres e dois representantes do sexo masculino. A oficina, realizada no turno da tarde, aconteceu no local



de trabalho, o que pode ter gerado uma relação de menor envolvimento pessoal, bem como de controle maior das emoções e de revelações a cerca de suas vidas. Ressalto também que a participação, neste grupo não foi voluntária, mas uma ação articulada com o trabalho de formação da equipe de educadores que atuam na escola.

Como pesquisadora não só analisei o material colhido, mas cumpri o papel de facilitadora na condução dos trabalhos, com isso pude planejar cada detalhe das atividades, desde a preparação do local, dos materiais utilizados às ações desenvolvidas.

#### 4.2 DETALHAMENTO DAS OFICINAS

A oficina foi fundamentada na abordagem transversal, complexa e na biologia do amor. Desenvolveu-se por meio de um diálogo grupal sobre a temática da ecologia humana, do feminino profundo e das águas orientado por uma pergunta que ficou fixada nos locais de encontro: *Quais as relações de pertencimento singular entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água?*

A reflexão sobre o tema se deu de forma colaborativa e dialogada e, ao final da oficina, foi construído um texto, respondendo a pergunta na linguagem escrita, e produzido um desenho para representá-lo.

A oficina contemplou três etapas distintas: a primeira baseou-se na apresentação de cada integrante do grupo, trazendo para a roda as histórias de vida e estabelecendo relações entre as vidas pessoais e as águas de um rio. Na segunda etapa, abordou-se a temática do feminino profundo; e a terceira etapa buscou integrar as dimensões anteriores e as inter-relações entre as temáticas por meio da construção coletiva de um texto e de um desenho.

Todas as etapas foram permeadas por atividades corporais e lúdicas e tiveram por objetivos:

- Facilitar a reflexão dos participantes sobre o tema da pesquisa;
- Fazer relação entre as histórias de vida dos participantes e o tema em questão;

- Criar um círculo de diálogo e aprendizagem;
- Propiciar o exercício de uma escuta sensível em um espaço de co-formação e
- Favorecer a construção de conceitos sobre o tema da pesquisa.

As atividades realizadas em cada uma das oficinas podem ser visualizadas nos quadros a seguir:

Quadro 3: Plano da primeira oficina:

	Horário	Procedimentos	Materiais necessários
1º momento	9h –9:40	Acolhimento: Boas vindas,. Explicação dos objetivos da oficina.  Uma breve apresentação das participantes do grupo – nome, filiação (sou...filha de...neta de...)  Elaboração de acordos para o funcionamento do grupo.	Flip Chart, canetões
	9:40	Explicação da atividade	
	9:45	desenhos e pinturas no rio	
	10:30	-Fala: sobre como estou me sentindo? O que emergiu ao intervir sobre o grande rio de sua vida?	Papel de rolo, canetinhas hidrográficas, papel-ofício, canetas esferográficas, tesouras e cola e tinta guache  Tarjeta e caneta esferográfica
	11h	- Construção de um pequeno texto individual (cerca de um parágrafo) que sintetize/ simbolize a história que cada pessoa expôs	
2º momento	11:20	História: <i>La Lhorona</i>	Livro: Mulheres que Correm com Lobos
	11:30	Diálogo sobre a história	

	12:00	Partilha de impressões e sentimentos	Bastão da palavra
	12:30	Almoço	
3º momento	14:00	Trilha, retorno, relaxamento e visualização criativa	Música /som
	14:20	Partilha de impressões- E ai fulana?	Bastão da fala
	14:40	Escrita de palavras sobre a questão	Cartaz com a pergunta: Quais relações singulares existem entre o feminino profundo, a água e a ecologia humana? Papel ofício – canetas esferográficas
	15:00	Escrita de frases com as palavras e depois de mais ou menos 3 parágrafos usando as frases	Papel ofício e canetas esferográficas
	15:30	Em trios: Escrita de um texto usando os parágrafos	Papel ofício e canetas esferográficas
	16:00	Socialização dos textos e divisão do grupo em dois.	
	16:20	1º grupo: ilustra o que ouviu elaborando um desenho 2º grupo: Elabora um único texto	Papel de flip Chart ou cartolina Giz de cera, canetas hidrator, canetões etc
	17:00 - 17:20	-Socialização e Celebração – Dança circular: The Mummies' Dance – Lorena Mckennitt (6:07)	Bastão da palavra, CD e som
	17:30	Avaliação dos trabalhos: o que eu deixo na roda / o que eu levo comigo. (preencher questionário)	Bastão da palavra questionário
	18:00	Lanche	

Quadro 4: Plano de ação da segunda oficina

	Horário	Procedimentos	Materiais necessários
1º momento	14:00	Acolhimento: Boas vindas, respiração profunda, sentir o corpo e a presença. Dança circular Explicitação dos objetivos da oficina. Breve apresentação com nome e expectativas em relação à oficina	Flip Chart, canetões som e música- caminho das águas
	14:15	Rio da Vida	Papel de rolo, canetinhas hidrográficas, papel ofício, canetas esferográficas, e tinta guache.
	14:25	- explicação da atividade	
	15:00	- desenhos e pinturas no rio	
	15:30	Fala: sobre como estou me sentindo? O que emergiu ao intervir sobre o grande rio de sua vida?	
intervalo	15:30		
2º momento	15:45	Escrita de palavras sobre a questão: Quais relações singulares existem entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água?	Papeis, canetinhas
	16:00	Escrita de frases com as palavras (ecologia humana , feminino profundo e água) e depois de + ou - 3 parágrafos usando as frases	Papeis, canetinhas hidrográficas
	16:10	Em duplas: Escrita de um texto usando os parágrafos	Papeis, canetinhas hidrográficas
	16:25	Socialização dos textos e divisão do grupo em dois.	
	17:00	1º grupo: ilustra o que ouviu elaborando um desenho 2º grupo: Elabora um único texto	Cartolina, tinta, pinceis, giz de cera etc. Papeis, canetinhas hidrográficas
3º momento	17:30	Socialização dos trabalhos	
	17:40	– Contaçon da história La Lhorona – (preencher questionário e o termo de livre consentimento).	Bastão da palavra Questionário e formulário
	17:50	Avaliação dos trabalhos: e despedida-	Som, música

## 4.3 NO FLUXO DAS ÁGUAS, CONFERINDO A ROTA: RELATO DAS OFICINAS

### 4.3.1 Primeiro momento: Rio da Vida<sup>10</sup>

A ideia central da atividade foi olhar e pensar a vida como um curso d'água, com o propósito de religar-se à nascente (a nossa origem, a nossa ancestralidade), abrir-se ao fluxo da vida e projetar a foz (os sonhos futuros). As perguntas orientadoras foram: Onde me situo no Rio da Vida? De onde vim? O que já fiz? O que estou fazendo e o que ainda penso em fazer?

A intenção é ligar as histórias de vida e a trajetória dos rios, permitindo uma nova percepção sobre a história de vida de cada pessoa, seguindo o fluir das suas águas, para descobrir o sentido do seu próprio curso, da sua própria história. (Catalão, 2011).

A atividade se iniciou com um círculo de participantes ao redor do traçado de um grande rio, feito de papel com cerca de 5 metros de comprimento, desde a nascente até a foz, com seus remansos e meandros, *canyons* e vales.

A fala inicial trouxe ideias sobre o curso dos rios, a configuração das bacias hidrográficas e sua relação com o corpo humano, o papel da água na vida planetária e o entendimento dos vales como espaço de confluência e de encontros.

Em seguida, os participantes foram convidados a desenhar ou pintar uma bacia hidrográfica que representasse o “Rio da sua Vida”, criar afluentes e povoar de vida o grande rio, da nascente até a sua foz. Ao final do desenho, cada participante falou sobre os sentimentos que emergiram e o significado da sua intervenção sobre o grande rio.

Cabe ressaltar que, durante toda a oficina, foi solicitado que a consciência ao falar fosse a consciência do coração<sup>11</sup> e acordado que quem escuta, não discorda e nem concorda, apenas

---

<sup>10</sup>- Oficina inspirada na Oficina Rio da Vida, da professora Vera Catalão, vivenciada no evento - A Voz das Avós no fluir das águas, realizado em Brasília, em outubro de 2011.

<sup>11</sup>- "Consciência do coração" é um termo usado por Mirella Faur que consiste em falar de coração e ouvir com o coração aberto para descobrir a nossa sabedoria inata, aceitando e expandindo a capacidade de sentir, compartilhando

respeita). Além disso, foi utilizado também um "objeto da fala"<sup>12</sup> para que apenas quem o segurasse pudesse fazer uso da fala sem interrupções das demais pessoas.

#### 4.3.2 Segundo momento: Um mergulho nas águas do feminino profundo por meio de um conto

Esse momento, realizado apenas na 1ª oficina por motivo de tempo, objetivou a socialização de um conto e a análise dos elementos da história com o intuito de conectá-los com a vivência anterior.

As atividades se desenvolveram da seguinte forma:

- Relaxamento e visualização criativa para trazer a presença, de corpo inteiro para o momento. Para tanto, usou-se o seguinte comando: *Revisite um lugar que considere maravilhoso e que esteve em qualquer época de sua vida, um lugar que considere sagrado e que faz o coração vibrar de alegria por estar nele.... Perceba que nesse lugar também se encontra um corpo d'água (rio, uma lagoa ou o mar). Observe tudo o que tem nesse lugar, sinta os aromas, perceba as cores e as sensações físicas, o vento, o calor. Tire a roupa, entre na água, sinta a água, a renovação que a água traz, a leveza e o frescor no corpo. Relaxe e curta as sensações provocadas pela água. Dirija-se até uma pequena cascata e fique um pouco embaixo da queda de água. Deixe que a água leve todas as sensações e sentimentos negativos. Receba a massagem que a água faz em seu corpo e relaxe. Aos poucos, vá saindo da água e se vista com uma nova roupa que se encontra no local, ela é branca, limpa, cheirosa. Não muito longe, você percebe um ser feminino. Se*

---

de forma espontânea e livre sem escolhas das palavras e censura das emoções. Com isso pode surgir *insights* e intuições.

<sup>12</sup>- O objeto da fala ou bastão da palavra serve, segundo Mirella Faur, para ser segurado pela pessoa que deseja falar, controlar o impulso de interromper ou completar a palavra de outras pessoas. Ao segurar o objeto só o fazemos quando temos algo importante a dizer e nos calamos quando não há mais nada a ser dito. Para ela, esse procedimento diminui o ritmo mental e verbal de todos os participantes criando uma sinergia no grupo.

*dirija a ele e faça a pergunta que desejamos responder nessa oficina. Escute a resposta. Como gratidão, entregue alguma coisa a esse ser e receba um presente para lembrar-se desse momento especial. Aos poucos vá retornando, tomando o caminho de volta. Mexa o corpo devagar, abra os olhos e retorne para esse local, esse espaço, aqui e agora.*

- Contação da história *La Lhorona* – tema relacionado ao feminino e a água. Comando: Ouvir a história e analisar/refletir sobre os elementos que ela contém fazendo inter-relações com a vida.
- Partilha de impressões e sentimentos e avaliação do encontro com um bastão da palavra – fala livre – E ai... (nome), o que você percebeu?

#### 4.3.3 Terceiro momento: O encontro das águas

Essa etapa (3º momento para a 1ª oficina ou 2º para a 2ª oficina), tinha como objetivo a construção do texto coletivo, o estabelecimento da ótica do cuidado e da cooperação, o surgimento das conexões entre os temas e a expressão das inspirações e aprendizados do encontro.

A construção coletiva do texto foi feita em resposta a questão: Quais relações singulares existem entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água?

O processo de produção do texto foi dividido da seguinte maneira:

- Individualmente: escrita de palavras soltas sobre a pergunta. Formação de frases com essas palavras e elaboração de um ou dois parágrafos.
- Em trios ou duplas: construção de um texto contemplando os parágrafos feitos. Leitura para a socialização dos textos.
- Divisão dos participantes em dois grupos:
  - 1º grupo – representação das ideias em um desenho.
  - 2º grupo – junção dos conteúdos dos pequenos textos em uma única produção textual.

- Socializar dos trabalhos e as impressões.
- Avaliação
- Preencher questionário e termo de livre consentimento.
- Agradecimentos e despedida.

Nas duas oficinas, o trabalho foi pautado por ações coletivas e cooperativas. Entretanto, a construção dos conceitos, o diálogo e a socialização das impressões, dos sentimentos e opiniões sobre a temática foram diferenciados.

Um ponto importante a ser observado é que a composição dos grupos e a caracterização das oficinas interferiram na qualidade dos trabalhos realizados. O tempo e adesão voluntária foram elementos fundamentais no adensamento e qualidade dos conteúdos.

Outro possível elemento que tenha restringido o debate na segunda oficina foi a presença de homens. Essa presença conteve a fala das mulheres relacionadas a questões tidas como tabus. Destaco ainda que o primeiro grupo não se configurava como um grupo de trabalho com laços profissionais e nem se constituía como um grupo fixo como o segundo.

No capítulo a seguir, analiso os resultados da pesquisa, buscando desvelar a singularidades das relações estabelecidas pelos participantes entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água.



## CAPÍTULO 5 - EM BUSCA DE ÁGUAS PROFUNDAS

“*Todo deserto contém um poço escondido, disse o Pequeno Príncipe.*”  
Antoine de Sant Exupéry

### 5 ANALISANDO A QUALIDADE DAS ÁGUAS PARA MATAR A SEDE DE CONHECER

Se todo deserto contém um poço escondido, encontrá-lo significa a salvação. Saciar a sede vivifica o ser, pois cada fonte, cada poço encontrado é quase um "milagre". Pensarei as oficinas como fontes onde buscarei a água necessária para saciar a sede de conhecimento. Em um círculo de diálogos, existe toda a sede e toda a água necessária. E foi buscando essas águas que me propus a refletir e analisar os conteúdos que emergiram da sabedoria coletiva do grupo.

Neste capítulo, analiso os conteúdos que surgiram durante os trabalhos das duas vivências realizadas a partir dos seguintes materiais: i) as falas gravadas durante as oficinas, ii) os textos produzidos e desenhos construídos coletivamente e iii) os conteúdos das duas entrevistas realizadas. Com relação aos textos, enfatizo o texto final, mas também trago elementos elaborados nos pequenos grupos, para complementar as relações estabelecidas entre as temáticas.

A análise partiu de categorias definidas a priori, relacionadas à pergunta central da pesquisa: *Que relações singulares existem entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água?* Portanto, há uma assertiva de que existem relações entre esses temas. Mas, o que elas significam? E que relações são essas?

Essas perguntas também fizeram parte do nosso universo de conversas significativas e foram respondidas à medida que se mergulhava nos significados e conteúdos abordados pelo grupo, buscando as analogias e as associações feitas, analisando-as à luz dos depoimentos, desenhos e textos produzidos pelas pessoas que participaram das vivências.

Iniciarei a análise seguindo as atividades feitas por oficina observando a ordem das vivências – o desenho do *Rio da Vida*, a análise da história contada, a produção textual, os depoimentos finais e por fim o desenho que expressou os textos que antecederam o texto coletivo

final. Vale ressaltar que todos os nomes foram trocados preservando o sigilo e a identidade dos participantes.

## 5.1 PRIMEIRA OFICINA

### 5.1.1 Desenho do Rio da Vida e história



Figura 1 - Desenho do Rio da Vida



Figura 2 - Desenho do Rio da Vida

#### 5.1.1.1 *Sobre o Feminino*

Ao propor o desenho da trajetória da vida no curso de um rio, intuí que as participantes relacionariam as características do rio como as suas condições de mulheres. Tendo isso em mente, optei por uma primeira oficina com o recorte de gênero, pois tinha a intenção de fazê-las falar sem constrangimentos e de criar um clima de cumplicidade. Foi o que ocorreu. A dimensão biológica do feminino foi mencionada pelas mulheres como uma característica especial, que as distingue no mundo.

Ser fêmea, em uma sociedade ainda imersa em uma cultura que predomina a polaridade masculina, é uma experiência singular. Como diz Koss:

... o fato de viver em um corpo de mulher significa estar sujeita a experiências determinadas biologicamente, como menstruação, gravidez, amamentar, o ser penetrada, que levam a um modo próprio de perceber e compreender o mundo, que difere daquele que se origina das experiências recorrentes do viver em um corpo de homem. (KOSS, 2000, p. 14).

Durante a oficina, a dimensão corpórea de ser mulher foi abordada por muitas participantes. O depoimento de Laís traz esse aspecto do feminino como algo a ser assumido. Ela relatou que vem de uma linhagem de mulheres fortes e que descobriu o prazer de menstruar:

... Eu vim de uma linhagem de mulheres, de matriarcas. O matriarcado é bem presente na minha família, nas duas, por parte de mãe e de pai. E um dia, chegando do trabalho, cheguei a casa, fechei tudo, deitei no sofá e falei: “ai que delícia menstruar”! Foi quando eu contemplei, quando eu tenho a primeira lembrança da minha contemplação com a minha menstruação. Então, foi um marco, foi um novo momento na minha vida, onde abriu o Feminino (...) (depoimento de Laís)

A fala chama a atenção para o sangue menstrual. E também para a sua linhagem reconhecendo suas raízes, sua ancestralidade. Parece haver uma desconexão entre o primeiro trecho (linhagem) e o segundo (menstruar). O que uma coisa tem a ver com a outra? Será que as mulheres de sua família não consideravam a menstruação como um poder do feminino? Muitas mulheres têm esse sentimento: que ser forte é negar o feminino que se delicia em verter o seu sangue para a renovação do corpo. Quando ela reconhece esse prazer (“ai que delícia”) se abre um canal de expressão do feminino que se revela e marca a sua vida.

Outra fase importante na vida das mulheres, a menopausa, foi lembrada por Renata, vinculando esta fase com o ressecamento das águas internas:

... uma fase da minha vida, que tem certas turbulências não é... e ..como vocês disseram. Né? Eu acho que é um marco muito grande quando a gente começa a perder as águas, não é, como a menopausa, (...) tem um ressecamento interno (Depoimento de Renata).

Assim como Laís que nos fala de um marco ao reconhecer a sua menstruação como prazerosa, Renata nos fala de outro importante marco, porém não demonstra prazer ao passar pela menopausa. Percebemos certo pesar ao reconhecer que essa fase vem com turbulências e que não

é fácil enfrentá-la. Por isso, muitas mulheres optam por reposições hormonais e outras saídas encontradas pela medicina tradicional e alternativa, tentando minimizar os efeitos da diminuição dos hormônios, que causam o envelhecimento do corpo.

Érica, a mais jovem do grupo, preocupa-se com seus ciclos menstruais que chama de luas e revela a sua busca do feminino através da maternidade. Ela nos diz que, para se conhecer, é necessário entender sua condição mulher que acompanha o ciclo lunar, com suas fases.

... eu tentei representar um útero, quero ser mãe e tem a ver muito com essa busca do feminino, de me conhecer, de compreender os meus ciclos e minhas relações com a lua, com minhas luas. (Depoimento de Érica).

Ela desenhou um útero. Esse espaço físico que acolhe, regula os ciclos menstruais e tem a sua energia *yang* estabelecida pela força capaz de gerar e parir vidas. Esse fato se relaciona com o dom da concepção que foi também registrada pela fala de Margarida: “O nascimento das minhas filhas trouxeram muita memória de quem sou eu e a minha confirmação”.

Margarida confirma-se como mulher e mãe, ao despertar para a sua própria essência, o feminino. Ser mãe contribuiu para o despertar da responsabilidade que exige cuidado e capacidade de entendimento, condições de educar e garantir a sobrevivência de suas crias. Sentir-se a si mesma no processo de se descobrir mãe foi a condição de Margarida para assumir a sua identidade como fonte de vida.

O feminino carrega em si mesmo a potência geradora, a dimensão criativa da vida. Ele é transcendente. Algo “intraduzível” que as mulheres expressam a partir de diversas experiências, mas, sobretudo, a partir da experiência da maternidade, do nascimento dos filhos:

... eu fui mãe muito jovem e com necessidade imperiosa de ser mãe. Foi uma decisão, foi uma escolha querer ser mãe, nesse momento com 22 anos e queria ser mãe, e depois, muito tempo depois, fui descobrindo que essa era a minha cura porque eu venho de uma linhagem de mulheres que não tiveram mães... (Depoimento de Heloisa).

... quando tive o meu primeiro filho, (...) eu fiquei assim (...) completamente estupefada, olhando para aquele ser porque... naquele momento, eu tive muita certeza de que eu e o pai dele não tínhamos feito ele sozinho.(...) A gente não saberia fazer aquele serzinho

que era a minha barriga e que virou um ser que estava ali respirando, dependente de mim, mas já um ser, né? E, eu tive muita certeza ali de que (...) eu não sou dona daquele ser e que ele representa uma coisa muito maior, que eu que sou um canal, somente pra ele estar ali. (...). (Depoimento de Camila).

Trouxeram ainda, a questão da vida abortada, de como se sentiram ao passar por essa experiência:

O momento que ficou marcante pra mim e que veio muito com a fala da Leonora foi essa questão dos filhos abortados... É que quando você falou eu pensei, poxa vida, porque eu também não trago os filhos abortados? Acho que é que eu tenho muita vergonha, mais aí, desde que você falou, eles vieram comigo. E...aí eu representei eles como galhos sequinhos que não....(respiração profunda, choro reprimido), que não floresceram. (Depoimento de Camila).

... Bom, também fiz aborto, também tenho um sentimento em relação a isso... E aí, tive dois filhos que eu amo muito... (Depoimento de Marcela).

... A Camila trouxe uma fala que me emociona muito que (choro), porque antes da Ana que é minha pequena agora, teve um neném que não veio, que eu não deixei chegar. (...). (Depoimento de Amália).

O aborto é um tema que vem carregado de vergonha. Primeiro, ele é considerado um crime em nosso país, e segundo, um pecado pelas principais religiões monoteístas. As mulheres que se submetem a um aborto fazem desse fato um segredo profundo e muitas se auto punem, criando uma cicatriz no seu corpo e principalmente em sua alma. A revelação dessa prática vem carregada de emoção e muitas vezes com lágrimas.

Estés (1997) considera os segredos verdadeiros assassinos da alma feminina e diz que a maioria deles está vinculada ao código de moral da sociedade e da cultura onde vivem:

A maioria dos segredos das mulheres se relaciona à transgressão de algum código social ou moral do sistema de valores da pessoa, da religião ou da cultura. Alguns desses atos, acontecimentos e opções, especialmente aqueles relacionados à liberdade das mulheres em toda e qualquer seara, costuma ser denunciado como vergonhoso para as mulheres, mas não para os homens. (op. cit., p. 463).

Na fala dessas mulheres, as feridas são reveladas em total confiança e, ao chorarem, criam um campo de cura e limpeza, de cura da alma. Esse foi um dos momentos em que a emoção se fez presente e revelada ao explicarem a razão dos desenhos no curso do rio. Nesses momentos, a escuta foi respeitosa e foi possível sentir que os corações se comoviam juntos e, assim, o círculo de diálogos fluía no respeito às histórias ali reveladas sobre nascimentos e gestações interrompidas.

#### 5.1.1.2 *Sobre as águas*

As mulheres do grupo identificaram facilmente suas vidas com o curso das águas. A vida como um rio que corre, com seus encontros e desencontros, com seus afluentes e lagos, com águas que ora são tranquilas, ora são turbulentas, ora estão claras, ora escuras, ora profundas, ora rasas. Perceberam as nossas águas internas como símbolos de emoções. A água foi o elemento central na vivência. Permeou todo o trabalho e se fez presente tanto na forma simbólica quanto na forma física. Foi o elemento de mediação e o fio condutor de cada ação desenvolvida. Não por acaso, essa categoria foi a mais citada, o que causou certa dificuldade na seleção dos depoimentos. Vejamos o que surgiu sobre as águas durante a fala de algumas mulheres:

... sinto uma conexão muito forte com as águas, sou muito das águas, todos os meus signos. Tenho o sol em peixes, ascendente em câncer, a lua em escorpião, todos os elementos da água, os 3 elementos dos signos da água. E, assim, o meu grande desafio mesmo é aterrar. Sou muito cíclica, muito no movimento da lua. E aí desenhei (...) água mais escura (...). Sinto muito espiritual, muito um ser das águas que vai lá dentro, assim, dos sentimentos, das emoções. (Cristina).

... eu fiz essa estrela aqui que ela nasceu das águas do grande rio... que pra mim é a vida... eterna de todos e eu sou essa estrela aqui e tô saindo dessas águas, da mãe natureza... sou das águas (...). (Margarida).



Figura 3- Desenho de Margarida

...me percebo no mar desde a origem e só agora percebo que o mar é o receptáculo de todas as águas. E é um pouco assim que eu me sinto (...) como se fosse receptáculo de todas as águas, só preciso tomar cuidado pra eu não me afogar, realmente eu recebo muito e às vezes eu fico meio aguada demais (risos) eu fico meio emocionada demais, eu me confundo nas águas dos outros (Camila).



Figura 4- Representação de Camila

... tocar nas minhas próprias águas interiores. (...) Eu sou canceriana, sabe, então todo o meu desafio é aprender a lidar com as minhas emoções que, às vezes, como eu botei no desenho, elas vêm como ondas muito revoltas (...). Eu tenho a água como uma fonte de inspiração muito grande e o movimento das águas, a fluidez dela, e passar pelas pedras,

buscar o caminho, a profundidade (...), às vezes aceitar que ela pode se embaralhar, mas, lá na frente, ela recupera o ritmo dela. (...) E o desafio é esse, o desafio da entrega. (...) Isso é um assassinato, né? A poluição da água. É um suicídio (...) porque nós somos água, sem água não podemos sobreviver. Realmente essas questões da despoluição das águas são muitas dimensões. (Joana).

... Eu também sou muito ligada à água, meu ascendente é câncer, eu sou da Mata Atlântica, que tem água para tudo quanto é canto (...). (Laura).

Nos depoimentos acima, percebemos que a água é um elemento que está presente em suas vidas. Elas reconhecem essa proximidade entre as águas internas e externas e não fazem a separação. Se sentem água, se misturam com ela e a identificam com emoções profundas de sensibilidade e com a intuição. A intimidade com as águas foi revelada nas falas da maioria.

Clara e Marcela relatam o quanto a água é importante e significativa em suas vidas, e revelam a necessidade de estar próximas a ela. Clara traz a intensidade ao citar as palavras “muito” várias vezes e Marcela repete que “é muito significativa” como reforço desse sentimento:

... Eu preciso da água, muito, muito, ela me dá força, assim, principalmente quando eu me sinto muito sem energia, muito sozinha até só de mim mesmo, sei lá, a água me aconchega, a água e a árvore .... (Clara).

... é muito significativo pra mim tá morando nesse lugar, perto da água. Eu acho que procurei muito tempo por esse lugar e eu digo que esse córrego foi um bônus pra mim. Eu não imaginava. Eu imaginava morar no mato... com outras pessoas...aí vim parar aqui, do lado desse córrego, pra mim é muito significativo mesmo. (Marcela).

Laís e Leonora reforçam a ideia de alternância, de ciclo entre morte e vida, encontros e desencontros, levar e trazer, ir e voltar. A água é por excelência um elemento de integração que transita entre as polaridades por sua característica de solver, de fluir, de misturar, de transmutar enfim:

Eu coloquei vários braços nesse rio (...) simbolizando os encontros e desencontros e como sair desse rio. (...), muito cedo o rio levou meu pai. Levou por separação e eu não tive mais contato. Então comecei trazendo essa simbologia do rio que leva e traz. .... (Laís).



... muito conectada com essa alternância, com esse movimento das águas, (...), muito forte (choro), ora muito revoltas, ora fluentes, entendendo que a vida é esse eterno renovar, da nossa origem das águas (...) que num certo momento se despedem, sobem, vão lá pro céu, na forma de nuvem e depois retornam novamente na forma de chuva, (...), alimentando esse eterno ciclo e isso me traz, assim, aceitação e compreensão do momento que eu tô vivendo, sabendo que tudo sempre foi eterno, que tudo será eterno, nessa constante troca, nesse constante movimento que nunca vai parar jamais. (Leonora).

Identificamos uma relação entre a fala das mulheres com o pensamento de Catalão e Jacobi (2011) expressos no artigo *Água como Matriz Ecopedagógica: uma experiência significativa e sustentável*. Os autores compreendem que:

... a água é um elemento de mediação entre as formas etéreas do ar e a densidade do elemento terra. (...) funciona como uma ponte de passagem entre os registros da natureza e da cultura e como traço de união subjetividade e objetividade, entre reflexão e manifestação. Dos movimentos da água desprende-se uma ecopedagogia que se constitui da fluidez dos ritmos e das alternâncias, da aceitação e inclusão das diferenças, da flexibilidade, da visão sistêmica, do pensamento reflexivo e do movimento contínuo que alterna permanência e mudança. (op. cit., p. 96).

Ao apontarem o que haviam desenhado, essas mulheres se davam conta da profundidade do que estavam expressando pelos desenhos, como se colocassem uma luz e emergissem a consciência situações vividas que marcaram a sua história de vida como ser feminino.

Eu achei ótima a ideia da ponte no rio. Ah, vocês viram aqui a pessoa preta de ideias, que é a água dentro da água? (Renata).



Figura 5- Representação de Renata

Então eu coloquei (...) aqui uma luzinha, como se eu tivesse nascendo, (...) e um ponto de interrogação, assim num saberia dizer o que vai ser de mim, nesse processo (...), nessa fluidez e também coloquei meus pés, como uma entrada, (...) no rio, pedindo licença (...) pra entrar sem saber como ia ser esse processo (...) de aprendizado nessa vida de ir fluindo, fluindo e aqui eu coloquei (...) um monte de interrogação no meu pé e um monte de lágrimas, lágrimas também entrando no meio do rio, assim .... (Clara).



Figura 6- Representação de Clara

Eu comecei desenhando pedras e isso fala muito do meu presente (...). É um presente muito sólido, então eu tô lidando novamente com a maternidade, a coisa de solo, de ser apoio (...). Tem o rio, aqui eu sou referência de terra (...) de solo, por isso que ficou (...). Aqui, eu escureci as águas, por causa dessa emoção, por causa que ela é profunda em determinados momentos, vou mergulhar e (...). Essa imersão, esse desejo de imergir... (Amália).



Figura 7- Representação de Amália

Até coloquei aqui uma rede que é a tradição lá (...) amazônica, que tem o rio Amazonas, o rio Purus, o rio Juruá, os vales ali, realmente eu bebi dessa fonte, sou muito grata e carrego isso dentro de mim e faz parte mesmo da minha existência.

E aí, aqui tem um outro momento difícil que eu represento essa coisa escura aqui, lá em baixo, num mergulho, numa sombra, acho que foi um momento muito difícil na minha vida... (Joana).



Figura 8 - Representação de Joana

As palavras gratidão, agradecimento, grata, agradecida, foram bastante usadas pelas mulheres em todos os momentos da oficina. Interessante perceber que elas estavam realmente agradecidas pelo momento e por todos os *insights* que estavam tendo por meio do diálogo, como também pela sintonia com o elemento água. Na escuta atenta, sensível, Heloisa se dá conta de que a sua relação física com a água precisa ser revista e agradece por isso:

Nossa que engraçado, a minha relação com as águas é uma relação a ser mais desenvolvida. Eu não sou aquele tipo de pessoa que quando chega na beira do rio, na cachoeira, sente aquele ímpeto de pular. Não. Sou capaz só de olhar e tá bom! (risos) E acho isso muito estranho. Eu bebo muito pouca água, acho isso que minha saúde (...) meu corpo é que pede pra beber mais água e eu ainda não tô obedecendo direitinho aos pedidos do meu corpo. Acho que isso aqui, nessa oficina, seja talvez mais um passo nessa minha cura na relação com a água e agradeço por isso. (Heloisa).

Leonora também relata sobre seu agradecimento às águas:

... Eu tenho uma profunda reverência, uma profunda amizade, um profundo amor pela água. A água é o meu elemento, é a água que me deu a vida. O meu dia, todo dia (...), eu acordo tomando um copo d'água e agradecendo, olhando para o sol e agradecendo pela água pura e cristalina. E me veio muito a inspiração de uma música, de imantar as águas com as palavras: “Essa água pura e cristalina é um presente de amor da mãe divina, agradeço, agradeço, por seu cuidado, amor e apreço”. (Leonora).

Alguns depoimentos vinculam a água à espiritualidade e os seus desafios nesse campo da subjetividade humana. A espiritualidade é aqui tida como uma abertura do ser para a dimensão divina, e pode ser considerada uma energia feminina que é fonte de amor e que nos faz responsáveis por toda expressão de vida, entendendo como Boff:

A espiritualidade, nesse caminho, faz-se pela contemplação reverente de todas as coisas. Pelo cuidar e acariciar; e não pelo agarrar e manipular. Trata-se de captar o nascimento de Deus em todas as coisas, pelos sentidos corporais, no som, nas cores, nas sensações produzidas por tudo o que envolve. Mas também pelos sentidos espirituais da intuição, da visão interior, do sentido de unidade e do repouso no movimento. (BOFF, 2000, p. 151).

Várias tradições espirituais têm na água uma simbologia muito presente, pois reconhecem que a água tem relação com a vida em sua própria matriz, nascemos da água e dependemos dela para continuar vivos. A água está em tudo e tudo está em nós. Essa é a não dualidade, a união com tudo o que existe, como explicitadas nas falas abaixo:

... a foz que é o objetivo maior, que é desde aqui o meu nascimento, que é o oceano, no sentido mesmo da iluminação. (...) da unidade. A parte conseguir ser realmente um com o universo. (...) O meu objetivo maior é esse mesmo, (...) conseguir essa fluência e chegar nessa plenitude que eu vejo (...) do mar (...) do interior (...) do espírito (...). (Joana).

... no fim da minha existência que eu quero brilhar, eu quero que tenha bastante luz. Quero que eu tenha entendido também bastante coisa, e fiz um sol aqui na minha foz. (Laura).

... aqui eu representei a floresta que é muito significativa na minha vida. (...) Eu vivi 23 anos na floresta, aí a linha de luz nunca mais se interrompeu, ficou sempre luminosa, então a floresta representa isso pra mim, (...) a iluminação da minha essência, assim eu ficarei na minha essência para sempre, foi ali no meio da floresta com toda essa riqueza

que ela tem... tudo tá nela, vida, as pessoas, os pássaros, a luz, muita luz. (...) Esse redemoinho aqui é agora. Eu botei esse branco, por cima que significa paz, que é como eu me sinto, totalmente pacificada, cheia de gente, de luz e entrando dentro do meu centro que é de onde eu espero que saia outro rio novo, que volte lá pra aquele rio grande,...). (Margarida).

... É uma questão da espiritualidade, (...) tem vindo uma música católica que tem vindo na minha cabeça. Eu não sou católica e é estranho isso que vem sempre, símbolos católicos pra mim, ou cristãos digamos, mas a música é católica que é aquela... “Se um dia o mar da vida quiser te afogar, segura na mão de Deus e vai...” (risos...). Eu acho que (...) essa dimensão da espiritualidade (...) segura na mão de Deus (...) eu acho... sei lá...faz sentido agora pra mim (...). (Renata).

... no final eu coloquei uma luz ali, como se procurando encontrar a luz, nessa caminhada toda, e se possível ter, nem que fosse uma pequena luz, mas uma luz que possa ajudar nessa caminhada toda. (Clara).

A água traz também a problemática ligada à questão ambiental, ecológica, que é, em si, uma questão central de espiritualidade. Marcelo Barros (2002), monge beneditino, escreveu um livro intitulado *O Espírito vem pelas Águas* e nele nos diz:

A comunhão com o universo deve levar-nos a uma atitude de profundo respeito para com a lógica da casa (ecologia), desde a ecologia interna, que é unidade profunda da pessoa, até a sentir que todas as coisas estão, de alguma forma, em continuidade com nosso próprio corpo. (op. cit., p. 15).

A espiritualidade é cósmica, traz a dimensão do todo, da imensidão do universo. Camila nos traz essa dimensão em seu depoimento:

.... Eu fui mergulhadora, e a primeira vez que eu botei uma máscara e olhei pra dentro do mar, (...) me deu aquela sensação de Ohooo!!!, de outro mundo que a gente não tem menor ideia que existe, a gente não sabe da riqueza dele, é outro mundo, outro universo que está ali...e... dos mistérios e das belezas, enfim, é uma coisa também que fala dessa presença divina, por que tanta beleza ali? (...) Não precisava tanta beleza (risos). Se não era pra gente ver, pra que tanta beleza? Então, a coisa é muito maior que a gente! Também me deu muito essa dimensão da grandiosidade da vida (...), entrar em contato com o fundo do mar. (Camila).

Nesse depoimento destaca-se também a dimensão estética da beleza e do deslumbramento que ela produz e da pequenez do ser diante da dimensão do todo, da grandiosidade da vida como disse Camila.

### 5.1.1.3 *Sobre a ecologia humana*

A ecologia humana é uma temática ligada ao sistema de valores e é considerada na proposta de construção de uma sociedade justa ecológica e equilibrada. Maturana e Verden-Zöller (2004) ajuda-nos a perceber que a cooperação é um valor fundamental para essa sociedade e deve ser considerado para a evolução humana. Para ele, esse aspecto é também fundante para que as relações entre os seres vivos possam ocorrer de forma colaborativa.

Os autores sustentam que, embora estejamos imersos numa cultura que valoriza a competição, a guerra e o desamor, é o amor que nos constitui biologicamente. Dizem ainda que somos seres amorosos que vivemos na linguagem e é isso que nos faz humano. Essa é a biologia do amor.

A relação entre humanos pode ser percebida no desejo de ficar junto, criar junto, compartilhar, dialogar, ouvir a outra pessoa. Essas foram características claramente expressas nas falas do grupo que vivenciou um clima amoroso, pois, ocorreu um respeito ao outro como legítimo outro na relação, e essa é a definição de amor feita por Maturana.

As mulheres reconheceram isso ao falar do prazer, da satisfação, da alegria em compartilhar:

...Eu (...) adoro estar com as mulheres mais novas... e também com as minhas coleguinhas mais velhinhas. (...). Enfim, esse encontro é muito saudável para nós. (...) Eu gosto muito desse movimento das mulheres, fazer a roda, e cada vez mais isso está aumentando. Muito bom mesmo. (...) Juntas somos mais, né, em todos os sentidos. (Margarida).

... eu terminei com esse grande coração que se derramam nessa água, nos oceanos, com esse meu propósito de exercitar o amor sempre...o amor em todas as coisas, o amor em

cada momento, o amor em todos os atos pra eu conseguir me preencher sempre de muito amor...pra poder tá me relacionando com o resto, com os bichos, com as árvores, com as pessoas, com tudo se relacionando no amor, no amor. (Heloisa).

... Tou muito grata de estar aqui, compartilhando. Estou aprendendo a compartilhar agora realmente, a falar e a ouvir, é quase uma novidade na minha vida... (Marcela).

... Eu sou apaixonada por trabalhar com grupo (...). Parece que minha criatividade, meu poder de criar precisa se nutrir do coletivo, do grupo ... (Clara).

... Estar junto me faz perceber isso, assim, o quanto a gente tem poder, esse poder do feminino. Isso ecoa novamente. Foi muito bonito. Eu me senti na fala, presente na fala de várias pessoas aqui. (...). É tão bonito, assim, quando o outro fala e você: ai, tou ali também. (Amália).

... É muito especial esse encontro, essa roda de mulheres. Ela retoma algo muito ancestral, muito nosso, com mulheres, essa reunião de troca de saberes. (...) (Cristina).

Na ecologia humana, identifica-se como fundante a relação dos seres humanos com a natureza, percebendo-se parte dela. Nesse momento, podemos identificar a percepção de pertencimento como uma base importante para a superação dos desafios postos para a sustentabilidade da vida. E, nesse desafio, está a superação de uma concepção antropocêntrica que segrega homens de mulheres e conseqüentemente humanos da natureza. Joana destaca esse aspecto da unidade com o todo:

Realmente esse rio se alimenta dos afluentes e se unem nessa ideia de que, no sentido maior, todos somos um. Né? Somos natureza, e somos um. Somos interdependes. E é essa consciência da interdependência de todas as coisas que dá as mulheres o sentimento de gratidão.

A água, como um importante elemento no centro da nossa roda de conversas e da questão ambiental, foi bastante discutida. Nesse diálogo, ficou claro que vivemos uma crise sem precedentes por nos sentir apartados da natureza. Mas talvez seja justamente a crise no mundo atual que traga urgência e a oportunidade de reestabelecer o princípio do feminino nas relações e, com isso, o cuidado necessário para a valorização e preservação da vida:

... É um momento de: ou cura, ou transforma, ou se esvai. Sim, porque já é muita energia se esvaindo mesmo, muita água poluída, muita coisa difícil, assim, um tempo de muito desafio... (Joana).

... O que a gente viveu aqui hoje me deu muito essa sensação da urgência da ação. E do encontro do feminino ser muito importante para a gente colocar esse feminino mesmo na roda, e a mão na massa, na terra. E esse cuidado com o masculino e com a gente. E plantar e ser (...), como a gente planta, o que a gente come. E botar em prática e ensinar para os nossos filhos.... (Camila).

... O fato é que a gente vive numa sociedade que é machista e se construiu historicamente a partir desse olhar que é machista. E que nós somos as duas coisas, nós temos o masculino em nós e isso nos faz agir, e sem o masculino o feminino não tem cor. É como dizia Paulo Freire, sem a gente o verde não tem cor e eu queria pontuar a importância desse equacionamento entre o masculino e o feminino, e do subjetivo e do coletivo. (Renata).

Magalhães (2006), ao escrever sobre a relação entre ecologia e educação integral, aborda as inter-relações e afirma que a conexão entre tudo o que existe se faz também na interioridade humana e que o pertencimento é fundamental para a mudança de hábitos, valores e atitudes:

O Pertencimento é a expressão viva e eficaz do sentido de unidade presente na alma humana e pode suscitar não só o sentimento de inclusividade, mas também vivências de respeito, afetividade, cuidado, cooperação, e coevolução na diversidade. (op. cit., p.45).

Em outro depoimento, Camila relata um desequilíbrio psicossocial, causado pela desarmonia entre as forças masculinas e femininas pelo fato de estarmos vivendo em uma cultura cuja polaridade masculina foi exacerbada durante um longo período histórico e ainda se faz presente através do machismo e da desvalorização da mulher e da natureza. Ela nos alerta para o fato de que é importante cuidado para que, ao recuperar os valores femininos, não se cometa os mesmos desvios.

... A gente tá vivendo como se a gente tivesse pego o bastão de mulheres feridas, de um feminino muito ferido e que a gente tivesse, então, se colocado no mundo para mostrar pro masculino que a gente pode viver sem eles. E aí nós nos tornamos mulheres “pintudas” (...). Então, na verdade, é como se estivéssemos no outro extremo super “pintudas” (...) ferindo o masculino e também o feminino, então tudo isso é um



processo pra gente poder, na verdade, acolher o masculino e o feminino, entender que nós não somos um sem o outro, e que a gente precisa do arquétipo dos dois lados. (Depoimento Cristina).

O depoimento de Joana nos mostra esse desejo de resgate do feminino para uma parceria entre homens e mulheres:

... Me veio muito isso, de valorizar mesmo a complementaridade, que o feminino ele agrega né? A gente não está para competir, a gente está para somar, para trazer a sabedoria, para realmente dar um passo diferente, assim, na sabedoria de conseguir trazer isso e tocar, tocar os corações, né? ... é tão bonito quando a gente vê um homem também que tem esse feminino forte, quando a gente vê uma pessoa, um ser humano, seja homem, ou seja mulher, que tem esse equilíbrio, que tem essa delicadeza, que tem determinação, que tem isso junto .... (Joana).

Joana nos diz que o feminino soma, agrega, traz sabedoria, pois ele toca os corações. Mais uma vez, fazemos alusão ao sentimento capaz de tocar os corações, o amor. Ela nos fala da beleza do equilíbrio e de um feminino forte no homem. Jung (2008) chama esse feminino no homem de *anima* e o masculino na mulher de *animus*. Quando esses aspectos estão inconscientes, projetamos o masculino apenas no homem e o feminino apenas na mulher, criando um desequilíbrio. Foi isso que ocorreu na nossa sociedade patriarcal, que recalcou o feminino e negou suas qualidades. Às mulheres, são negados o princípio masculino e, aos homens, o princípio feminino.

Zweig (1994) organizou um estudo que discute a busca da feminilidade perdida, apontando a reciprocidade desses dois polos:

... a relação entre esses dois elementos é recíproca: à medida que o Feminino de uma mulher é trazido à consciência e revelado, ele permite o crescimento do princípio Masculino mais forte que, por sua vez, dá sustentação a um Feminino definido com clareza. Cada um está bem sintonizado com o outro e a unidade da psique global da pessoa é determinada pela soberania de cada elemento. (op. cit., p.23).

A percepção das mulheres trata de dimensões que são, a um só tempo, individuais e coletivas, como explícito no depoimento realizados ao final da vivência:

... é interessante o dia de hoje, que a gente está discutindo o feminino, a água, toda essa relação e me tocou também como a gente trata o masculino perante o feminino (...). E como a gente vai tratar para não criar outros problemas, outros preconceitos, se houve dominação, se não houve. Realmente romper esse paradigma (...) da complementaridade muito forte, me trouxe a ideia da complementaridade do *yin* e do *yang*. ... (Joana).

Diante disso, podemos perceber que a reconciliação do feminino com o masculino é também a reconciliação da humanidade com a sua própria natureza e com a natureza em seu entorno.

### 5.1.2 A História

Para aprofundar as reflexões feitas a partir do desenho do “rio da vida” foi realizada a contação de uma história por entendê-la como uma fonte de *insights* e revelação da condição feminina. As parábolas, lendas, histórias e mitos foram tradicionalmente usados para passar ideias e valores que nos ajudam a navegar em águas subterrâneas turbulentas no aqui e agora.

Sabemos que as metáforas e as imagens simbólicas são recursos utilizados há milhares de anos pela humanidade para recompor a realidade. Clarisse Estés, em seu livro *Mulheres Que Correm Com Lobos* diz que “as histórias são bálsamos para a alma”. E Joson Elias, no livro *A Casa da Lua*, escreve um forte argumento para subsidiar a opção de aprofundar o trabalho através de uma história:

Quando ouvimos histórias, o verdadeiro impacto pode não ser sentido durante dias, pois histórias funcionam como cápsulas de ação gradual retardada em que a sabedoria vai se infiltrando em pequenas doses, dando-nos tempo para nos ajustarmos e nos adaptarmos. Os ‘remédios’ histórias são fortes e de efeito muito duradouros.” (ELIAS, 1998, p. 49).

A história *La Lhorona*<sup>13</sup> foi escolhida para ampliar as reflexões na oficina::

### *La Lhorona*

*Existia um lugar lindo, com um rio de águas cristalinas onde vivia uma comunidade feliz e em harmonia com a natureza. Porém chegou um Fidalgo vindo da Espanha para ali instalar uma fábrica. Com esse intuito foi morar no lugar e usou o artifício de enamorar-se a uma bela donzela que ali vivia. Ela logo se apaixonou por ele e passaram a viver juntos, porém ele não se casou com ela, pois tinha uma noiva muito rica que o esperava nas terras estrangeiras.*

*A jovem engravidou de gêmeos e nesse período a fábrica já instalada jogava veneno nas águas do rio. Sem dar-se conta do perigo a jovem gestante bebeu da água do rio, como era o costume, e por esse motivo seus filhos nasceram defeituosos, tinham os dedos grudados e as mãos deformadas. O fidalgo, muito rico e poderoso resolveu abandonar a jovem mãe para casar-se com a noiva estrangeira que possuía muitos bens. Então, ele a rejeitou juntamente com seus filhos.*

*A jovem mãe, desesperada e com o coração tomado pelo ódio e pela revolta, jogou os seus filhos nas águas sujas e poluídas do rio e logo se afogaram. Com esse ato sentiu uma dor tão profunda que morreu. Ao chegar no céu, São Pedro não a deixou entrar e isso só aconteceria se ela resgatasse do fundo do rio os seus dois filhos.*

*A partir daí, como alma penada, ela vaga pelos rios, enfiando os seus dedos longos de fantasma, arrastando-os na lama dos rios a procura de seus dois filhos, que foram mortos por ela. Chorando de arrependimento e dor ela chama pelas crianças, sem nunca tê-los encontrados, pois as águas estão muito escuras e poluídas.*

*Dizem que até hoje, se andarmos nas beiras dos rios à noite poderemos ouvir os seus lamentos e é por isso mesmo que as crianças não devem permanecer nos rios ou em suas margens à noite, pois ela pode confundir-los com seus filhos e levá-los para o céu.*

*É bom cuidar para não encontrá-la pois ela é uma mulher ferida a procura de seus filhos perdidos.*

---

<sup>13</sup>- Essa história se encontra no livro *Mulheres que Correm com Lobos*, de Clarisse Pinkola Estés, no capítulo 10, intitulado: *As Águas Claras: o sustento da vida criativa*.

Ao refletir sobre a história *La Lhorona*, as mulheres estabeleceram diversos vínculos com a realidade e também com suas vidas. A primeira delas manifesta uma visão social e política sobre o modelo de desenvolvimento econômico vigente e a crise ambiental que atravessamos:

Para mim, o fidalgo é claramente a nossa sociedade capitalista, ligada aos bens materiais (...). Desprezo mesmo pelos elementos da natureza. O rio que é a vida (...), matar um rio é uma coisa muito grave (...) pra mim é uma metáfora exata do que tá acontecendo no mundo hoje, em vários lugares do mundo”. (Laura).

As características das águas também foram consideradas e relacionadas a situações vividas:

... a água tem essa característica, às vezes a turvidez está ali, mas ela precisa simplesmente parar, poder decantar e você conseguir ver ali aonde é que estão os seus filhos, né? Então, estou me vendo bem nesse momento de deixar a água quieta, as coisas que estavam ali obscurecendo decantar e eu realmente poder perceber minhas crias (...). (Érica).

Heloisa conseguiu vislumbrar saída para despoluir o rio, que é o entendimento de que temos que observar o curso da natureza. Essa é a saída para que o fluxo da vida possa seguir:

... Vai lá observar a natureza, que a natureza, os seres vão despoluindo o ambiente mesmo, né? Só não despolui tudo de uma vez, porque a gente tá poluindo e a natureza não dá conta (...). E se tem uma fórmula de a gente conseguir fluir é a vida mesmo, é a vida em todas as suas dimensões, biológicas, emocionais, afetivas. A vida, ela é capaz de despoluir. (Heloisa).

No diálogo sobre os elementos da história *La Lhorona* e suas relações com a vida das mulheres, percebe-se uma reflexão sobre o feminino profundo que é criador, sensível e está ligado as emoções:

Para mim, veio acessar o arquétipo do masculino e do feminino que cada um traz dentro de nós e que as emoções, elas são conectadas com o princípio criador feminino e o outro (...) do controle, da autoridade, do poder é conectado como arquétipo masculino. E a gente foi educada nessa sociedade machista capitalista pra sufocar o nosso lado sensível,

feminino e deixar que o nosso hemisfério esquerdo, conectado com o nosso masculino, ele nos dominasse (...). Então o que aconteceu? O nosso racional, o nosso masculino sufocando o nosso feminino, as nossas emoções, as nossas intuições, as nossas sensibilidades, fizeram com que eu, mas acho que cada um de nós, ficasse poluída internamente. Trabalho como esse né, o trabalho de resgate do feminino sagrado vem justamente pra gente desaluvial essas águas que foram poluídas e deixar nossas emoções despertarem (...). Bom eu chorei hoje, em outros tempos passados eu chamais poderia chorar num grupo, mas para mim assim reunião entre mulheres é um espaço de segurança e a gente tem esse suporte pra dizer, tá eu sou uma mulher, feminina, eu sou sensível, eu sou emoção pelo menos, aqui, hoje. (depoimento de Leonora).

Leonora ressalta o clima de confiança que se estabeleceu no grupo. De fato, percebemos que um círculo de mulheres gera uma energia poderosa de cura. Como vimos, as mulheres falam de seus corpos com naturalidade e reconhecem o grupo como um espaço seguro para relatar as suas experiências de vida. Elas se sentem espelhadas e querem se ver com os olhos femininos.

Cristina reforça a ideia de que é importante resgatar o nosso olhar de mulheres e compartilhar:

... A gente deve ser mulher a partir do olhar feminino e não do olhar masculino. O resgate do feminino deve ser através do nosso olhar, fazer rodas de mulheres, que é nossos ancestrais (...). Se reunir juntas, falar, compartilhar.

Também foram estabelecidas relações entre os elementos da história e o processo criativo, vinculando a poluição interna com um processo de estagnação que não deixa fluir a criatividade. Quando não existe espaço para a expressão, as águas internas das mulheres ficam poluídas, gerando frustração e doenças. Liberar as emoções, enfrentar as dores, faz parte do processo de cura do feminino. Ao comentar sobre a chegada de *La Lhorona* no céu, quando esta foi impedida de entrar e obrigada a voltar para resgatar as crias, Amália fez a seguinte reflexão:

... quando chega ao céu ela tem resgatar, tem que voltar, tem que resgatar e isso é o nosso resgate também. A gente vai afogando nossas mágoas e a gente vai se afogando... assim... nas dores, né? A gente não quer entrar em contato. (...) Eu percebo assim de mim também. A gente poder chorar, poder falar (...). A gente não engolir a seco aquilo ali porque não é legal, não é bonito. (...) É um processo de cura também. Um processo de cura é você se limpar, limpar as suas águas sujas, não simplesmente colocar num canto  
....

Para Laís e Érika, a história funcionou como um mapa que possui muitos símbolos e suscitou vários questionamentos e reflexões. Elas se colocaram no lugar da protagonista, indagando o que da história diz respeito a elas próprias:

... Esses filhos, quem são esses filhos? (...) Onde ela se permitiu? Jogar o filho dela, aquela cria que ela teve, por um ato de amor e quando ele rejeitou, ela jogou fora? (...) Quando eu me encontro essa mulher em mim mesma? Quando eu vou lidar com as minhas feridas dos frutos que joguei no rio de uma rejeição alheia, de arquétipo ativo, digamos assim, porque o masculino é um arquétipo ativo. Então eu vi um mapa, um mapa bem interessante, um arquétipo assim de tantas mulheres. Eu sou muitas! Quem é essa dentro de mim? Quem são essas minhas crias? Quem é esse arquétipo ativo (...) onde eu fui me permitir jogar? (Laís).

... Eu comecei a me ver muito no lugar dessa mulher. Ter toda a minha trajetória, minhas buscas, meus estudos, minhas coisas e de repente, quando eu me vi (...) eu tava jogando todos esses filhos no rio. (...) Parei com essa coisa, mandei o fidalgo pra outro lugar (risos), mandei ele embora. Quem são esses meus frutos, quem são as minhas crianças? E quem sou eu? Onde está a Érika no meio dessa turbidez toda? (Érika).

As questões levantadas por Érika são profundas e pulsam em todas nós. Não existem respostas prontas e acabadas. Cada mulher deve encontrá-las a partir de sua própria história de vida. O importante é não deixar que nossas águas sejam poluídas, fiquem turvas e estagnadas. É fundamental reconhecer as nossas crias e entender nosso valor, o que construímos no dia a dia e que nos constitui enquanto Ser. Tudo tem importância, as pequenas e as nossas grandes obras fazem parte de nós. Olhar as nossas águas nos convida a enfrentar o drama de *La Lhrona* e reconhecer que não somos completas, que temos nossos dramas pessoais e que precisamos resgatar e valorizar nossa criatividade, para que nossas águas possam fluir límpidas até a foz.

### 5.1.3 Texto coletivo

Esse momento foi dividido em quatro partes chamadas simbolicamente de: *fonte* (nascente/palavras individuais), *veio d'água* (início do fluxo/parágrafo individual), o *riacho* (fluir/textos em duplas); o *rio* (confluência/ único texto coletivo).

A fonte foi o conjunto de palavras soltas que surgiram a partir da pergunta: Qual a relação singular entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água? Sem um número definido, cada uma das mulheres escrevia as palavras que lhes vinham à mente.

Ainda individualmente, usaram as palavras para construção de um a dois pequenos parágrafos que chegaram como veio d'água, como palavras que se juntam e se constituem como ideias-força que se unirão para formar pequenos textos. Depois, esses pequenos textos foram costurados em duplas, usando os parágrafos como o fluir das águas que chegam ao encontro de um rio. Nessas águas confluentes, formou-se um único texto, considerado aqui como um rio que acolhe as águas das fontes, veios d'águas e riachos.

O resultado, expresso abaixo, demonstra a riqueza de ideias e pensamentos a cerca da questão principal. As palavras, como fonte de ideias e de reflexões, brotam nos pequenos trechos dando-lhes consistência para fluir e se transformar em pequenos textos construídos de forma colaborativa. Por fim, um único texto e uma única imagem.

#### Participante 1

Fonte (palavras)	fonte; fluidez; nascente/foz; dialogo não confronto; masculino/feminino; movimento; complementaridade; poluição; integração; transformação da realidade.
Veio d'água (parágrafo)	Faltar, trocar, estar entre as mulheres, em diálogo, devolve ou dá fluidez ao feminino estagnado. O masculino dá novo movimento ao feminino.

#### Participante 2

Fonte (palavras)	Integração; receptividade; renascimento; entrega; memória; fluir; refletir a luz; conhecimento; paz; ser; abundância.
---------------------	---

<p>Veio d'água (parágrafos)</p>	<p>Integrar toda a memória no fluir das águas do tempo gera novo conhecimento.</p> <p>A receptividade é uma chave do feminino que nos permite refletir a luz do todo e gera o renascimento da paz original.</p> <p>Se entregar no fluxo para ser plenamente ou ser a própria entrega significa realização.</p>
-------------------------------------	--

### Participante 3

<p>Fonte (palavras)</p>	<p>Feminino, ser rio, conexão, amplidão, mundo, nuvem, sonho, doce, salgada, sentimento natureza, cooperação, mulher.</p>
<p>Veio d'água (parágrafo)</p>	<p>Somos água que flui, somos natureza que sonha. Natureza é todo que nos comporta. Natureza está dentro e fora de nós, doce e salgada, nuvem, rio, sentimento. Pela água somos o mundo, somos o céu conexão, amplidão, cooperação. Somos mulheres.</p>

### Participante 4

<p>Fonte (palavras)</p>	<p>Fluidez, represar, movimento, aprendizado, alteridade, cura, purificação, paradoxos, feminino, masculino, tempos, atitude, amorosidade.</p>
<p>Veio d'água (parágrafos)</p>	<p>O movimento da vida nos leva muitas vezes para um profundo aprendizado. Um mergulho no rio da alma.</p> <p>O meu feminino bebe do masculino, um rio que deságua dentro de mim, despertando a mulher que sou. E o meu masculino também bebe da minha nascente.</p> <p>O coletivo se transforma muitas vezes numa forte cachoeira, que sem</p>



	pasmaceira chega com atitude e poder de transformação, de cura, amorosidade.
--	--

#### Participante 5

Fonte (palavras)	Novo, liberdade, autoexpressão, poder, respeito, natureza, intuição, ação.
Veio d'água (parágrafos)	A liberdade para expressar a criatividade e intuição transforma em ação o respeito por todos os seres da natureza – poder de gerar o novo.  O poder de gerar o novo pode vir da liberdade para expressar a criatividade e intuição transformando em ação o respeito por todos os seres da natureza.

#### Participante 6

Fonte (palavras)	Plenitude, estar presente, essência, amor, comunhão, unidade, pureza, serenidade, sentimentos, força no eu superior, alegria, espontaneidade, conexão, autenticidade, entrega.
Veio d'água (parágrafo)	As águas me levam a minha essência. Me envolvem em sentimentos de amor, me sinto presente, conectada ao eu superior quando em comunhão com a natureza e com a energia feminina sagrada me entrego e deixo o fluxo do rio correr. Quanto mais e melhor eu me aprofundo nas minhas águas, mais enxergo a pureza de quem sou e a plenitude do ser.

#### Participante 7

Fonte (palavras)	Compartilhar, relaxamento, união, conagraçamento, encontro, gratidão, paz interior, reconhecimento, reconexão fluidez.
---------------------	--

Veio d'água (parágrafo)	<p>O compartilhar traz um relaxamento no encontro que leva a reconexão com a fluidez. O conagraçamento e a união trazem um reconhecimento da paz interna, levando sentimento de gratidão.</p> <p>As águas do feminino profundo são as mesmas que correm no sangue dentro de mim, que voam nos ares que respiramos e que deságuam no mar.</p>
----------------------------	--

#### Participante 8

Fonte (palavras)	Cooperar, colaborar, coletivo, coordenar construir, comunidade, contribuir, começa, complementar, continuar confluir, fluir flutuar, água, ar, coabitar, ambiente, eco, casa, terra.
Veio d'água (parágrafo)	Como um rio, água a cada momento, outra como um mar, todas as águas juntas. Ambiente masculino, casa, água feminino. Trans-formação, trans-porte, trans-cultural, trans-mutação.

#### Participante 9

Fonte (palavras)	Amor, receptáculo, vida, gratidão, criatividade, matriz geradora, sabedoria, sentimento; memória, registro, fluir, pureza, purificação, veículo, vida; redes, comunidades de aprendizagem, consciência, compromisso, responsabilidade, simplicidade, destruição, reconstrução; caos, soluções, compartilhamento, reflexo, aprendizagem, construção.
Veio d'água (parágrafos)	<p>- A água como veículo tem potencial de transformação, tanto na dimensão interna, subjetiva, espiritual, quanto na dimensão física (moléculas da natureza).</p> <p>- A água enquanto veículo solvente universal faz um link com a comunicação. A fluência no entendimento entre o grupo. O sentimento de transdisciplinaridade</p>

	<p>para a construção de um saber coletivo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No feminino profundo repousa uma sabedoria intrínseca de como lidar com a vida com a natureza.</li> <li>- A “mulher”, considerando-a como expressão do feminino, possui uma sabedoria do compartilhamento que facilita a comunicação.</li> </ul>
--	--

#### Participante 10

Fonte (palavras)	Doação, entrega, resgate, crise, oportunidade, acolhimento, força, união, conexão.
Veio d'água (parágrafo)	<p>A crise no profundo, na água, nas questões ambientais e na cooperação é a oportunidade do resgate da força e da reunião desses elementos. Em conexão, a arte da doação, e da entrega. Restaurar a saúde do acolhedor planeta Terra.</p> <p>A crise vivenciada no feminino profundo, na água, nas questões ambientais e na cooperação é a oportunidade do resgate.</p>

#### Participante 11

Fonte (palavras)	Sensibilidade, nutrição, introspecção, beleza, fluidez, sentimentos, equilíbrio, relaxamento, criação, composição, água, natureza, passarinhos.
Veio d'água (parágrafo)	A natureza com suas águas me ajuda a expressar sentimentos adormecidos e a bem compreender a minha relação com a força ao meu redor. Em relaxamento às margens do rio eu percebo melhor a interdependência dos elementos e dos seres vivos em geral.

### Participante 12

Fonte (Palavras)	Vida, amor, unidade, cuidado, (inter) relacionamento, raízes, ancestralidade, elo, conexão, abundância, eu, outro, todos os seres.
Veio d'água (parágrafo)	A participante não redigiu parágrafo.

### Participante 13

Fonte (palavras)	Enraizar, respirar, virar broto, ar, brotar, água, florescer, sol, dar broto.
Veio d'água (parágrafo)	Sentimento, percepção - pertencimento, conceder, conceder, ceder com concebimento - consentimento- com sentimento  Esquecimento  Ir e voltar  Assentamento  Assento na minha poltrona

Em subgrupos (dois de quatro e um de cinco), as mulheres construíram três pequenos textos usando os parágrafos feitos anteriormente por cada uma. Segue o resultado do trabalho realizado:

#### Texto /Riacho1

*A natureza, o verde, suas águas nos conecta com a nossa essência feminina. Somos água que flui, somos natureza que sonha e cria.*

*Um mergulho no rio da alma emerge a memória e sentimento adormecido pensando a mulher que somos.*

*Pela força criadora da natureza entramos em comunhão com a nossa essência, envolvidas no sentimento de amor e leveza.*

*Enraizar, respirar, virar broto, brotar a água, florescer o sonho. Perceber a interdependência na teia universal da vida e viver na plenitude do ser.*

Nesse texto se vê fortemente a identificação das mulheres com a própria natureza.

#### Texto/ Riacho2

*Integrar as raízes de nossa ancestralidade, a nossas raízes profundas faz brotar o sentimento original, o amor e a paz. As águas do feminino profundo são as mesmas que fluem dentro de mim e da mãe Terra. O aspecto feminino se manifesta na receptividade, no cuidado, no acolhimento, doação e abundância e nos permite refletir à luz do todo e fluir no mar da unidade.*

*No rio da vida a crise é oportunidade. O conhecimento gerado nesse processo nos dá a consciência do eu e do outro se constitui o fundamento da cooperação entre todos os seres e se traduz em gratidão.*

*Ao nos entregarmos nos fluxos dessas águas realizamos o próprio ser e consagramos a saúde da acolhedora mãe Terra*

Nesse segundo texto, destacou-se o enraizamento da ancestralidade, ressaltando aspectos e qualidades do feminino e a realização do ser.

#### Texto/ Riacho 3

*Água, como um rio a todo momento é outra e flui como um mar, todas juntas agregam e transformam.*

*Água no útero gera e mantém a vida em transformação, na formação de cada ser.*

*O poder de transformar a realidade tem como fonte a integração do masculino e feminino. A criatividade e a intuição feminina ganham movimento quando a fagulha masculina lhe dá força, cor e forma gerando ação e transformando o mundo.*

*A predação e desconexão ser humano e natureza, ser humano/ ser humano, homem/mulher gerou relação de dominação e destruição que não sustentam a vida.*

*No meio ambiente pode confluir masculino e feminino em complementaridade, favorecendo relações de colaboração.*

Nesse terceiro texto, sobressai, como novidade em relação aos outros, o poder de transformar a realidade através da criatividade e da integração entre o masculino e o feminino e a tese de que a desintegração entre esses dois aspectos gerou uma relação de dominação.

Nos grupos, o diálogo se deu em torno das palavras (ideias-força) que ao serem espalhadas e depois reunidas de forma coletiva transformaram-se em um texto contemplando o olhar de todas. Desta forma, realizou-se um mergulho com a leitura dos três textos construídos.



Figura 9 - Produção em dupla



Figura 10 - Produção em quarteto

Para a realização de um mergulho mais profundo e depois nadar em águas mais claras, o grupo se dividiu em dois. O 1º grupo trabalhou com o material escrito, transformando-os em um

único texto e assim chegamos ao produto final. O 2º grupo transformou os textos em uma arte plástica tentando fazer uma expressão artística que considerasse maravilhosa.



Figura 11 - Produção do texto



Figura 12 - Produção da imagem

### **Texto coletivo/Rio**

*Um mergulho no rio da alma emerge a memória e sentimentos adormecidos despertando a mulher que somos. Assim, integrar às raízes de nossa ancestralidade, a nossa memória profunda, faz brotar o sentimento original: O AMOR E A PAZ.*

*Enraizar, respirar, virar broto. Brotar a água. Florescer o sol.*

*Água, como um rio, a cada momento é outra e flui como num mar, todas juntas, agrega, transforma. Água no útero, gera e mantém a vida em transformação; na formação de cada ser.*

*A água, metáfora do feminino profundo traz a sabedoria e a intuição da percepção da vida. A natureza, seu verde, suas águas nos conecta com a essência feminina. Somos água que flui. Somos natureza que sonha e cria. Pela força criadora da natureza entramos em comunhão com a nossa essência envolvida em sentimentos de amor e leveza.*

*As águas do feminino profundo são as mesmas que fluem dentro de mim e da mãe Terra.*

*O aspecto feminino se manifesta pela receptividade, o cuidado, o acolhimento, a doação e a abundância. E nos permite refletir a luz do todo e fluir ao mar da unidade.*

*A água flui para a geração e nutrição da vida, podendo construir entendimento, espiritualidade, subjetividade, criatividade também no masculino. A criatividade e a intuição femininas ganham movimento quando a fagulha masculina lhe dá força, cor e forma, gerando ação e transformando o mundo.*

*O poder de transformar a realidade tem como fonte a integração no meio ambiente, confluindo feminino e masculino em complementaridade, favorecendo relações de colaboração. A desconexão histórica ser humano/natureza, ser humano/ser humano, homem/mulher gerou relações de dominação e destruição que não sustenta a vida, porém no rio da vida há crise e oportunidade.*

*O conhecimento gerado nesse processo nos dá a consciência do eu e do outro que constitui os fundamentos da cooperação entre todos os seres e se traduz em gratidão. Perceber a interdependência dos seres vivos na teia universal da vida é viver a plenitude do ser.*

*Ao nos entregarmos no fluxo destas águas realizamos o próprio ser e consagramos a saúde da acolhedora mãe Terra.*

#### 5.1.3.1 *Análise do texto*

O texto revelou a intensa presença da expressão “das fontes” e elaboração cuidadosa dos veios d'água e riachos. O texto tem uma linguagem poética, é coeso e coerente. Ele reflete a dimensão profunda do diálogo realizado pelas mulheres. O grupo fez a opção de não excluir nenhuma ideia e, assim, todas se reconheceram na produção final. É interessante ressaltar que a inclusão é uma das características da água que se fez presente nessa ação coletiva desenvolvida pelo grupo. Percebi a satisfação de todas que contribuíam e falavam animadamente. Elas fluíam na produção, pois estavam regidas pela dimensão do tempo Kairós, que é o tempo vivido na presença, marcado pela subjetividade, sem preocupações outras senão o momento real.

Começo tentando elucidar o que o grupo entende por feminino profundo. O texto produzido coletivamente inicia com o seguinte trecho:



Um mergulho no rio da alma emerge a memória e sentimentos adormecidos despertando a mulher que somos. Assim, integrar às raízes de nossa ancestralidade, a nossa memória profunda, faz brotar o sentimento original: O AMOR E A PAZ.

O amor e a paz são tidos como sentimentos originais e brotam a partir de um mergulho na alma. Ao falar de alma, estamos falando de um campo da subjetividade, da espiritualidade e não do aspecto biológico de gênero.

O Feminino como substantivo está presente na psique humana. Jung (2008) o denominou de arquétipo. Dessa forma, não se restringe apenas às mulheres, está presente em ambos os sexos, assim como o princípio masculino. Podemos comparar as duas polaridades com a imagem do *yin* e *yang* da filosofia taoista dos chineses. São, portanto, qualidades do ser humano.

Que humano não deseja o amor e a paz? No fundo, todas as pessoas desejam emoções benfazejas e buscam o equilíbrio e a felicidade. Mesmo que não saibam ou que nunca os encontrem. Para o grupo, o feminino possibilita essa abertura para o sentimento amoroso.

E como ele se manifesta? No terceiro parágrafo do texto, podemos ler:

*O aspecto feminino se manifesta pela receptividade, o cuidado, o acolhimento, a doação e a abundância. E nos permite refletir a luz do todo e fluir ao mar da unidade.*

A receptividade, o cuidado, o acolhimento, a doação e a abundância são características do feminino profundo capaz de estabelecer relações pautadas no amor e na paz. Talvez essas sejam as grandes tarefas civilizatórias para a valorização da vida. Os valores expressos no texto ultrapassam a uma visão excludente, calcada na relação de discriminação e do poder de dominação que desumanizou homens e mulheres. A reflexão pautada pelo aspecto feminino orienta-se para a totalidade, para a inteireza, que transcende a polarização e as disputas entre os sexos.

Essa visão traz um feminino que representa o princípio da vida, que é receptivo, generoso e abundante como a água. As mulheres reconhecem o feminino profundo como água que flui e, aí precisamente, se expressa a relação singular entre o feminino e a água. Como está dito no texto coletivo:

A água, metáfora do feminino profundo traz a sabedoria e a intuição da percepção da vida. A natureza, seu verde, suas águas nos conecta com a essência feminina. Somos água que flui. Somos natureza que sonha e cria. Pela força criadora da natureza entramos em comunhão com a nossa essência envolvida em sentimentos de amor e leveza.

E colocam ainda que: “As águas do feminino profundo são as mesmas que fluem dentro de mim e da mãe Terra”. São as mesmas. São iguais. Dessa forma, as mulheres expressam que os seres humanos e natureza são unos e possuem a mesma essência envolvida em sentimento de amor. Esse olhar rompe com a visão patriarcal que dissocia humano e natureza.

#### 5.1.3.2 *Qual o olhar sobre a Água?*

No item anterior, vimos que a água é tida como uma metáfora do feminino profundo. Porém, interessa agora olhar o inverso: o que representa a água?

Apesar de a água estar em quase todos os lugares - na terra, no subsolo, no ar -, o rio e o mar são lócus privilegiados desse elemento. Por tal motivo, elas a identificam com esses espaços: “Água, como um rio, a cada momento é outra e flui como num mar, todas juntas, agrega, transforma. Água no útero gera e mantém a vida em transformação; na formação de cada ser”.

Nesse trecho, foram expressas várias qualidades da água: de agregar, de transformar, de gerar e formar cada ser. Além disso, ele nos revela um olhar de encantamento para com ela, pois é vista como elemento vivo capaz de criar e manter a vida e, por isso, nos inspira para as nossas capacidades criativas também no âmbito da sociedade e da cultura.

Outra característica da água identificada no texto é a de fluir. A água flui, se movimenta, circula e essas características são vitais para o planeta, para a vida de todos os seres. Como já visto, as mulheres dizem que essas águas são as mesmas que fluem dentro e fora de seus corpos: “As águas do feminino profundo são as mesmas que fluem dentro de mim e da mãe Terra”. Mais uma vez, percebe-se uma semelhança do texto dessas mulheres com o que afirmam Catalão e Jacobi:

Os movimentos das águas ajudam a entender que toda a informação por ela transmitida depende do movimento, assim como os processos circulatórios das espécies vivas de todo o planeta. As imagens de satélites que mostram o trajeto das correntes marinhas evidenciam o papel do movimento na manutenção da vida planetária. Se esta circulação for rompida, todos os processos vitais estarão comprometidos. (CATALÃO e JACOBI, 2011, p. 97).

Água parada, estagnada é sinônimo de doenças e morte. Sabe-se que é preciso fluidez. As mulheres consideram a água como elemento vital, tal qual o sangue que circula nos animais. Elas sugerem a água como sangue da terra, pois são as mesmas que estão dentro e fora delas, levando-me a inferir que os rios são as suas veias. O sangue precisa circular em nossas veias como as águas do rio precisam fluir e correr para o mar. Tal como disse a avó Carmem Torres, anciã dos Arhuacos, povo indígena que vive na Serra Nevada, na Colômbia:

... Assim cuida a Mãe Terra dos seus filhos. As sementes que saem dela são regadas pela água. Todos são os fluidos da mãe natureza, assim como o sangue flui no nosso corpo e nosso corpo colhe esse sangue, a terra também colhe a água e faz a comunicação na terra. Tudo recorre à água, como o sangue que corre no nosso corpo e assim se faz toda comunicação da natureza. É o útero materno, de onde nós nascemos nos alimentamos e de novo retornamos. (...) (depoimento de Carmem Torres<sup>14</sup>).

A sabedoria da avó colombiana associa a Terra ao útero materno. Em seu interior, a água flui e alimenta a vida. Uma vida em constante formação e transformação. Assim se expressa a singularidade da relação entre a água, o feminino profundo e o meio ambiente, como propôs o texto coletivo.

As águas também se movimentam através do seu ciclo hidrológico. Transmutam-se em estados diversos: líquido, sólido e gasoso e, por isso, se reciclam. Essa é uma ótima metáfora para a nossa condição humana. Vejamos outro trecho escrito pelas mulheres: “A água flui para a geração e nutrição da vida, podendo construir entendimento, espiritualidade, subjetividade, criatividade também no masculino”.

---

<sup>14</sup>- Palestra proferida durante o evento A Voz das Avós no fluir das águas, ocorrido em Brasília em outubro de 2012.

Com a água, é possível ter diversos aprendizados como o de nos adaptarmos, sermos flexíveis e não perder o objetivo maior. A água segue seu curso fielmente sem tentar remover obstáculos, simplesmente o contorna e segue fluindo sem hesitar. A água é sábia como nos diz o *I Ching*:

Água vai fluindo, fluindo, incessantemente, e vai preenchendo as depressões que encontra pelo caminho. Não vacila ante nenhum perigo, não retrocede diante de nenhuma queda, e nada a faz perder sua natureza essencial. A água permanece fiel a si mesma em todas as circunstâncias. (O pequeno *I Ching*. p. 79).

A água, com suas qualidades generosas, se molda aos espaços e as condições dadas, percorre caminhos, sempre se agregando a outras águas até que desemboca no mar da unidade. Assim como o feminino, a água coopera com vida.

#### 5.1.3.3 *Qual o olhar sobre a ecologia humana?*

As mulheres apontaram a necessidade de nos enxergamos (a humanidade) como parte do todo. Como o *Tao*, que simboliza a complementaridade. Não somos separados da natureza, somos a natureza, disseram as mulheres no texto:

*...Somos água que flui, somos natureza que sonha e cria...*

E continuaram:

*O poder de transformar a realidade tem como fonte a integração no meio ambiente, confluindo feminino e masculino em complementaridade, favorecendo relações de colaboração. A desconexão histórica ser humano/natureza, ser humano/ser humano, homem/mulher gerou relações de dominação e destruição que não sustenta a vida, porém no rio da vida há crise e oportunidade.*

A realidade não se transforma sozinha. Qualquer mudança passa por uma ação humana e, nesse caso, uma ação que busca integrar ser humano e ambiente. Essa é uma ação cidadã de sujeitos ecológicos que entendem as causas das relações de dominação e que atuam de forma a superá-la. Carvalho (2004) nos fala dessa consciência que surge da cooperação e da solidariedade:

Essa consciência dos riscos compartilhados pode atuar como força agregadora, cooperando para formação de redes de ações solidárias. Tais ações, por sua vez, contrapõem-se aos mecanismos de desintegração social e desintegração ambiental relativos à apropriação dos bens ambientais por parte dos interesses privados, contribuindo, assim, para a preservação tanto do planeta quanto dos vínculos de solidariedade social, indispensáveis à convivência humana. (op. cit., p.169).

A solidariedade, nesse caso, é fundamental para as bases de sustentação físico-químicas do planeta e as bases sociais de colaboração entre homens e mulheres e desses com todas as formas de vida. Uma sociedade justa e ambientalmente sustentável terá a cooperação como um valor fundamental. As mulheres escrevem no texto que percebem a interdependência de todos os seres vivos na teia da vida. Essa é uma visão sistêmica e complexa da ecologia humana:

O conhecimento gerado nesse processo nos dá a consciência do eu e do outro que constitui os fundamentos da cooperação entre todos os seres e se traduz em gratidão. Perceber a interdependência dos seres vivos na teia universal da vida é viver a plenitude do ser.

Para elas, esses fundamentos se traduzem em gratidão e a plenitude do ser só será alcançada se houver a percepção da interdependência entre todos os seres vivos. Essa é uma atitude reflexiva e pode ser considerado um dos objetivos a ser perseguidos pela preservação e conservação da vida. Para isso, é necessário que os valores éticos e estéticos envolvidos nessa postura estejam vinculados a uma ecologia humana que traga o conceito de interdependência do indivíduo com o todo.

Voltando ao texto: “Perceber a interdependência dos seres vivos na teia universal da vida é viver a plenitude do ser”. Esse trecho faz surgir o seguinte questionamento: É possível viver a

plenitude do ser em uma sociedade materialista, desigual, consumista, onde a cultura é apartada da natureza?

Em nossa atual forma de desenvolvimento social, vivemos de maneira demasiadamente antropocêntrica, fragmentada, racional e competitiva. Se quisermos viver a plenitude do ser, é importante superarmos essa visão, rompermos com esse paradigma de poder, dominação e buscarmos as inter-relações existentes na teia da vida. Para alcançarmos esse equilíbrio, fruto da colaboração, é preciso uma revolução profunda na nossa maneira de ser e de estar no mundo e agir como nos propõe a visão taoista a qual postula que as polaridades convivem em harmonia, pois constituem uma única realidade.

Assim, é interessante perceber como o grupo deixou explícita a necessidade de reconhecimento do masculino, sem o qual, a força feminina também não se expande. A expressão plena do feminino se dá por meio da plena expressão do masculino e vice-versa. Considerando que tudo está vinculado, interconectado e em movimento, tanto no micro como no macrocosmo, é possível afirmar que as mulheres reconhecem que, para que a vida possa fluir plenamente, há necessidade de se resgatar o sentimento amoroso, a consciência amorosa, a gratidão pela vida em si mesma. Amor e gratidão são, portanto, palavras chaves nesse processo.

#### 5.1.3.4 *A arte fala por si só*

Não pretendo analisar o desenho produzido durante a oficina, pois qualquer tentativa nesse caminho empobreceria a expressão artística que deve ser apenas sentida. Contudo, me arrisco a identificar os elementos presentes na imagem que foi feita com o objetivo de expressar os textos construídos coletivamente.

O grupo responsável pela arte estava totalmente imerso e focado na ação, como em estado de fluxo, mais uma vez ressalto a dimensão do tempo vivido como Kairós. Foi difícil fazê-las parar, guardar tintas e pincéis usados pelas mãos habilidosas das artistas, tal o prazer que a atividade proporcionou.

Ao apresentar o desenho, as mulheres apenas o exibiram em silêncio. Disseram que não explicariam o que tinham feito, visto que arte é fruição e sentimento. Não houve nenhuma palavra, só expressões de admiração por parte das demais que recebiam a apresentação como um presente:



Figura 13 - Desenho coletivo

O desenho traz um grande círculo e dentro dele outro círculo menor com o símbolo do *Tao* (*yang e yin*). O círculo para Jung é um desenho arquetípico, pois representa a totalidade, não há lados e pontas, começo, meio e fim. Aniela Jaffé (1964), ao falar do simbolismo nas artes plásticas, dedica um item ao símbolo do círculo para explicá-lo na dimensão simbólica.

A Dra M. L.Von Franz explicou o círculo (ou esfera) como um símbolo do *self*: ele expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre homem e a natureza. (...) Ele indica sempre o mais importante aspecto da vida – sua extrema integração e totalidade. (op. cit., p. 240).

A esfera menor está dentro da outra, como representação de uma semente envolvida por um coração emoldurado por pessoas de braços abertos.

Dos dois círculos, brotam frondosas árvores com raízes profundas e copas espessas. A árvore nos lembra da conexão entre a Terra e o Céu. Há, ainda, uma árvore seca atingida por um raio que pode representar crise, ruptura, dificuldades, a própria morte. Vida e morte, uma não existe sem a outra.

Uma grande cobra colorida e preta olha para o centro e emana energia. Em volta, há afluentes cercados de flores, matas, borboletas, pássaros e pedras. Serpentes e borboletas são símbolos de metamorfose. Na época em que as sociedades de cultura matrísticas reverenciavam a divindade feminina, esses símbolos foram associados aos poderes transformadores da Deusa. A borboleta surge de uma lagarta e a cobra solta a sua pele para renovar-se e regenerar-se.

Um dos afluentes é representado em vermelho, como um fio de sangue. Podemos inferir que se trata do sangue menstrual que faz parte da vida das mulheres antes de atingirem a menopausa.

De uma mão aberta, saem pontos coloridos como sementes jogadas para serem semeadas e reflorestarem a terra. Elas são circundadas por um azul-marinho, profundo, como a cor do planeta. Gotas de chuva caem sobre as sementes para que sejam fertilizadas e encham os leitos dos rios, lembrando o eterno ciclo das águas e o feminino que é fértil e gerador de vida.

Pessoas dançando com o coração aberto, expostas ao coração dos outros. Entre elas percebemos pegadas de outros animais, não estamos sozinhos, outros seres coabitam a nossa casa comum. Uma das pessoas desenhadas segura uma estrela e outra a grande cobra. Essa imagem nos remete a uma cosmovisão de origem que relata uma ligação entre o céu e a Terra.

O desenho tem um colorido vibrante, expressa muito movimento e destaca as polaridades noite e o dia, o sol e a lua e as estrelas. A Terra e o Céu. As fases da lua refletidas nas águas. Será essa expressão do feminino profundo?

Apesar de preencher toda a superfície do papel, o desenho tem em si o sentido de um processo em construção, móvel e em constante transformação. Essa transformação está interligada a todos os elementos contidos no desenho. Considero o desenho muito criativo e belo. Foi unânime a constatação de que tudo o que foi dito e vivido estava ali representado.

## 5.2 SEGUNDA OFICINA

Como já relatado, a segunda oficina aconteceu em condições diferenciadas da primeira, tanto pelo tempo, como pelas condições de espaço físico e social. Ela ocorreu em um ambiente



educacional, em uma escola que funciona como espaço de experimentação em metodologias de educação ambiental, tendo como participantes os educadores que ali atuam, independente do gênero.

Mesmo com as condições diferenciadas, o resultado do trabalho foi muito significativo, pois os participantes fizeram relações das características do rio com as suas histórias de vida. Porém, os relatos não tinham a densidade emocional que permitisse a revelação de histórias carregadas de conteúdos profundos.

Percebi que a falta de alguns elementos para a construção do campo sutil pode ter influenciado no clima de segurança e confiança que se estabelece em um grupo de trabalho que se propõe a uma vivência com essas características. Podemos citar a própria apresentação. Todos já se conheciam e trabalhavam juntos, dessa forma optamos por uma apresentação mais simples sem trazer a ancestralidade de cada pessoa presente. Também optamos por não utilizar a ferramenta da visualização criativa e nem fazer trilha visto que a escola se encontra distante de rio ou corpo de água e que não haveria tempo hábil para tais atividades.

O fato de não ser uma participação voluntária, mas constar na agenda de trabalho do grupo como uma atividade de formação promovida pela própria escola pode ter influenciado nos relatos dos participantes. Outro ponto que pode ter influenciado nos trabalhos foi o fato de não ter havido um ambiente específico para a oficina. O trabalho foi realizado em espaços físicos da própria escola.

### 5.2.1 Desenho do Rio da Vida



Figura 14 - Desenho do Rio da Vida 2ª oficina



Figura 15 - Desenho Rio da Vida-2ª oficina

### 5.2.1.1 *Diálogos sobre o Rio da Vida*

Ao se colocarem diante do traçado de um rio e pensarem a sua vida nesse curso de água, os educadores tiveram uma postura introspectiva e todos os participantes pareciam absortos em seus desenhos. O que pensavam? O que lhes vinham a memória? No momento da socialização, percebi que não faziam relações explícitas sobre a questão da pesquisa, mas simplesmente falaram de suas recordações. Alguns se reportaram a infância, recordando momentos alegres e difíceis.

Tânia traz esses aspectos de forma genérica, sem explicitar quais são esses momentos, apenas os aponta e os registra:

... aqueles pedregulhos ali e que foi um momento de muita turbulência na minha vida e aí logo em seguida eu já comecei a transformar esse momento num momento bom onde eu representei por aqueles feixinhos coloridinhos ali até chegar lá no final. E assim eu fui fazendo né?. Foram momentos fortes, momentos bons e ruins. Aqui começou... tive momentos de turbulência também. Acompanhado os momentos de turbulência, momentos bons também (...).

Quais são esses momentos fortes? Bons ou ruins? Por que ela não os explicita? O que a faz passar tão rapidamente por eles? Ou ainda, por que ela iria se expor diante de seus colegas de trabalho? Penso que esse pode ser um bom motivo para essa fala mais superficial. Contudo, ela não deixa de registrar esses contraditórios que fazem parte da vida de todos nós.

Algumas pessoas trouxeram momentos marcantes. Antônio revela a sua íntima relação com a água desde a infância. Suas recordações são ditas em tom melancólico, mas, ao fazê-lo, aponta aprendizagens que marcaram profundamente a sua vida e sua ligação com as causas ambientais:

... sempre tive essa relação muito próxima à água. Meu pai sempre teve essa relação de sítio, de chácara e eu me lembro que ele fez uma represa. A gente brincava muito, soltei muita pipa, nadava muito. (...). Depois teve um momento que eu passei também no nordeste. Me lembro bastante entre os rios e as praias. As águas né? Lembrei também da minha infância, de pescar de brincar e a gente jogava bola. Me lembro que jogávamos próximos e a bola ia tomar banho nos rios. (...) eu lembrei das nações indígenas que eu

tive o prazer de conhecer e dessa relação deles com o banho, com a água que já vinha com a gente, com a pesca. E aí, eu vi esse primeiro momento ruim dos rios que foi a barragem de Tucuruí que nasceu nos anos 70. Eu tive lá quando menino. Eles fizeram um esforço para tirar os índios porque ia inundar a área dos índios. E depois quando eu voltei, (...) já rapazinho, eu vi aquelas milhares de árvores, tudo seca, tudo inundado. Um verdadeiro desastre ambiental e que marcou bastante. (...) O rio se recupera, o rio dá novas vidas, se transforma. E fui lá pro final onde tem também alguns problemas e mazelas que o homem faz. Eu botei aquela indústria poluindo ali, tem aquele... simboliza aí os matadouros,(...). Jorrava um rio de sangue. Isso me lembra muito. Mas no fundo tudo se transforma e é o infinito que vai, que vai e volta. Depende da gente. (...) Mostra a minha evolução, meu lado crítico de tentar ver (...). Na verdade, esse rio vai sempre agregando novas nascentes que acabam recuperando essa qualidade da água e tudo volta, né?



Figura 16 - Desenho de Antônio

Antônio deixa claro que essas experiências estavam marcadas em seu corpo físico e emocional. Ele se fez no contato com as águas e com as questões ambientais. Temos que pensar que a sua essência humana foi marcada por uma corporeidade que vivenciou situações diversas ligadas à natureza e à cultura por onde passou. Com o seu depoimento, pode-se pensar no conceito de ser humano como um conjunto de dimensões físicas, biológicas e antropossociais, como afirma Morin:

O conceito de *produção do homem pelo homem* é, de facto, um conceito recorrente, que implica e necessita a megamáquina social, que implica e necessita abertura nutritiva sobre a natureza biológica e física, já que o homem produz-se a si próprio na vida e com a vida, na *physis* e com a *physis*. (MORIN, 1977, p 263 e 264).

Para Antônio, a vida se recupera e se transforma num infinito que vai e volta, como um rio que vai agregando novas nascentes e se recuperando para continuar fluindo. É, portanto, uma relação de vida e morte. Essa é uma formulação de enorme complexidade. Mais uma vez, as ideias de Morin nos mostra que tudo está interligado em uma organização que atua em processos neguentrópicos e entrópicos:

Toda organização neguentrópica trabalha para a sua morte trabalhando para a sua vida, mas sabe transformar em processo de vida o processo de morte. Compreender a complexidade neguentrópica é compreender a complexidade do duplo envolvimento (como *Ying* é envolvido pelo *Yang*, que ele envolve), do duplo desenvolvimento, do duplo enrolamento, desenrolamento, entrelaçamento da relação neguentropia/entropia. (op. cit., p. 273).

Acredito que, só com o paradigma da complexidade, podemos entender a recuperação das águas e, portanto, da vida de um rio que foi represado e faz tudo retornar, voltar. Isso me faz recordar a noção anelar que, para Morin (1977, p.175), cria um novo tipo de unidade, que é circular, pois “o fim de um processo alimenta o seu começo, pelo retorno do estado final do circuito sobre e no estado inicial” como um processo recorrente e em circuito.

Cíntia nos fala de uma memória que, de tão carregada de emoção, chega a ser física, tem o poder de trazer os sentidos vividos no passado para o momento presente:

E eu fiquei, assim, igual a um galho de árvore preso entre pedras no cantinho do rio, numa curva do rio que ele não rompe, sabe? Ai eu fiquei aqui e fiquei... me veio na memória, me veio a voz dele, me veio algumas conversas. Eu fiquei curtindo aquilo ali eu não consegui sair, sabe? (...) Lembrei dos jogos de (...) dama que ele me ensinou a jogar e era nesses momentos aqui que a gente filosofava sobre a vida. Eu com treze anos de idade, né? Foi quando ele desencarnou. Então a gente conversava muito naquela época, né? É isso. E aí na hora que eu enxerguei a mala da colega a desenhando eu lembrei também: que cheiro bom de colônia que saía da mala dele que sempre vinha recheada com bombom, rapadura, e essas coisas, né? E eu fiquei curtindo, curtindo isso aqui e não deu vontade de sair desse canto aqui do rio por isso que eu até coloquei aqui: saudade do cheiro de infância.

Essa garota de 13 anos está em Cíntia, mulher adulta, que por essa atividade se viu cheia de saudades e lembranças carinhosas de um avô que se foi. Penso que suas águas internas se

moveram para trazer à tona as imagens contidas em sua memória e marejaram os seus olhos quando ela falava desses momentos vividos.

Se a água pode reter memória, ela pode também nos trazer outras memórias temporais que estão marcadas no nosso corpo por um forte componente emocional. Cíntia ficou imóvel num cantinho do desenho do rio como uma água parada. E água parada nos remete a morte. No caso de Cíntia, a morte de um ente querido que ela amava e ainda precisava chorar a sua falta.

Bachelard, ao escrever sobre as águas profundas, nos fala de uma água dormente, morta e pesada, na poesia de Edgar Poe:

...toda água primitiva clara é para Edgar Poe uma água que deve escurecer, uma água que vai absorver o negro sofrimento. Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda água viva está pronta para morrer (...) Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer.

(...)

... O conto da água é o conto humano de uma água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. O devaneio a beira da água, reencontrando os seus mortos, morre também ele, como um universo submerso. (BACHELARD, 1989, p. 49).



Figura 17 - Desenho de Cíntia

Assim como Cintia, Bernardo traz recordações de um forte momento de sua vida, quando se viu em risco por uma situação de afogamento. Bernardo relata uma experiência de superação e de cuidado com a família e com a própria água:

... na Ermida Dom Bosco, nessa região e aqui tem uma parte assim que é uma represa que marcou muito. Eu ia morrendo afogado aqui. Então, era pra ter um trauma muito grande de água, mas eu superei tudo isso e continuei em frente, né? Mesmo tendo essa experiência de afogamento que eu fui retirado da água, mas tenho uma relação muito boa com a água. Estou sempre na cachoeira, rio e tudo isso não me atrapalhou em nada. (...). E aqui uma fase já adulta de casa, de controle da água, observando o que a gente tem que cuidar, preservar, né? O espaço onde que a gente existe.



Figura 18 - Desenho de Bernardo

O cuidado é uma dimensão importante para o aspecto feminino em homens e mulheres. É um aspecto que está fortemente fincado numa ética da vida. Boff (1999) aponta, em seu livro *Saber Cuidar*, a necessidade de construirmos uma sociedade fundada na ética do cuidado que substituirá a competição pela colaboração. O autor nos chama a resgatar o altruísmo que uma mãe tem em relação ao filho recém-nascido: ou ela cuida ou ele não sobreviverá. Afirma que esse altruísmo está sendo exigido em um plano maior para que haja a sobrevivência de nossa espécie e do futuro da vida no planeta. Declara categoricamente que ou cuidamos de nós mesmos, uns dos

outros, e da natureza, ou apressaremos a nossa destruição. Nessa mesma lógica, Bernardo ressalta a necessidade para a preservação da vida.

No diálogo sobre os desenhos feitos no Rio da Vida, o aspecto profissional foi muito citado e registrado pela maioria dos participantes. Isso pode ter ocorrido por tratar-se de um grupo de colegas de trabalho e, pelo que parece, a escola está passando por momentos difíceis, gerando insegurança na equipe quanto ao futuro profissional. As falas revelam ainda um carinho especial pela escola, um sentimento de pertencimento e realização profissional:

... E meu momento na Escola. Eu cheguei, né, muito romântica, com muita vontade de fazer, então eu já comecei também por ai. (...). (Tânia).

...Escola (...). Poxa vida, eu tenho que registrar isso porque, pra mim, a escola foi um marco na minha vida muito importante. Eu acho que eu considero até como um batizado da gente, um casamento e tudo que são marcos importantes da vida. Eu, pra mim, eu considero um marco importante da vida aquele dia que por acaso eu cai aqui ...quando eu tava fazendo caminhada em 99. Então, por isso que eu coloquei aqui.... E é -só pra simbolizar, (né?), esse trajeto nosso aqui, eu coloquei aqui uma abelhinha, uma pазinha e uma enxada. (Cintia).

... E a Escola que faz parte, assim... Tem um significado importante na minha vida. Desde que eu... Eu sempre quis trabalhar aqui na Escola da Natureza desde que eu conheci a Educação Ambiental. Finalmente, eu vim pra cá. E... eu me sinto assim muito incluída na escola, fazendo parte disso tudo. Aí eu comecei a seguir assim e parei ali. Até o Antônio tava por ali e eu disse assim: Ih Antônio, estamos chegando na foz. Mas assim, como eu tenho tentado ver um dia após o outro, eu não penso muito o que vai acontecer, né?... Eu sei que nós vamos desaguando assim pelo mar da vida, a dentro e eu não pensei muito no que vai acontecer não. E a gente vai seguindo a vida né? As coisas vão acontecendo, a gente vai enfrentando, vai vivendo... (Talita).

... Um dia minha mãe tava passeando e entrou aqui e descobriu a escola. E vim aqui pra conhecer. Nesse dia, eu olhei essas casas e quando eu vim pro fundo eu quase tive um ataque cardíaco, porque tinha uma plantação gigante de girassóis. Eles estavam do meu tamanho e a Cintia estava lá no meio, mexendo. É a imagem que eu tenho mais forte da escola. E quando eu vi isso, eu disse “é aqui que eu quero trabalhar”. E aí eu fui falar com ela. Acabou que deu certo, eu acabei vindo pra cá. Um momento muito feliz da minha vida. Eu me encontrei aqui. A gente tem passado por momentos complicados, dificuldades. Dificuldades profissionais que eu acho que todo mundo passa. A gente já vem passando aqui há um tempo, mas eu nunca desisti. Assim... eu ainda acredito muito nisso aqui e ponho muito da minha energia da minha vida aqui. (Melissa).

### 5.2.2 A construção coletiva do texto



Figura 19 - Construção do texto

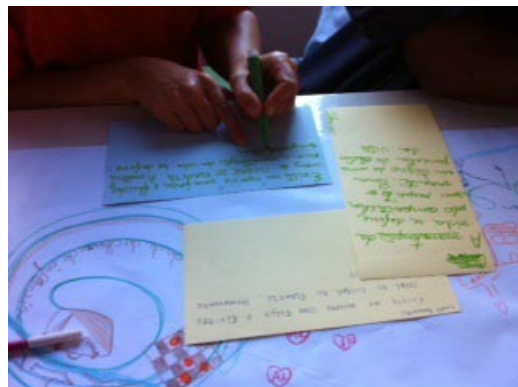


Figura 20 - Construção do texto

As palavras e parágrafos individuais produzidos na oficina foram os seguintes:

#### Participante 1

Fonte (palavras)	Vida, fluidez, ondas, doação, luz, espiral, maternidade, sensibilidade, integração e sagrado.
Veio d'água (parágrafo)	Na espiral da vida, a maternidade flui em doação. A vida deve integrar luz e sensibilidade para alcançarmos o sagrado.

#### Participante 2

Fonte (palavras)	Respeito, manutenção, ciclos e compartilhar.
Veio d'água (parágrafo)	A manutenção da vida se define pelo compartilhar com respeito ao presente para ser digno de uma parcela do ciclo da vida.



### Participante 3

Fonte (palavras)	Respiração, sensibilidade, alegria, amor, sentimentos, sofrimento e natureza.
Veio d'água (parágrafo)	A sensibilidade pode trazer sentimentos profundos de: amor, alegria, sofrimento, da natureza e da respiração.

### Participante 4

Fonte (palavras)	Vida, continua, crescimento e reprodução.
Veio d'água (parágrafo)	A vida não para, ela continua e se reproduz. O ciclo da vida tem água, ecologia e feminino.

### Participante 5

Fonte (palavras)	Simbiose, força, cuidados, preservação, fluidez, calma, serenidade, e força.
Veio d'água (parágrafo)	Existe na mulher uma força e fluidez capaz de cuidar do planeta, preservando nossa espécie.

### Participante 6

Fonte	Gestação, natureza, harmonia, movimento, cuidado, sensibilidade, amor e Terra.
-------	--

(palavras)	
Veio d'água (parágrafo)	É urgente que haja um movimento e sensibilidade para compreender a necessidade do cuidado com o planeta Terra, sua natureza para exista harmonia e amor no mundo.

#### Participante 7

Fonte (palavras)	Vida, nascimento, natureza, força e renascer.
Veio d'água (parágrafo)	A vida remete a nascimento. Vida é ter força. A natureza, como na vida, renasce a cada dia.

Em duas duplas e um trio, os participantes receberam a orientação de construir três pequenos textos usando os parágrafos feitos anteriormente. No entanto, os textos se resumiram em apenas uma frase. São ideias-força que trazem conceitos que os professores consideraram importantes.

A primeira delas nos diz como alcançar o sagrado. A segunda define a prática para a manutenção da vida e a terceira ressalta os sentimentos necessários para cuidar do planeta Terra:

#### Texto /Riacho 1

*Na espiral da vida, que não para e continua a reproduzir, respeitando os ciclos, integrando a luz e a sensibilidade, podemos alcançar o sagrado.*

## Texto /Riacho 2

*Existe na "espécie" uma força e fluidez capaz de cuidar do Planeta. A prática para a manutenção da vida se define: compartilhar com respeito o presente.*

## Texto /Riacho 3

*A sensibilidade pode trazer sentimentos profundos de amor, alegria, sofrimento...Sendo assim é urgente que haja um movimento de sensibilidade para compreender a necessidade do cuidado com o planeta Terra. E a vida remete a nascimento. Vida é ter força! A natureza, assim como a vida, renasce a cada dia, para que haja harmonia e amor no mundo.*

### 5.2.2.1 O produto final

Assim como na primeira oficina, o grupo se dividiu em dois para produção de um texto síntese e a transformação dos três textos em uma expressão artística.

O momento da leitura dos três textos oportunizou, mais fortemente, o surgimento da relação entre os temas:

A ecologia é do homem. O homem nasce, cresce se reproduz e a gente vai entender nossos processos dessa ecologia humana e todos nós temos essa questão do feminino e do masculino, né? E o profundo dessa questão do feminino, dessa questão da água é a fluidez, a criação, a continuidade, vai e volta. Então é o ciclo. A água passa por vários ciclos, né? E assim, o homem e a mulher vão estar sempre passando por esses ciclos. Então a gente pensou muito nisso. (Antônio).

Tem a questão da fluidez, né? Que está relacionado com o feminino profundo e a água. (Bernardo).

A palavra chave que eu trouxe lá na roda relação entre as três seria a sensibilidade. E, quando a gente fala em sensibilidade, a gente fala em sentimentos e, quando a gente fala em sentimentos, a gente fala também em coisas boas e coisas ruins e, daí, a gente passa por um processo de dentro da gente assim como na água... Enfim, nessas três palavras que você trouxe pra gente nessa questão de uma ordem, de uma desordem que depois

vem pruma ordem. Então é como o pessoal falou aqui, um ciclo que não se fecha. (Tânia).

Antônio nos fala de uma fluidez que identifica o feminino e a água e observa também o aspecto cíclico da vida humana, relacionando-o com o ciclo da água. Lembra-nos que a água tem movimento circular como todos os fluidos internos e externos ao nosso corpo.

Catalão, ao escrever sobre a circulação, o movimento e o ritmo da água, destaca o pensamento de Schwenk:

A respeito disso, Schwenk nos diz que por toda parte onde os líquidos se movem, eles se conformam aos ritmos, não somente as marés são ritmadas, lagos, lagoas, poços e mesmos as águas subterrâneas oscilam numa espécie de fluxo e refluxo. Alguns cavadores de poços conhecem essas oscilações e escolhem certas épocas do ano para realizar o seu trabalho. (CATALÃO, 2006, p. 86).

Continua a autora:

A água comporta inúmeras definições, diferentes abordagens, presta-se a múltiplas formas e nada exclui. Sabemos que o elemento líquido é por excelência o meio de trocas e de processos circulatórios, sendo mais propenso a reunir que estabelecer fronteiras. (op. cit., p. 87).

Outro aspecto relacionado à água e ao feminino foi o da maternidade:

Eu coloquei essa questão da maternidade lembrando a vida mesmo dentro do corpo, né? Que é toda permeada por água. O bebê fica mergulhado por nove meses numa grande bolsa, bolha de água, uma bolsa de água. Então quando fala em feminino pra mim, sempre vem a imagem de um útero, de um bebê, da água. (Melissa).

Quando eu penso numa palavra-chave assim eu acho que eu pensaria na ecologia humana, o feminino profundo e água, eu penso no cuidado. (...) Quando eu escrevi a primeira palavra, apareceu gestação eu acho também que o cuidado parte daí, né? Não sei se a gente tá vivendo um momento da escola de ver tantos passarinhos, tantos ninhos também... a gente tá vivendo isso tão ...toda hora...isso tá tão forte né...eu nem falo em gestação não é só nossa é dos bichos também que estão aqui a nossa volta né? (...) eu acho que é basicamente isso, o cuidado. A ecologia humana é cuidado, a ecologia humana é cuidado que a gente tem e água também que a gente tem que cuidar sempre. Eu penso nisso. (Talita).

Melissa e Talita trazem a questão da gestação, da maternidade, das águas uterinas. Sobre essa relação, Catalão (2006) aponta que a tradição chinesa percebe a água como um ser humilde que pode assumir 10 mil formas da criação e aparece como metáfora da alma humana, trazendo a memória primordial que existe em nós:

Memória primordial da vida impressa no corpo e na alma, a água simbólica é como uma lembrança permanente do cordão umbilical rompido sob permanente promessa de retorno. Na psiquê humana, ela lembra o útero materno, aquático pouso do embrião e espaço noturno e sonoro do feto. (op. cit., p. 85).

A maternidade, na fala de Melissa, nos remete à condição feminina ligada biologicamente às mulheres, pois elas são capazes – fisicamente - de gerar novas vidas em seus próprios corpos. O útero feminino é capaz de sustentar o feto mergulhado nas águas primordiais, geradas no corpo feminino. Não é por acaso que os primitivos falavam de uma divindade feminina, a grande-mãe, o útero criador e gerador de vida. A terra era tida como mãe por sua capacidade de fazer nascer os vegetais quando molhados pela chuva. Koss (2000) ressalta que no período inicial da agricultura predominavam entre os humanos os valores maternos da terra e da fertilidade:

...A vida era compreendida como dádiva da terra de cujo ventre brotava as plantas, nutridas pelas águas que jorravam do céu ou de suas próprias entranhas. Pela capacidade da fêmea de parir nova vida e nutri-la com o seu leite que jorrava de seus seios, ela foi associada com a terra. Sendo que a vida de todos os seres dependia fundamentalmente desta capacidade, a organização social destes povos girava em torno do valor maternal. (op. cit., p.73).

O valor maternal está muito presente até hoje, e, quando se fala de feminino, esse aspecto surge imediatamente como se não houvesse nenhuma distinção entre as mulheres e a maternidade. Busco em Maturana (2004) um olhar biológico que respeita a relação materno-infantil como uma relação capaz de educar para o amor. Entretanto, essa compreensão não leva necessariamente a vincular a condição de mulher à maternidade nem a condição de homem à procriação. O autor ressalta que a maternidade é uma condição cultural:

... A maternidade, seja ela feminina ou masculina, é um fenômeno cultural, que pode ou não ser vivido em coerência com os seus fundamentos biológicos; e as consequências são diferentes em cada caso. Contudo, dado que a maternidade é um fenômeno cultural, a procriação está aberta a escolha. Assim sendo, podemos ou não vivê-la segundo a nossa opção, e ser culturalmente responsáveis a esse respeito. (op. cit., p. 20).

Maturana fala de uma maternidade, seja ela masculina ou feminina. Ele não fala de paternidade. O que seria essa "maternagem" em homens, já que eles biologicamente não são capazes de parir? Ao pensar sobre isso, surge uma palavra em minha mente - cuidado. É cuidando que o homem pode exercer essa maternidade. Essa é uma forte categoria que está para além da gravidez e do nascimento.

A maternidade naturalmente nos remete a uma relação de cuidado permanente exigido pelas crianças e esse cuidado pode ser realizando tanto por um homem como por uma mulher. Maturana e Zoller (2004) afirmam que homens e mulheres são, ao mesmo tempo, iguais e diferentes. Biologicamente, somos iguais no modo de viver (ação -emoção, linguagem, inteligência), mas diferentes quanto à procriação.

...As mulheres podem dar à luz e amamentar, os homens não. A igualdade biológica de mulheres e homens faz com que ambos sejam capazes de todas as dimensões do fazer humano. Ou seja, os dois sexos estão igualmente capacitados – dos pontos de vista corporal, emocional e intelectual – para todos os afazeres humanos, do cuidado com as crias à guerra. Na verdade, é precisamente porque acreditamos que assim é que falamos da relação maternal como um relacionamento de cuidado, na aceitação mútua em íntimo contato corporal mãe – filho sem distinção de quem realiza, seja homem ou mulher. Ao mesmo tempo, acreditamos que quanto à fisiologia e anatomia do sexo e da procriação, as diferenças entre homem e mulher fazem deles seres de sexo diferentes, mas não seres humanos diversos. (op. cit., p. 251-252).

Já para Talita, ecologia humana tem o mesmo significado de cuidado. Essa visão se coaduna com a concepção de Boff (2000b) que afirma ser o cuidado a essência humana da relação amorosa na valorização da vida em todas as suas dimensões: corpórea, da natureza, da saúde, do amor e sem ele não há como mantê-la. O autor destaca várias características do cuidado e sua importância para a sobrevivência da espécie e da própria vida:

...O cuidado é uma relação amorosa que descobre o mundo como valor. Ele não é primeiramente objeto de posse humana e arena dos interesses utilitaristas. Ele possui seu valor intrínseco e sua relativa autonomia. Possui subjetividade, na medida em que é parcela do Todo e merece ser respeitado e continuar a existir. O cuidado expressa a importância da razão cordial, que respeita e venera o mistério que se vela e re-vela em cada ser do universo e da Terra. Por isso, a vida e o jogo das relações só sobrevivem se forem cercados de cuidado, de desvelo e de atenção. (BOFF, 2000b, p. 107 - 108).

Para o autor, o cuidado é um imperativo ético capaz de dar ao ser humano uma atitude em prol da sustentabilidade. Sem ele, o futuro da Terra e da humanidade estaria comprometido. Boff (2000b, p.108) afirma que sem “cuidado, triunfa a entropia, vale dizer, o desgaste de todas as coisas sob a usura irrefreável do tempo; com cuidado, cresce a sintropia, a conjura suave de todos os fatores que mantêm e prolongam o mais possível a existência”.

Destaco ainda que Boff (1999), ao escrever a obra *Saber Cuidar*, aprofundou as principais formas de cuidado e o relacionou com o feminino, afirmando que ele nos dá a condição de cuidar e respeitar o sagrado através da não separação entre o corpo, a mente e o espírito; entre a razão e a emoção; a intuição e o coração.

Dessa forma, posso relacionar o feminino profundo com a água e a ecologia humana visto que ele contribui para o despertar da sensibilidade, do nosso senso de responsabilidade e cuidado para com a Terra. Esse sentimento é fortalecido pela cooperação, pela biologia do amor, pela capacidade de ouvir a vontade sagrada de nossa alma e de nosso corpo. Vontade essa que pode ser orientada pela fluidez de nossas águas que nos faz experimentarmos-nos unos com a natureza.

No texto escrito coletivamente, o cuidado aparece como resultado da força e da ação humana, despertado pela sensibilidade:

#### Texto final/Rio

*A sensibilidade pode revelar sentimentos profundos, despertando na espécie humana força e ação para o cuidado com o planeta.*

*A espiral da vida, que flui contínua a reproduzir, respeitando os ciclos, integrando a luz e a sensibilidade, podemos alcançar o sagrado.*

Como é possível perceber, o texto produzido coletivamente também foi um texto pequeno, com dois parágrafos formados cada um deles por apenas uma frase. Solicitei ao grupo que tentasse escrever um pouco mais sobre o tema, mas eles não acataram a sugestão por entenderem que o texto, mesmo resumido, expressava o pensamento do grupo.

Percebi que esse grupo estava regido pela dimensão do tempo Cronos que é o tempo do relógio, do cronômetro, da mensuração de tarefas. Eles queriam terminar logo e, como estavam em um dia "útil", no horário de trabalho, o tempo foi um fator preponderante. A oficina estava estruturada para não ultrapassar o tempo demarcado para atividade. Mesmo afirmando que tínhamos tempo suficiente, o grupo não demonstrou vontade de ampliar a escrita do texto. Senti que deveria deixá-los à vontade, no seu ritmo e não interferir na dinâmica do grupo, afinal, as pessoas demonstraram contentamento pelo trabalho realizado. Elas ficaram satisfeitas com a produção textual que, apesar de resumida, continha a essência do que foi dialogado.

Voltando ao conteúdo do texto, podemos dizer que a vida, para o grupo, tem um movimento espiralado cuja fluidez faz da sensibilidade um aspecto importante para a continuidade da espécie humana através do seu ciclo de reprodução, conforme explícito na segunda e última frase – *A espiral da vida, que flui contínua a reproduzir, respeitando os ciclos, integrando a luz e a sensibilidade, podemos alcançar o sagrado.*

Apesar de achar que o grupo estava regido por Cronos, as palavras escritas identificam-se com Kairós, que é o tempo perpassado pela subjetividade, que respeita os ciclos, a vida que se faz ao ser vivida, que flui e se reproduz independente da cronologia.

A última parte da do parágrafo, *integrando a luz e a sensibilidade, podemos alcançar o sagrado*, quando sozinha tem uma lógica própria. Porém, no contexto, não apresenta continuidade com a ideia anterior. Ao analisar sintaticamente todo o parágrafo, percebe-se a falta do conectivo “pela” (por+a) antes de “a espiral”, cuja presença daria a ideia de modo como se alcançaria o sagrado.

Destacamos as palavras: sensibilidade, cuidado, fluir, reproduzir, ciclos e sagrado. Palavras que emergiram do diálogo sobre a relação entre o feminino, a água e a ecologia humana



e foram registradas no texto. Contudo, a palavra sensibilidade merece um maior destaque, visto que esta aparece duas vezes no texto.

Na frase inicial, *a sensibilidade pode revelar sentimentos profundos, despertando na espécie humana força e ação para o cuidado com o planeta*, a palavra sensibilidade, como substantivo tem a capacidade de revelar sentimentos profundos. Que sentimentos são esses que poderiam despertar na espécie humana a força e a ação para o cuidado com o planeta? Vêm-me a cabeça a amorosidade, o enternecimento, a compaixão, a indignação, a tristeza e, por fim, a gratidão por estar vivo.

O conteúdo da palavra sensibilidade está relacionado não apenas à dimensão corpórea ligada aos órgãos dos sentidos, mas à emoção que gera força necessária e impulsiona a ação para cuidar do planeta. Nesse sentido, o grupo sugere que, enquanto emoção, a sensibilidade é fundamental para o agir humano.

Importante ressaltar que a palavra emoção deriva do latim *emovere* e significa “em movimento”, ou seja, são disposições corporais que definem o nosso agir. Para Maturana, as emoções são fenômenos próprios do reino animal. Todos os animais as têm. E como tais, "vivemos imersos na emoção, que são fundamentos básicos para tornar possível a convivência do mamífero e do primata, e não o que comumente chamamos de sentimento". (1998 p.16 e 2001).

Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. (MATURANA, 1998, p.15).

Maturana faz uma distinção entre emoção e sentimento, mas no texto produzido pelo grupo, essas palavras parecem se confundir por intencionar um impulso de força e ação.

O pequeno texto produzido foi retratado artisticamente no seguinte desenho:.



Figura 21 - Desenho síntese

Ao observar o desenho, o que primeiramente me chamou atenção foi a Terra circundada por digitais o que pode sugerir a nossa pegada ecológica ao colocar as nossas marcas impressas no planeta. Maior do que o círculo que envolve o planeta e o perpassando, surge uma espiral com desenhos diversos e menores que a acompanham. Podemos ver a presença de animais como serpente, tartarugas, antas, coelhos, entre outros. Existe uma teia de aranha fortemente marcada unindo duas camadas do espiral. O conceito de teia é muito usado para falar de sistemas de vida, onde tudo está interconectado.

No livro *Caos Sensível*, Theodor Schwenk (1982) afirma que as estruturas, formas e ritmos de diversos seres são engendradas pela interação com as águas:

...muitas criaturas aquáticas incorporam os movimentos arquetípicos da água na forma de seus corpos, uns mais do que outros. A aranha demonstra isso com perfeição. As serpentes, por exemplo, adotam o movimento arquetípico da onda para a total locomoção do seu corpo. Isso é demonstrado de uma maneira bem explícita quando elas nadam e as ondas da água e do animal se fundem em uma unidade única. (op. cit., p. 33).

Jung (1964), ao analisar os símbolos, ressalta que a serpente é comumente ligada à transcendência. Isso se dá por ela ser uma criatura que vive no mundo subterrâneo, portanto, nos

diz o autor, ela é uma representação de um ser "mediador" entre dois modos de vida. Não é por acaso que ela está representada no símbolo do deus greco-romano da medicina, Asclepíades.

Em uma das voltas da espiral, um casal de humanos é destaque com a figura da fêmea grávida. Mais uma vez a fertilidade, a gravidez e as águas uterinas estão representando o aspecto feminino ligado à geração de nova vida.

O reino vegetal está presente por meio de vegetais e frutas, simbolizando o alimento saudável e o cuidado com a sobrevivência. Entre eles, um tronco cortado com dois machados cravados, sugerindo a destruição e a morte causadas por uma ação antrópica. Esse desenho pode expressar uma crítica da ação humana no ambiente.

A lua, a estrela e o sol, o raio, a chuva e o vento também foram desenhados na espiral, sugerindo a nossa interligação com o cosmos e a ação dessas forças em nós. Existe também uma cruz e um ponto jorrando algo vermelho que pode ser interpretado como sangue. Talvez possa representar o sagrado feminino ligado aos mistérios de morte e vida.

Destaca-se o símbolo do *tao*, pintado com cores vibrantes e traços ao seu redor como se ele estivesse resplandecendo, integrando a luz e a sensibilidade como nos coloca o texto.

Nessa mandala, temos a representação dos opostos – a vida e a morte, o homem e a mulher, o céu e a terra – e, a sensação de fluidez que ela produz está ligada ao seu desenho espiralado. Essa forma, para Schwenk (1982), é arquetípica da vida e da forma embrionária de todos os seres vivos moldados pela água. Catalão (2006) ressalta que esse autor considera os redemoinhos que se formam nas águas como antenas receptoras que captam o programa da vida.

Em sua simplicidade, o desenho traduz a intencionalidade expressa no texto que o encabeça: “A sensibilidade pode revelar sentimentos profundos, despertando na espécie humana força e ação para o cuidado com o planeta”, evidenciando toda a complexa relação entre a água, o feminino profundo e a ecologia humana.

### 5.3 ENTREVISTAS

*O seu olhar, seu olhar melhora, melhora o meu.*  
Ceumar

Além dos trabalhos realizados nas oficinas, busquei ampliar o olhar sobre o tema por meio de duas entrevistas de caráter semiestruturado com o objetivo de expandir a ação reflexiva e atingir aos objetivos propostos. As entrevistas seguiram conforme modelo em apêndice.

Foram escolhidas duas mulheres por suas trajetórias de vida e contribuições em áreas ligadas a uma das temáticas que desejamos perceber as interligações.

A primeira delas foi a professora Yara Meira Magalhães, educadora, especialista em Educação Integral. Membro fundadora do Instituto Calliandra de Educação Ambiental e Integral de Brasília, coordenadora da biblioteca e Centro de Referência de Educação Integral e Ambiental - CREIA. Colecionadora de achados da natureza que podem ser utilizados como materiais pedagógicos por serem portadores de simbologias por seus formatos esculpidos pela própria natureza e que revelam a arte, a criatividade, inventividade e beleza da mesma. Fundadora de uma rede composta de intelectuais, artistas, educadores e outros profissionais atraídos pelo CREIA, para partilhar experiências e trocas de saberes. Essa rede foi o embrião do Instituto Calliandra que surgiu com o intuito de dar um rosto jurídico à rede.

A segunda foi Mirella Faur, romena, naturalizada brasileira, com extensa formação científica e esotérica no estudo e aplicação da astrologia e dos oráculos, em especial das runas<sup>15</sup>. É iniciadora do movimento da espiritualidade feminina em Brasília, com os rituais públicos dos plenilúnios<sup>16</sup>, as celebrações da Roda do Ano, os grupos de estudos e a realização de ritos de passagem. É autora dos livros (*O Anuário da Grande Mãe – Rituais práticos para celebrar a Deusa*, *O Legado da Deusa: Ritos de passagem para mulheres*; *Mistérios nórdicos: Mitos. Runas. Magias. Rituais*; *Ragnarok: O Crepúsculo dos Deuses*; e, *O círculo Sagrado para mulheres contemporâneas*) bem como de diversos artigos em publicações nacionais e estrangeiras. Mirella

---

<sup>15</sup> Conjunto de pedras com caracteres germânicos usadas como oráculo.

<sup>16</sup> Significa o auge da lua cheia quando a sua luminosidade é total.

Faur é líder espiritual no movimento conhecido como o Ressurgimento do Sagrado Feminino, o retorno da Deusa.

Após leitura flutuante e uma nova leitura interpretativa das entrevistas realizadas, selecionei algumas unidades de significado que tinham correlação direta com as minhas questões de pesquisa.

Inicialmente, as unidades de significados escolhidas foram a água, o feminino e a ecologia humana; contudo, outras categorias emergiram. Destaco duas em especial: “ educação e cuidado” surgida na fala de Yara Magalhães, e “mulher e espiritualidade” da fala de Mirella Faur.

### 5.3.1 Feminino e Mulher

Yara Magalhães define o feminino como um valor, um princípio que está ligado aos aspectos da sensibilidade e intuição e que independe de gênero. Na sua compreensão, *o feminino enquanto valores, enquanto intuição, enquanto sensibilidade que pode estar em homens e mulheres, que supera a questão de gênero*. Esses valores, para a entrevistada, poderá ser a chave da transformação, da mudança capaz de fazer surgir outras relações sociais, culturais e política.

O termo política surge, pois, há em sua fala, um posicionamento sobre a atual sociedade. Ela a define como uma sociedade doente por sua brutalidade aos que se colocam contra os seus interesses e afirma ser o feminino o antídoto para essa situação:

O feminino, nessa compreensão que a gente está falando, da sensibilidade, da intuição, da acessibilidade, da proteção, do acolhimento, deveria construir um outro mundo. Um outro mundo é possível a partir de que esse feminino esteja forte e atuante em homem e mulheres para nós começarmos a ver a proteção, o cuidado, a vida, as pessoas, as relações, a sociedade. Nós estamos em uma sociedade bruta que não exita em detonar qualquer coisa que se achesse no caminho e que intercepte os interesses. O feminino seria um antídoto para essa doença. (...) É o feminino em homens e mulheres que sustenta esse olhar amoroso, inclusivo e respeitoso.

A visão de Yara se coaduna com a concepção de Boff (2000a, p. 107) que afirma ter o feminino um caráter sanador, portanto de antídoto. "O princípio feminino é sanador e libertador, pois se move num outro paradigma e opera numa outra lógica. Seu paradigma básico é a vida, e não o poder; o respeito e a veneração pela vida, e não a agressão e a dominação".

Mirella Faur fala de um feminino vinculado a questão de gênero. Para ela, é no corpo da mulher que o feminino se expressa e se concretiza. Reforça que a sociedade patriarcal criou um antagonismo e uma dominação de um gênero sobre outro e que, portanto, não dá para falar de feminino sem levar esse aspecto em consideração.

Para Mirella, "a mulher por definição é filha da Grande Deusa, da Grande Mãe, porque só ela gera um ser humano. O homem pode ser coparticipante, mas a tarefa de gerar, de nutrir e de cuidar da vida é da mulher".

Ao falar da condição da mulher na sociedade patriarcal, Mirella ressalta que não devemos ter uma posição de antagonismo entre os sexos, porém é preciso ressaltar a condição da mulher e sua capacidade de gerar vida através da maternidade:

(...) lembrar aos homens que as mulheres não são inimigas, nem escravas que tem que ter esse respeito, até mesmo porque ele nasceu de uma mulher. Já começa por ai. E, às vezes, esse que é o trauma ligado à mãe. E para a mulher, se ela seguir um caminho, mesmo que não seja estritamente da espiritualidade feminina, ela vai ter muito mais fácil esse acesso, porque ela, por natureza, é intuitiva, sensível, emotiva. Ela é uma mãe, mesmo que não tenha filhos ela vai ter uma forma de mostrar a maternidade.

Percebe-se que, para Mirella, a maternidade não se resume a dar à luz a uma criança, alimentá-la e criá-la, mas um fenômeno que pode ser expresso por outras atitudes que possuem as qualidades ligadas a ela. Contudo, é importante ressaltar que essas qualidades certamente não são exclusivas da mulher. Um homem também deve desenvolvê-las como parte do humano. Infelizmente, nós mulheres carregamos esse fardo de sermos as únicas capazes de possuir as qualidades maternas.

Em sua fala, Mirella defende a união entre as mulheres e suas articulações em grupos estritamente femininos:

...o ideal é que, dentro dos grupos, as mulheres reaprendam esses laços do sangue, laços de apoio, de amizade, de reverência à natureza, de cuidar com o lixo, de cuidar com os poluentes, ter uma alimentação regrada, resgatar essas terapias naturais. Então, essa seria uma visão holística, no qual o esteio seria a mulher e fluir com as marés, com o ciclo da lua.

É possível perceber que Mirella acredita que a consciência do feminino profundo deve ser puxado pelas mulheres que estão rompendo com os dogmas da dominação e buscam um novo modo de se congregarem e celebrar o sagrado feminino articulado com a natureza – “fluir com os mares e com o ciclo lunar”. Essa atitude feminina de estar em harmonia com a natureza, de respeitar e reverenciar os ciclos naturais dá a força necessária para que a mulher possa fluir com o ritmo do seu corpo em seus ciclos lunares mensais e com a gravidez de nove meses em seu ventre. Contudo, os aspectos e valores maternos não podem dizer respeito apenas às mulheres. Para Mirella, a mulher tem acesso mais rápido a esses valores por sua própria condição feminina.

### 5.3.2 Água

Yara fala das águas com emoção e brilho no olhar, pois tem dedicado parte de seu tempo a estudos relacionados a esse elemento. Ela coordena um grupo de estudo sobre o livro *O Caos Sensível* de Theodor Schwenk e participa do Grupo de Estudos sobre os Saberes Transversais da Água – CET – Água.

A educadora concebe a água não apenas no seu aspecto físico, mas nas suas qualidades e simbolismos. Ressalta que, para além de seres terrenos, somos seres da água, somos aquáticos pela nossa própria composição:

A água como uma matriz de uma delicadeza enorme, uma matriz que retém memória, que tem qualidades que levam à união dos opostos. Extremamente maleável, e ao mesmo tempo ela tem estruturas fortes que inspirou até um ditado popular: "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura".

...É a água da sensibilidade, a água da união dos opostos, a água da memória, que está no nosso corpo na mesma proporção que está no planeta, na mesma proporção que está no ar. Essas pessoas que nós somos, seres aquáticos, porque a gente vive no ar que precisa ter 70% de água e quando esse percentual de água baixa a gente passa mal. Então nós somos aquáticos mesmos.

Para Mirella, é mais que evidente que a água é feminina por natureza e está ligada à cura e às emoções:

... sem água, o ser humano não sobrevive e também a água é um veículo de transmissão das energias de cura, de tudo aquilo que precisa fluir e as emoções são representadas pelo elemento água. Pessoas que pertencem ao signo de elemento água e têm muitos planetas no signo de água, têm uma sensibilidade maior e, como a mulher é identificada com a água, pela sua conexão com as fases da lua, que seguem exatamente às marés. Então, é uma coisa mais do que evidente.

Essa concepção expressa por Mirella vai ao encontro com a visão de Bachelard (1942, p.124) que aponta a água como maternal e feminina. Para ele, o sentimento que temos em relação à natureza é o de um filho para com a mãe e ressalta como um dos maiores símbolos maternos, o mar. Ao analisar a poesia de Michelet sobre o mar, destaca a seguinte revelação: "O mar é maternal, a água é o leite prodigioso; a terra prepara em suas matrizes um alimento tépido e fecundo; nas margens se intumescem seios que darão a todas as criaturas átomos gordurosos".

Essa é uma forte simbologia da água que traz o seu princípio fecundador e gerador de vida, além de resgatar a experiência mítica e poética que a humanidade tem com a água.

### 5.3.3 Educação e Cuidado

Yara, por ser educadora, reforça a relação entre a ecologia humana e a educação integral. Para ela, a relação entre ecologia humana, o feminino profundo e a água "não é uma relação, mas é uma coisa só". E, partindo desse pressuposto, observa a importância da educação para a formação humana:



Um mundo diferente do que nós temos aqui seria um mundo em que o autoconhecimento deveria ser prestigiado nas escolas. A partir da pessoa se ver como pessoa, ela começa a se ver como parte de um todo. Se a sensibilidade é estimulada, é exercitada... na realidade o professor não faz nada, ele só estimula para que venha, ele não constrói, ele assiste o afloramento da pessoa, do que ela realmente é. Então, se isso é feito na educação, com certeza, essa pessoa se conhecerá, com certeza ela se verá um ponto no grande todo, com certeza esse todo é sua casa, com certeza ela protegerá o todo como protege a si e seus familiares, com certeza ela protegerá a própria vida, ela não se entregará a hábitos, costumes, alimentações que acabem com sua vida, com a sua qualidade de estar no mundo e esse cuidado vai sendo ampliado pro todo.

...Quando a pessoa, pela educação, desenvolve a sua consciência e a sua sensibilidade, abre-se uma visão para o todo, um amor ao todo, um olhar amoroso a tudo o que existe. Todas as dimensões da realidade passam a ter um grande valor e, com isso, a raiva não ganha dimensão.

Yara fala com convicções e certezas de que o caminho é a educação e ressalta que a ecologia humana contribui pra a consciência do todo, para o respeito e o cuidado. Ela parte sempre da educação:

Uma educação para a sensibilidade, poderes mentais, para o domínio, que é diferente de controle, mas a posse de todas as formas de expressão que residem no ser humano. Essa educação faz o ser humano a se perguntar: Quem sou eu? Qual a minha relação com os outros, com o todo e qual a minha parte no todo? Com o autoconhecimento e a autoaceitação, os valores se instalam e, com isso, há a aceitação da parte feminina e da parte masculina que há em mim. Com isso, há desdobramento social, pois gera relações pacíficas, cooperativas, igualitárias.

A professora conceitua ecologia humana como equilíbrio e define o que para ela é educação e educador:

Quando se fala em ecologia humana como equilíbrio, isso se instala naturalmente, pois a educação não conduz, mas desperta. O educador não é aquele que abre as portas, mas aponta o lugar das chaves. Com isso, o olhar sobre o planeta e especialmente sobre as pessoas e sobre a água ganha outra dimensão e outra qualidade... Quando a educação faz o seu papel, ela desperta o que está adormecido, desperta valores que ainda estão muito escondidos, propõe e facilita a emergência desses valores e, com isso, nós temos todo um desdobramento para a pessoa, para os outros para o mundo, para o planeta, para o cosmos.

Esse é um conceito de educação que se identifica com a biologia do amor de Humberto Maturana, pois ela se dá na relação e no respeito que legitima o outro como legítimo outro. Esse respeito é amoroso, cuidadoso e, é aí, que entra, para a professora, o aspecto mais importante, a síntese da relação entre ecologia humana, feminino profundo e a água – o cuidado:

O cuidado é uma síntese de todo ser feminino. O acolhimento e o cuidado. Isso é muito importante principalmente quando a gente encontra situações de desgaste na vida. Às vezes, a gente não pode ser sonhadora a ponto de não pensar que nós nunca teremos problemas. Vamos ter sim e "Rolf Guilevisk", que é a pessoa com quem eu fiz formação em Educação Integral, dizia que nós precisamos ter o tanto de problemas suficiente para que nós crescamos e exercitemos a força. Então, os problemas precisam existir, mas quando junto com o problema vem o exercício da amorosidade e do cuidado a gente sabe ter força pra sair deles sem precisar pisar e destruir nada, nem ninguém.

#### 5.3.4 Mulher e Espiritualidade

Esse foi o conteúdo mais extenso na entrevista realizada com Mirella, pois, ela se identifica como uma pessoa que atua no campo espiritual e toda a sua trajetória de vida está ligada na busca mística:

... porque eu sou uma pessoa mística por natureza, apesar de ter uma formação cartesiana racional e apesar de vir de um país comunista, numa época conturbada e tudo o mais. Eu sempre tive uma busca mística muito grande. Meu ascendente é câncer, então eu sempre tive esse contato com a lua, olhava muito pra lua. Minha avó falava que eu ia ficar lunática e eu me considerava um ser aquático. Depois que eu comecei a estudar astrologia eu vi que meu signo solar é sagitário e essa combinação de fogo-água, hoje em dia pra mim, é importante, porque o fogo me dá essa direção mais em sagitário e a lua me deu essa sensibilidade.

Mirella relata como ingressou em grupos espirituais e sobre sua condução com o trabalho com mulheres:

...quando eu cheguei no Brasil, para mim se descortinou um universo de possibilidades místicas e eu fui experimentando uma por uma. Eu comecei a estudar astrologia, mas eu passei pelo espiritismo, por várias vertentes, algumas correntes espiritualistas, ioga, até mesmo dentro da daquilo que mais me aproximou da parte realística foi a umbanda

exotérica por causa dos rituais ao ar livre, perto das águas, essa ideia de ofertar flores e perfumes e fazer esse intercambio energético.

... Eu passei a fazer rituais na lua cheia lá na chácara. A gente morava numa chácara que é a 30 km daqui, onde que eu tinha o espaço e as condições para fazer isso. Depois começaram os grupos de estudo e como não tinha assim, vamos dizer, um manual, eu tive que criar essas minhas cerimônias baseadas na parte astrológica e mitológica.

Mirella conta o que observou ao longo desses anos de estudo e trabalho com as mulheres e destaca papel da mulher espiritualizada:

O que eu observei ao longo desses anos: primeiro lugar, a necessidade da mulher se considerar sagrada, o que é difícil. Ou seja, o seu linguajar, a sua postura, usar saias, que era considerado uma aberração, mas nos rituais eu exigia, como continuo exigindo, o uso de saias, honrar o seu ciclo menstrual, não considerá-lo uma maldição, saber como trazer para si essas energias da natureza até mesmo para que a sua vida no mundo urbano possa ser melhor, mais harmônica e saber que poder não significa o poder sobre alguém, significa o poder interno.

... Então, o papel da mulher que já tem uma consciência espiritual é passar esses conhecimentos aos seus filhos, para os seus parceiros, para o mundo. Mesmo que ela seja considerada uma bruxa, uma louca.

Há um empenho, por parte da entrevistada, de se colocar a serviço do sagrado feminino, atuando com círculos de mulheres pelo retorno à Deusa e pela renovação do espírito feminino. É nessa direção que vai o olhar de Mirella e toda a sua força de ação. Em seus grupos, os rituais realizados buscam a iniciação das mulheres que sacrificam a sua identidade como filhas do patriarcado e se colocam na aceitação da Deusa-Mãe em seus diversos aspectos e nomes.

O resgate do feminino profundo, para Mirella, passa pela vivência espiritual da tradição da Deusa, valorizando a razão e a emoção, os sentimentos de aceitação de ser mulher. Para ela, as mulheres têm acesso mais fácil aos valores femininos e podem se tornar uma guia para os homens na caminhada a uma sociedade baseada no poder de parceria.

#### 5.4. RECAPITULAÇÃO INTERPRETATIVA DO TRAJETO VIVIDO

Muitos conteúdos emergiram com esse trabalho. Contudo, não pretendo generalizá-los como verdades absolutas, mas sim destacar as observações e reflexões feitas a partir do que foi visto, sentido e ouvido no campo de pesquisa, para revelar o olhar de grupos específicos em um tempo e espaço social determinados.

Um aspecto importante a ser lembrado diz respeito à metodologia das oficinas, que privilegiou o círculo de diálogo, no intuito de propiciar o exercício da escuta sensível em um espaço de co-formação, prazeroso e seguro para a expressão das subjetividades, das ideias e da criatividade. Tal espaço favoreceu a emergência de uma inteligência coletiva para a construção de conceitos sobre o tema.

O diálogo sobre as questões da pesquisa ocorreu por meio de vivências com a arte, com a música, com danças, história e construção coletiva de texto. Todo trabalho realizado foi baseado na transdisciplinaridade, na complexidade e na biologia do amor. Dessa forma, se buscou atingir as três dimensões: corporal, mental e espiritual.

Na **primeira oficina**, a dimensão biológica e corpórea do feminino foi mencionada pelas mulheres como uma característica especial que as distingue no mundo, pois vivenciam a menstruação, a concepção, a gestação, a maternidade, o aborto e a menopausa. Para elas, ser mãe contribui para o despertar da responsabilidade, do cuidado e da capacidade de educar e garantir a sobrevivência de suas crias.

As mulheres identificaram facilmente suas vidas com o curso das águas ao reconhecerem a unidade entre as suas águas internas e as águas externas que circulam em todo o planeta. Para elas, a água é um elemento de integração, por suas características de solver, de fluir, de incluir, de ser persistente, maleável, de misturar, de transmutar, de circular e se movimentar, enfim, de gerar a vida.

Nesse diálogo, as mulheres confirmaram a ideia de que vivemos uma crise sem precedentes por nos sentirmos apartados da natureza. Essa crise traz também o sentido de

urgência do reestabelecimento do princípio feminino e, com isso, o cuidado necessário para a valorização e preservação da vida.

Porém, nos alertam as mulheres que, nesse movimento de superação da crise pelo resgate dos valores femininos, podemos cometer os mesmos desvios causados pelo patriarcado, que gerou a desarmonia entre as forças masculinas e femininas. Com isso, expressaram o desejo de que o resgate do feminino venha junto com a parceria entre homens e mulheres. A reconciliação do feminino com o masculino, segundo elas, é também a reconciliação da humanidade com a sua própria natureza e com a natureza em seu entorno.

As mulheres perceberam a interdependência entre todos os seres vivos na teia da vida e consideraram que tudo está vinculado, interconectado e em movimento, tanto no micro como no macrocosmo. Essa é uma visão reflexiva, sistêmica e complexa e pode ser considerada muito importante para a mudança de paradigma necessária à preservação e conservação da vida.

As mulheres reconheceram que o feminino soma, agrega e traz sabedoria. A receptividade foi tida como uma chave para a cooperação, para o sentido de pertencimento e de equilíbrio. Além disso, reconheceram a necessidade de se resgatar o sentimento amoroso, a consciência amorosa, a gratidão pela vida em si mesma. Nesse sentido, o amor e a gratidão foram palavras recorrentes nas reflexões feitas.

A **segunda oficina** destacou a relação entre ecologia humana, água e feminino, a partir da ideia de alternância, de ciclo entre morte e vida, encontros e desencontros, levar e trazer, ir e voltar. Outro elemento significativo nessa oficina foi a importância dada à sensibilidade como sentimento profundo capaz de trazer amor, alegria, sofrimento, respeito e cuidado da natureza. Essa foi uma palavra-chave, tanto nas reflexões orais, como na produção escrita do grupo.

Dessa forma, o grupo entendeu a relação do feminino profundo com a água e a ecologia humana como o despertar da sensibilidade, do nosso senso de responsabilidade e cuidado para com a Terra. Nesse sentido, a sensibilidade não está relacionada apenas com a dimensão corpórea dos sentidos, mas com a emoção capaz de impulsionar a ação para cuidar do planeta.

Como parte do trabalho de pesquisa, as **entrevistas** visaram um maior aprofundamento das temáticas, podendo se constatar que muitos dos temas que surgiram nas oficinas vivenciais

emergiram também nas entrevistas. A educadora Yara Magalhães, inspirada no filósofo indiano Sri Aurubindo, valorizou a educação integral como necessária ao desenvolvimento humano, afirmando que quando a pessoa, pela educação, desenvolve a sua consciência e a sua sensibilidade, abre-se uma visão amorosa para o todo, desenvolvendo respeito e cuidado por tudo o que existe.

Yara define o feminino como valor, intuição e sensibilidade ligada ao acolhimento e ao cuidado. Essa concepção supera a questão de gênero e pode estar presente em homens e mulheres. Ela tem no cuidado a síntese de todo ser feminino. Nesse ponto, o pensamento de Yara se coaduna com os aspectos observados pelos participantes da segunda oficina e com o pensamento de Boff (2000b) que tem no cuidado um imperativo para uma ética mundial, do humano que precisa da cordialidade, da responsabilidade e do amor como fundamento para uma verdadeira atitude de compaixão pela Terra.

Yara fala da ecologia humana como ecologia profunda, que passa pela educação integral. Para ela, quando a educação cumpre com o seu papel, desperta no humano o que está adormecido, os valores que estão escondidos, propiciando a emergência desses valores. Com isso, ocorre um desdobramento que afeta a pessoa, os outros, o planeta e o cosmo. Tudo está interligado.

Essa concepção comunga com as ideias de Naess expressas por Speranza (2006). Para a autora, a ecologia profunda busca uma ética ambiental capaz de ampliar a consciência humana sobre as consequências de suas ações sobre o meio ambiente e sobre os limites e vulnerabilidade dos ecossistema. É, portanto, uma ética que se ocupa da relação entre humanos e natureza.

A visão de educação integral de Yara Magalhães tem como eixo pedagógico o foco no corpo como sede de interações físicas e sutis dotado de inteligência e memória, capaz de articular as dimensões biológica, mental e psicológica. O que nos remete ao pensamento de Maturana (2001) que vê na tarefa da formação humana o fundamento de todo processo educativo onde o educador aceita o educando em sua totalidade e legitimidade, seguindo o fluxo das emoções que são dinâmicas corporais que acontecem no âmbito relacional.

A entrevistada em um dos seus artigos afirma que:

Por ser o físico a base de tudo, o abrigo e a terra de onde tudo parte, a instrumentalidade do corpo, seus poderes de apreensão, expressão, comunicação de movimentos, sentimentos, valores, acontecimentos e formações interiores e subjetivas tornam-se o veículo de múltiplas possibilidades. O trânsito entre os mundos da objetividade e subjetividade confere ao corpo poderes educacionais que vão além do mero condicionamento físico e se constituem em uma exigência da Educação Integral. (MAGALHÃES, 2006, p. 53).

A segunda entrevistada, Mirella Faur, percebe o feminino vinculado à questão de gênero. Para ela, é, no corpo da mulher, que o feminino se expressa e se concretiza. Em sua fala, fez um breve histórico da evolução social e cultural para ressaltar que a sociedade patriarcal criou um antagonismo e a dominação de um gênero sobre outro e que, para falar de feminino, deve-se considerar esse aspecto.

Esleir nos lembra de que essa relação entre os humanos parte de um modelo dominador nas relações humanas que está ligado ao modelo de uma sociedade de dominação:

Os dois tipos básicos de ser humano são masculino e o feminino. O modo como se estrutura o relacionamento entre as mulheres e homens constitui, portanto, o modelo dominador-dominado é internalizado desde o nascimento por todas as crianças que crescem numa família tradicional de dominância masculina. (EISLER, 2007, p. 240).

Apesar de afirmar que não devemos ter uma posição de antagonismo entre os sexos, Mirella afirma que a condição da mulher precisa ser valorizada e respeitada por sua capacidade de gerar vidas através da maternidade. Dessa forma, Mirella pensa que a consciência sobre o feminino profundo deve ser liderada pelas mulheres que estão rompendo com os dogmas da dominação e buscando um novo modo de se congregar e celebrar o sagrado feminino.

O pensamento de Mirella está em consonância com alguns depoimentos das mulheres participantes da primeira oficina, que reconhecem a sua identidade com as águas. A evidente relação entre o feminino e a água, para Mirella, está na sua conexão com as fases da lua, que seguem os ritmos das águas, exatamente como as marés. Por ser articulada com a natureza, a mulher, segundo ela, deve considerar-se sagrada e honrar seu ciclo lunar, a menstruação, buscando o poder em sua própria natureza.

Stein (1994) afirma que a liberação do feminino não deve se restringir à mulher, apesar das suas relações profundas com a natureza e, que há uma tarefa psicológica para redimir o feminino em homens e mulheres. Contudo, identifica uma conexão semelhante àquela apontada por Mirella entre o feminino e os ciclos naturais:

(...) Embora o feminino possa não ter o poder ou a inclinação para alterar o curso da natureza, seu relacionamento com a natureza lhe dá uma força de que carece o masculino. O espírito capacita a mulher a fluir com o ritmo e seu ciclo lunar mensal, a suportar com paciência e alegria os nove meses necessários a dar à luz uma criança, é algo que o homem precisa desenvolver pois, senão, seus melhores planos e esforços criativos engendrados serão constantemente abortados. Sem um respeito ao feminino pelos modos da natureza, a engenhosidade do espírito masculino logo se torna destrutiva para a vida. (op. cit., p.78).

Entendo que as entrevistas reforçaram os conteúdos surgidos nas duas oficinas e confirmaram a necessidade do resgate de valores importantes para o desenvolvimento humano e para a sustentabilidade da vida no planeta. Destaco entre esses valores o cuidado, a responsabilidade, a sensibilidade amorosa, o respeito a todas as formas de vida e o sentimento de pertencimento à natureza. O que nos remete à ecologia humana conceituada por Naess que percebe a vida em todas as suas manifestações e que propõe, como condição para a transformação radical do modelo econômico vigente, o desenvolvimento integral das possibilidades e valores inerentes de cada ser.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever sobre o feminino, destaquei as concepções que apontam que esse valor foi desprezado, ferido e subjugado pelo masculino que funda a cultura patriarcal centrada no poder de dominação. O trabalho de pesquisa confirmou o que já intuíamos: o feminino como capacidade de criar, incluir, agregar, cuidar, tecer, planejar e sonhar junto. Podemos reconhecê-lo nas águas, na voz das avós, sábias anciãs que insistem em transmitir os seus conhecimentos em benefício das futuras gerações, no cotidiano de homens e mulheres que buscam coerência com os princípios do cuidado, da generosidade e do amor.

Quando falo de feminino, não estou tratando apenas das mulheres, assim como quando falo de masculino não me refiro apenas aos homens. Neste trabalho, o feminino é considerado, por Maturana, como a energia vital fundada na emoção que nos constitui como humanos – o amor. O feminino simboliza um valor profundo, um sentimento relacionado à ética do cuidado que sustenta e honra a Terra e todas as formas de vida.

Assim como o feminino não diz respeito apenas às mulheres, o patriarcado não diz respeito apenas aos homens, mas a uma cultura de dominação que está centrada na competição, no controle e na força, pois nele, o poder é a medida da resolução dos conflitos. Essa perspectiva nos ajuda a entender a lógica masculina que sustenta a exploração, a ganância, a dominação e a subjugação têm influenciado o sistema econômico, social, político e cultural das sociedades humanas.

Pelo olhar dos autores estudados nesse trabalho, foi reforçada a ideia de que a ordem patriarcal deixou para o mundo uma herança perversa: a dicotomia entre humanos e natureza. Com isso, a natureza - em especial a água - passou a ser vista como um bem utilitário, como um "recurso natural" que não tem valor intrínseco, mas um valor de uso estipulado pelo capital. Ao longo da história humana, tivemos muitas formas de organização, porém, no mundo ocidental prevaleceu a relação de dominação, de exploração, que leva em conta apenas as necessidades imediatas e o lucro, sem pensar na sustentabilidade. O uso desmedido e sem limites e a má gestão da água nos coloca hoje, enquanto humanidade, numa situação emergencial. Fizemos barreiras, exaurimos, mudamos os cursos e poluímos os rios e os oceanos

Como sair desta encruzilhada? Como promover a sobrevivência da espécie humana em comunhão com todas as outras? Como nos desenvolvermos de forma sustentável? Como preservar a vida cuidando de nossas águas externas e internas? A cooperação, o cuidado e a solidariedade podem ser a chave para responder a todas essas questões.

O ecofeminismo, de certa maneira, nos dá uma resposta ao aprofundar a crítica à sociedade de consumo feita pela ecologia profunda e ao ampliar a noção de que o patriarcado está intimamente ligado ao antropocentrismo que identificou a mulher com a natureza e considera ambas inferiores ao homem, passivas e passíveis de exploração.

O estudo reforçou a convicção de que precisamos resgatar o feminino profundo para agir com amorosidade, já que o amor é fundante das relações sociais que estabelecemos conosco mesmo, com os outros e com o mundo.

Assim, considero que um dos grandes aprendizados do estudo foi a compreensão teórica e empírica de que as nossas emoções definem o nosso agir no mundo. Entendi que a água pode ser uma grande mestra se a observamos com profundidade, pois, de fato, suas características nos levam a refletir sobre como a vida é generosa e inclusiva, como é complexa e como a ecologia de saberes pode nos ajudar a superar uma visão que fragmentou os conhecimentos e apartou natureza e cultura, humanidade e natureza.

Aprendi que, por nossas águas internas e externas, nos reconhecemos como partícipes de uma civilização planetária e cósmica e como uma comunidade de destino, como define Edgar Morin, que vive em um território comum onde as ações realizadas em um determinado lugar repercutem no todo, pois somos parte de um sistema vivo onde tudo está interligado. Essa é a compreensão capaz de colaborar com a superação de uma crise paradigmática e civilizatória, como nos orienta a Carta da Terra e as práticas ecopedagógicas nos ensinam.

Nos círculos de diálogos, realizados nas oficinas, tive a oportunidade de nadar em águas profundas e trazer à tona as relações entre a ecologia humana, o feminino e a água. Nesse movimento, percebi a força criativa das águas em seu movimento espiralado que se expressou nos corpos, na produção textual, nas falas e nos silêncios, nas posturas e nos olhares, nos desenhos e nas emoções reveladas.

Ao refletir como flui o rio de nossas vidas, escutei como é possível integrar masculino e feminino, de modo que o lugar de cada expressão possa ser valorizado e reconhecido como absolutamente necessário. E, também, como resgatar o feminino profundo apesar de vivermos em um mundo hierárquico e competitivo. A água como matriz nos inspira e nos ajuda a seguir refletindo e encontrando o caminho para continuar no fluxo da vida.

A vinculação da água com a espiritualidade e a subjetividade humanas foi reconhecida pelas pessoas que participaram da pesquisa pela percepção de que a água está em tudo e tudo está em nós. As pessoas destacaram também a dimensão estética da água, o deslumbramento que este elemento produz e como se sentem pequenas diante da dimensão do todo, da grandiosidade da vida.

Foi apontado que, assim como as águas, o feminino profundo tem características ligadas à receptividade, à generosidade, ao cuidado, ao acolhimento, à doação e à abundância. Por essas características, o feminino é capaz de estabelecer relações pautadas no amor e na paz, o que transcende a polarização e as disputas entre os sexos. Esse olhar rompe com a visão patriarcal que dissocia humano e natureza e cria relações de competitividade.

Para as pessoas participantes de uma das oficinas, a vida se recupera e se transforma infinitamente para continuar fluindo. A fluidez foi, portanto, relacionada ao feminino profundo e a água, pois, para elas, existe - na mulher - força e fluidez capazes de cuidar do planeta, preservando, assim, a nossa espécie. O cuidado foi definido, por esse grupo, como suporte da ecologia humana. Dessa forma, essa categoria foi considerada fundamental na relação entre os seres humanos e todas as demais formas de vida.

Foi possível observar, em algumas falas durante as oficinas, que vem emergindo uma nova consciência que não quer a guerra entre os sexos e nem entre humanos de forma geral, mas uma relação entre homens e mulheres mais respeitosa e solidária. Nesse sentido, a palavra compartilhar também foi considerada um aspecto fundamental do feminino por ser uma ação importante para a manutenção do fluxo da vida.

A cultura de paz e a percepção da água como matriz ecopedagógica foram reiteradas como parte do resgate do feminino, do poder de parceria e da solidariedade. Percebeu-se que é

tempo de agirmos com o coração, com sentimento, com consciência das nossas atitudes e dos seus reflexos. Para tanto, se faz necessário romper o paradigma utilitarista e resgatar o princípio feminino para a colaboração na gestão da água, entendendo a gestão como espaço de tomada de consciência e de decisão sobre o manejo cuidadoso das águas e da natureza de um modo geral.

No diálogo e no encontro, na escuta sensível e na fala respeitosa, nos fortalecemos enquanto mulheres e homens que, historicamente, buscam soluções de seus problemas cotidianos por meio das suas articulações políticas, sociais, econômicas, culturais e espirituais, já que somos inseparavelmente cultura e natureza, como nos ensina Edgar Morin.

Essas percepções compartilhadas constituíram as categorias cruciais inseridas na complexa teia de indagações que permitiram um olhar reflexivo. É verdade que todas as questões não foram respondidas integralmente. Penso que muitos mergulhos precisam ser realizados para irmos além do ponto aonde chegamos, o que fizemos foi acender um pequeno foco de luz sobre elas, problematizar, para tentar entender certos significados e relações.

Percebi que, no caminho das águas, existem muitos afluentes e que, no trajeto, pode-se ver a formação de redemoinhos, correntezas e desvios. Porém, para que ocorra a superação dos obstáculos, devemos buscar o fluxo das águas.

Hoje, muitas pessoas, mulheres e homens, questionam o poder dominante e o tipo de sociedade que é considerada de risco. As características das águas podem contribuir para fluírem na busca de alternativas para a sustentabilidade da vida, seja atuando em organizações de base, modificando os estilos insustentáveis de vida ou participando das políticas públicas relacionadas aos temas ambientais.

Sei que, nesse rio, há muito a percorrer, muito a conhecer. Fico me perguntando, por exemplo, como seria uma gestão amorosa das águas? O que pode a água, por si mesma, nos ensinar? Ela é sábia e generosa, assim como o feminino, e essa sabedoria poderá nos ajudar a sanar as feridas causadas pelas ações humanas na sua relação com a natureza e buscar uma ecologia humana profunda e coerente com a sustentabilidade da vida. Para isso, parafraseando Maturana (2004), penso que um novo “languagear”, uma nova rede de conversações deve ser criada e fundamentada na amorosidade.

Concluo este trabalho com a sensação de que poderia ter mergulhado mais profundamente nas questões sociais relacionadas à gestão das águas, nos conflitos socioambientais causa de desigualdades, exclusões e dificuldades de acesso a bens e serviços, apesar de não ter sido este o objeto da pesquisa realizada. Mas, entendo que a importância de um olhar mais amplo e complexo é de fundamental importância para compreender o dilaceramento da ecologia humana.

Porém, após o mergulho nessas águas posso dizer que já não sou mais a mesma, e que saio embevecida de sentimentos de *amor* e *gratidão* (palavras ouvidas muitas vezes nos diálogos ocorridos no campo da pesquisa) por ter tido a oportunidade de realizar esse projeto e exercer o sentido da palavra *Amor* dado por Maturana: *respeito ao outro, como legítimo outro, na convivência*.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBIER, R. O método em pesquisa-ação. In: \_\_\_\_\_. **Série Pesquisa em Educação**. 3 v. Brasília: Plano, 2002 p. 63-146.

\_\_\_\_\_. **L'approche transversale**: l'éconte sensible em sciences humaines. Paris: Antroplos, 1997.

BARROS, M. **O Espírito vem pelas Águas**. Goiás: Editora Redes, 2002.

BOECHAT, W. Afrodite, a deusa do amor. In \_\_\_\_\_. (Org.). **Mitos e Arquétipos do Homem contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A voz do Arco-Íris**. Brasília: Letraviva, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Ethos Mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000b.

\_\_\_\_\_. **As quatro ecologias**: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Aqui onde moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2.ed. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. A Voz das Avós no fluir das águas. In: **X Encontro do Conselho internacional das treze avós nativas**. 2012, Brasília.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Recursos Hídricos e Meio Ambiente Urbano. Água como Matriz Ecológica: uma experiência de aprendizagem significativa e sustentável. In: **Políticas de**

**Água e Educação Ambiental:** processos dialógicos e formativos em planejamento e gestão da água. Brasília: 2011. p. 95-98.

\_\_\_\_\_. Mediação Educadora. In: **Encontros e Caminho:** formação de educadores ambientais e coletivos educadores. 3 v. Brasília: 2014. p. 256-271.

CAPRA, F. **O ponto de Mutação:** a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **As Conexões Ocultas:** ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARTA da Terra. Disponível em: <<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CATALÃO, V. M. L. As qualidades Sensíveis da Água. In: \_\_\_\_\_. e RODRIGUES, S. (Org.). **Água como Matriz Ecopedagógica.** Brasília: Ed. da UnB, 2006.

\_\_\_\_\_.; IBANEZ, M do S. Água como Matriz Ecopedagógica. In: 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ÁGUA E TRANSDISCIPLINARIDADE, 2012, Brasília. **Água e Transdisciplinaridade:** para uma ecologia de saberes. Senado Federal e CET- Água, 2012. p. 115-120.

CENTRO de Estudo Transdisciplinar da Água. Disponível em: <<http://cetagua.org/categoria/blog/#post-103>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. Escuta Sensível: O que é? (Escuta sensível em diferentes contextos laborais). In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.). **(Com) Textos em Escuta Sensível.** Brasília: Thesaurus, 2011. p.15-52.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativos, quantitativos e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.82-94.

EISLER, R. **O Cálice e a Espada:** nosso passado, nosso futuro. São Paulo: Palas Atenas, 2007.

ELIAS, J.; KETCHHAM, K. **Na Casa da Lua**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FAUR, M. **Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 2011.

FRANCO, A. **Capital Social**: leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levi. Brasília: Millennium, 2001.

FRANCO, M. L. P.B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, M. A. C. Água Cultura e Tradições. In: 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ÁGUA E TRANSDISCIPLINARIDADE, 2012, Brasília. **Água e Transdisciplinaridade**: para uma ecologia de saberes. Senado Federal e CET- Água, 2012. p. 133-136.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educar para a Sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GONÇALVES, C.W.P. **Os des(caminhos) do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2000.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1990.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, 2008.

JAFFÉ, A. O Simbolismo das Artes Plásticas. In: JUNG, C. (Org.). **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1964. p. 230-271.



JACOBI, P. R. Dimensões Políticas para a Gestão Compartilhada da Água. In: 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ÁGUA E TRANSDISCIPLINARIDADE, 2012, Brasília. **Água e Transdisciplinaridade**: para uma ecologia de saberes. Senado Federal e CET- Água, 2012. p. 143-150.

JUNG, C. G. et al. **O Homem e seus símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOSS, M. V. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é Ecologia**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 16ª reimp., 2006.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber livro, 2012. Série Pesquisa v.21.

MAGALHÃES, H. G. D. **A Simbologia da Água no Imaginário Grego**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 07, número 12, 2008.

\_\_\_\_\_. A Ecopedagogia e a Pedagogia da Informalidade na escola. In: **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**: PPGEA/FURG- RS., v30, n2, jul/dez.2013. p.304-316.

MAGALHÃES, Y. M. A Relação Ecológica e Educação Ambiental. In: 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ÁGUA E TRANSDISCIPLINARIDADE, 2012, Brasília. **Água e Transdisciplinaridade**: para uma ecologia de saberes. Senado Federal e CET- Água, 2012. p. 43-65.

MATURANA, H.R.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Tradução de J. P. dos Santos. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação e Transdisciplinaridade.** In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, 1999, São Paulo. Escola do Futuro/USP.

\_\_\_\_\_. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana.** Organização e tradução de C. Magro; V. Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_.; REZEPKA, S. N. **Formação Humana e Capacitação.** Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_.; VERDEN-ZÖLLER, G. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: **Amar e Brincar:** fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Tradução: H. Mariotti; L. Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Tradução de J. F. C. Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MORAES, M. C. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_.; VALENTE, J. A. **Como Pesquisar em Educação a partir da complexidade e da Transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, E. **O método 1: A Natureza da Natureza.** Portugal: publicações Europa-América, 1977.

\_\_\_\_\_. **O método 2: A vida da Vida.** Portugal: publicações Europa-América, 1980.

\_\_\_\_\_. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Método 6: ética.** 4ªed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Via para o Futuro da Humanidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MURARO, R. M. **Textos da Fogueira.** Brasília: Letraviva, 2000.

NARANJO, C. **Coisas que Venho Dizendo**. São Paulo: Editora Esfera, 2006.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

\_\_\_\_\_. et al. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 1999.

\_\_\_\_\_. et al. **Educação e Transdisciplinaridade II**. Brasília: UNESCO, 2002.

PELLANDA, N. M. C. **Maturana e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PINEAU, G. **Temporalidade na Formação**. São Paulo: Triom, 2004.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

RODRIGUES, M.L. Metodologia Multidimensional em ciências humanas: um ensaio a partir do pensamento de Edgar Morin. In: **Metodologias multidimensionais em ciências humanas**. Brasília: Liber Livro, 2006. Série Pesquisa, V.14. p. 13-32.

SCHWENK, T. **Le chaos sensible: creation de forms par les mouvement de l'eau et de l'air**. Paris: Editions Triades, 1982.

SIMONINI, F. **Água na Mitologia Grega**. Portal Aprendiz, São Paulo. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/designsocial/molhandomundo/sites/site800x600/2gentedeagua/gentedeaguaacima.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2013.

SPERANZA, A. **Ecología Profunda Y Autorrealizacion: Introduccion a la filosofia ecológica de Arne Naess**. 1ª ed. Buenos Aires: BÍblio, 2006.

SIPRAND, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas Ambientais. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.1. Nº1, janeiro/ março, 2000. p.61-71.

STEIN, R. M. Da liberação da Mulher à Liberação do Feminino. In ZWEIG, C. **Mulher**: Em busca da Feminilidade Perdida. São Paulo: Ed. Gente, 1994. p. 65-79.

TSÉ, L. **Tao Te Ching**: O livro que revela Deus. Tradução e notas: Huberto Rohden. São Paulo: Martin Claret. Coleção: A obra prima de cada autor, 2003.

VELOSO, C. **Terra**. Disponível em: <[http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/terra.html\\_ixzz2dxBX8bhV](http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/terra.html_ixzz2dxBX8bhV)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

WERA, K. **Dancing to the Waters**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wYV9pnxt9vs&feature=share>>. Acesso em: 17 ago 2013.

ZWEIG, C. **Mulher**: Em busca da Feminilidade Perdida. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

ZYLBERSZTAJN, A. Revoluções Científicas e Ciência Normal na Sala de Aula. In: MACHADO, J. R. C. (Org.). **Prática Pedagógica em Química I**. Disponível em: <<http://www2.ufpa.br/quimdist/Livros/pratica%20pedagogica/Pratica%20I%20definitiva%20ok.pdf#page=40>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

## APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO E ECOLOGIA HUMANA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esse termo de consentimento tem por objetivo o esclarecimento sobre a utilização dos resultados obtidos nas vivências e diálogos realizados na oficina bem como quanto ao uso das imagens feitas na ocasião. Os conteúdos serão utilizados, resguardado o anonimato das falas, na dissertação para obtenção do título de mestrado, em publicações acadêmicas, em possíveis palestras à comunidade acadêmica ou outras interessadas na temática e na ampliação da pesquisa científica e projetos acadêmicos.

Agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura no formulário abaixo:

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Mestranda Neusa Helena Rocha Barbosa

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Vera M. L. Catalão

Eu \_\_\_\_\_, CPF, \_\_\_\_\_, autorizo a pesquisadora Neusa Helena Rocha Barbosa mestranda em Educação – UnB, cujo projeto de pesquisa é denominado “NAVEGANDO NAS ÁGUAS DO FEMININO PROFUNDO E DA ECOLOGIA HUMANA”, sob orientação da Profa. Dra. Vera Margarida Lessa Catalão, a utilizar-se, resguardado o anonimato, das informações obtidas oficina/encontro sobre a temática e no questionário do qual participo, por meio das respostas escritas e das falas gravadas, bem como a fazer uso de fotografias tiradas durante os trabalhos na oficina, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, para fins acima declarados.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

## APÊNDICE 2



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO E ECOLOGIA HUMANA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esse termo de consentimento tem por objetivo o esclarecimento sobre a utilização dos resultados obtido na entrevista bem como quanto do nome pessoal e ao uso das imagens feitas na ocasião. Os conteúdos serão utilizados na dissertação para obtenção do título de mestrado, em publicações acadêmicas, em possíveis palestras à comunidade acadêmica ou outras interessadas na temática e na ampliação da pesquisa científica e projetos acadêmicos.

Agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura no formulário abaixo:

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Mestranda Neusa Helena Rocha Barbosa

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera M. L. Catalão

Eu \_\_\_\_\_, CPF, \_\_\_\_\_, autorizo a pesquisadora Neusa Helena Rocha Barbosa mestranda em Educação – UnB, cujo projeto de pesquisa é denominado “NAVEGANDO NAS ÁGUAS DO FEMININO PROFUNDO E DA ECOLOGIA HUMANA”, sob orientação da Profa. Dra. Vera Margarida Lessa Catalão, a utilizar-se das informações obtidas na entrevista da qual participo, por meio das respostas escritas e das falas gravadas, bem como a fazer a revelação do meu nome pessoal bem como o uso de fotografias tiradas durante a entrevista, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, para fins acima declarados.

Declaro- me ciente e concordo com o acima exposto.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Data

## APÊNDICE 3

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

#### Dados:

Nome completo

Idade:

Contatos:

Profissão/ocupação:

#### Roteiro para a entrevista:

- 1- As relações entre a ecologia humana , o feminino profundo e a água.
- 2- O que considera mais significativo em relação a essa temática?
- 3- Você já vivenciou alguma experiência envolvendo esse campo temático? Qual e de que forma ela ocorreu?
- 4-A relação entre o feminino profundo e a água na nossa sociedade.
- 5-Relação entre feminino e a crise ambiental.
- 6- Como a relação entre a água e o feminino pode contribuir para o desenvolvimento de uma ecologia humana?
- 7- Que pensadores inspiram a sua reflexão sobre este campo temático?
- 8- O papel da educação para ressignificação do feminino e da água.